Livraria Camões
R. da Misericórdia, 137-141
Telef. 327272
Lisboa - 2 — Portugal

N.º .....

.....

John Carter Brown
Library
Brown University

Li
R. c

CARTAS AMERICANAS.

PUBLICADAS

POR

THEODORO JOSE' BIANCARDI.

LISBOA:

Na Impressão de Alcobia. 1820.
Com licença da Commissão de Censura.

Vende- na loja de João Nunes Esteves,
Rua do Ouro N. 234.

(1118)

PREFACIO.

SEguindo o exemplo do célebre Montesquieu, intitulei *Americanas* as Cartas que publíco; e ajuntei-lhe notas, por que me pareceo indispensavel em alguns lugares illustrar o texto, e em outros apontar os escriptos, donde se extrahirão factos e provas. Ceve-se a mordacidade dos Críticos no estilo, nos sentimentos, e nas idéas; não escrevem os Authores para contentar a todos, mas aos bons: e só destes amo os louvores, e os reparos.

CARTAS AMERICANAS.

CARTA I.

Placido a Emilia.

DEscobrirão-se os nossos amores, desgraçada amante; e meu Pai, para termina-los, olhando-me como reo de crime inexpiavel protesta mandar-me para a Europa no primeiro navio que largar do porto. A todos os instantes minha afflicta Mái lhe supplica, chhorando, o perdão deste filho infeliz, cujo crime he adorar-te; ah! são inuteis gemidos, e lagrimas: nada póde demove-lo do seu terrivel proposito.

Oh minha terna Emilia! que incomprehensivel poder não tem os prejuizos que assim suffocão a voz da Natureza, e aniquilão os sentimentos mais deliciosos do coração humano! Este mesmo Pai, que em outro tempo satisfaria, se podesse, meus de-

sejos antes de declarados, que sem cessar formava votos pela minha felicidade, agora só me julga digno de maldições e desterros. Oh Ceos! e hei-de deixar-te Emilia? Ir habitar onde tu não vives? Que poder ha no mundo que me obrigue a tão terrivel sacrificio? Eu sei, e quero respeitar o poder paterno, mas respeite-se tambem a minha escolha. Injusto Pai? que mulher mais digna destinavas para teu filho? Que merecimento antepões á virtude! Porque queres separar dois corações que o Ceo formou para se unirem! Desampara-me; reduze-me a morrer; todas as desgraças posso supportar; mas perde-la .... ah! para isso não bastão as forças do meu coração.

Creados desde a infancia, como se nos destinassem um para o outro, entretidos nas mesmas recreações innocentes, e senhores de nos vermos a todas as horas do dia, passavamos docemente o tempo, concertando o projecto da nossa futura união. Um instante, um só instante de desgraça cortou para sempre o fio dos nossos prazeres.

Não duvidemos, minha terna Emilia; fez termo a nossa cuna felicidade; o coração mo vaticina. Tristes presentimentos me affligem .... horriveis sonhos me inquietão... sombrio e negro se me figura quanto vejo, quanto imagino. Se a fantasia me forma o teu retrato, mais te reconheço pela agitação

do meu coração do que pela semelhança da imagem. O gesto sempre conserva o ar affectuoso e enternecido .... como póde perde-lo sendo teu! mas os risos, a graciosidade, a viveza inquieta de teus olhos, não se divisão nestes tristes debuchos. Teus cabellos sem alinho espalhados sobre os hombros, a côr mimosa das tuas faces desbotada e amórtecida, o desassocego em todas as tuas acções.... que differença, Emilia, entre estas, e as risonhas pinturas, em que me enlevava na tua ausencia! Que differença do antigo tempo feliz, ao desgraçado presente, e ao futuro espantoso que me espera! Ah! se os meus tão puros affectos chamão sobre mim tantos desastres, se não hei-de possuir-te, minha innocente Emilia, termine-se esta inutil e detestavel vida, e acabem com ella os meus crueis tormentos.

CARTA II.

Emilia a Placido.

PRazeres, felicidade, amor! Nomes gratos ategora que o meu coração foi ditoso! Venturas quimericas, que inconsiderada imaginei tantas vezes que ainda poderia gozar! Tudo foi sonho: tudo he nada; e por cumulo do mal, aquell que devia consolar-me, exacerba, em contrario, as minhas penas:

Porque te aborreces da vida, Placido? Já ninguem existe no mundo para quem devas conserva-la? Pereça embora o desesperado, que se acha só no meio do Universo, e cuja alma furiosa conta com horror os instantes da sua duração; mas tu por mim destinado .... ah! se fugirão do teu coração todas as esperanças, já não vive para ti a tua infeliz Emilia.

Es desgraçado? E que pensas de mim, amante singular.? Se me viras delirando com a dor de perder-te, correr insensata d'um lugar para outro, chamar-te, pedir-te que me não deixes, e abatida em fim pela força dos transportes, gemer de saudade, como se já foras ausente, talvez fizesses por piedade, o que não lembrou ao teu amor. Como! como podeste pensar que eu seria menes sensivel. á tua morte que á tua ausencia: Que estranho modo de sentir, e de amar he o teu!

Separada de ti, poderei achar consolações no teu amor, na tua constancia, nas noticias da tua fortuna, e até lisongiar-me com a esperança de chegarmos algum dia a viver juntos; mas que me resta no mundo, se tu me faltas? Cruel! porque desprezas a minha sorte occupando te simplesmente da tua? Porque rasgas as chagas do meu coração, quando devias sara-las com o balsamo da tua ternura? Peior tyranno para mim que

teu Pai, queres abandonar a amante, quando te obrigão unicamente a deixar a patria; elle, interrompe as nossas relações; tu, queres termina-las para sempre; e mais furioso que amnate, cuidas em findar as tuas afflicções, sem te lembrares de que existe no mundo uma infeliz, que não póde viver sem ti! Insensivel! como não previste os effeitos das ultimas palavras da tua carta! Ah! depois que a recebi, horriveis scenas se renovão ante os meus olhos noite e dia, e a todos os momentos me parece ver-te espirando, ora ferido, ora envenenado. Se ouço vozes, es tu que me dás o ultimo adeos; se sinto o menor sussurro, es tu lutando com a morte.... ah! Placido! contempla o abysmo profundo de meus males, e considera, se podes, sem tremer, que tu mesmo es a origem das minhas maiores angustias.

CARTA III.

Placido a Emilia.

EU, a origem das tuas angustias! Eu, que daria contente a vida para te alcançar um prazer! Oh Emilia! e são tuas tão duras expressões? Pôde o teu coração conceber taes sentimentos, e a tua mão escreve-los? Ah! quando fosse verdade que eu fivesse

chorado em demasio nossos infortunios, devias perdoar me este erro pelos martyrios do meu coração. Se elle padece, Emilia, raras vezes a razão acerta.

Não ha muito que tu marcaste com ternas caricias o principio dos nossos amores, e que eu senti o puro deleite do teu primeiro abraço. Ainda me parece que apenas saio do voluptuoso transporte em que se absorveo a minha alma nesses rapidos instantes, que deverião durar eternamente, e já desterrando-me para longe de ti, me arrancão de tudo que amo. Ah! Emilia! e quando desapparecem tantas delicias sentidas, e tantas imaginadas, quando me privão da suprema felicidade de passar ao teu lado uma vida innocente, e socegada, estranhas que não veja no futuro mais que insoffriveis desventuras?

Tambem es desgraçada, e muito; mas se comparo as nossas situações, conheço que te restão no meio das tuas penas algumas doçuras que me são negadas. Ficas no seio da tua familia: es amada de Pais, que, certos nas minhas promessas, favorecião nossas relações; e até vives junto aos lugares que já forão testemunhas dos nossos amantes transportes. Aqui te lembrará que foi o sitio onde pela primeira vez te jurei eterno amor alli verás aquelle onde enxuguei as tuas lagrimas, que corrião por huma des-

confiança mal fundada; e deste modo illudido talvez penses que inda me ouves, que ainda me fallas, e entreterás teu coração, na falta de prazeres reaes, com estas gratas quimeras. Porém eu, sem Emilia, sem patria, sem parentes, como calarei os gritos do meu coração, como lhe adoçarei as saudades?

Ah! constragido sem remedio a deixárte, possa ao menos sustentar a vida com a doce persuasão de que es algum tempo feliz. A mil legoas de distancia julgarei ver-te empregando as horas do dia em differentes acções virtuosas, e as imaginadas distracções dos teus males serão um verdadeiro allivio dos meus. Sim, alma pura e celeste, consolando os infelizes, soccorrendo os miseraveis, e desempenhando os deveres sagrados de filha, occupa dignamente o teu coração, e esquece-te,... se preciso he! do teu desditoso amante. Quem pudéra, Emilia, inventar ainda, em teu favor, novos modos de apagar a inutil lembrança do que sentimos, e fomos. Já não desejo; nem peço venturas para mim; odiosos me são todos os bens que não posso repartir comtigo; e se basta, oh Ceos! para contentar a vossa colera, que viva um de nós na desgraça, preservai a minha adorada Emilia, e fazei-me o mais infeliz dos homens.

CARTA IV.

Placido a Emilia.

PErturbada a razão, alienados os sentidos, tomo convulso a penna para dizer-te, que em breve partirei, antes de tornar a ver-te. Negão-nos .... oh estranha barbaridade! a triste consolação da despedida, e a doçura dolorosa do ultimo abraço Ao romper da manhã irei engolfar-me em mares, onde talvez terminara a penosa carreira de meus dias. Quando entregue aos delirios de tão desgraçado amor, pensares .... triste Emilia! que ainda podes dar-me um terno adeos, já cruelmente violentado me levarão os ventos para longe de ti. Cada hora, cada instante me acharei mais afastado das regiões felizes em que habitas: um immenso Oceano no mei de nós ... mas ouço vozes! .. chamão-me! ... que momento terrivel! Adeos, amante unica .... querida metade da minha alma, adeos. Virtuosos Pais! Familia estimavel! ah! eu perco em vós o que nunca mais acharei sobre a terra.

CARTA V.

Placido a Emilia.

Aonde estou eu? Para onde corro? Para onde me arrebatão estes barbaros, que lentamente me assassinão? Emilia, minha terna Emilia! ah! tu já não podes ouvir os clamores do teu infeliz amante; ventos favoraveis aos designios dos nossos inimigos me apartão rapidamente de ti. Não, meus olhos não tornão a ver-te, o doce som da tua voz não chega mais aos meus ouvidos .... oh dor! oh tormento! Emilia! pouco governa a razão; e de delirio em delirio tremo a cada momento que a desesparação se apodere da minha alma. Agora mesmo que te escrevo á fraca luz d'uma lanterna, no silencio da noite, em que apenas se distingue o rumor das ondas divididas, que funebres pensamentos vem assáltar o meu espirito! Que perigosas tentações, e que violentos esforços para não succumbir a ellas! O mar offerece-me continuamente um asilo seguro no seu seio .... os males são intoleraveis .... o lugar opportuno para um desesperado .... Emilia! terno e unico objecto do meu fa-

tal amor ! aceita .... Ah ! talvez o ultimo adeos do teu desgraçado amante. (1)

CARTA VI.

Placido a Emilia.

Vinte vezes , Emilia , tem o Sol apparecido , e se tem escondido no horizonte desde o dia em que me apartei da terra, onde tão ditoso te adorava. A tristeza que me consume , a uniformidade que reina nesta morada volante , e perigoza , e a certeza de que tão cedo não recebes as minhas cartas , me tem quebrantado as forças do espirito , conservando-me n' uma especie de lethargo do qual , por assim dizer , acordo hoje ao motim d' um infortunio.

Um marinheiro , que , em serviço , tinha subido á verga d'uma véla , não podendo sustentar-se com os balanços do navio , foi por um delles precipitado nas ondas. Mal se ouvio dizer = homem ao mar = desacordados os companheiros atirão á agua quanto julgão capaz de o sustentar boiante. Váos empenhos ! Impellido o navio pela violencia

(1) Placido entendeo discretamente que devia ser mais moderado nas cartas que remettesse , como se começa a ver na seguinte.

do vento, não póde fazer-se na volta a tempo de se encontrar o miseravel

Não bastão expressões para mostrar-te a impressão que deixou na minha alma este infeliz successo. Sempre me parece que estou vendo o desgraçado no meio d'um mar sem limites, seguindo com os olhos o navio que se afasta, e já desfallecido, á força de fadiga, lutar entre agonias com as ondas, em que finalmente se submerge.

Revolta-se a razão, quando se contempla como ámes que tão pouco durão, affrontão denodadas os perigos e a morte, até por um vil interesse que, de ordinario, os não tira da miseria da sua condição. Não contente o homem com os flagellos naturaes, que o atormentão de continuo na carreira da vida, parece ter feito escrupuloso estudo para abraçar quanto póde abbreviar, ou azedar os curtos momentos que tem de existir neste mundo. Conduzido pela avareza, nenhuma difficuldade, nenhum trabalho o desanima. Em vão cresce o numero dos naufragios, que tantos milhares de infelizes tem sepultado nas aguas; tão tristes exemplos não servem de corrigir o avarento, a quem a fome do ouro tudo mostra facil, e até justo, quando se trata de adquirir riquezas.

O' paixão indigna! talvez a mais vil entre as que lutão contra o dever no coração humano, e que sem cessar nos arrastão a

crimes, e a desastres! A ti se deve a arte perigosa, que deo aos homens o dominio dos mares, e que facilitando a communicação entre regiões que o Oceano separava, tanto concorre agora para nos fazer desgraçados. Sim, Emilia, se nunca se tivesse aperfeiçoado a navegação, se nunca os Hespanhoes tivessem abordado ás nossas praias, se o caminho da Europa fosse ignorado, teriamos derramado menos lagrimas, e supportado menos afflicções. Mas, quanto se engana quem pensa que separando-nos os corpos, nos separa tambem as almas! Por ventura depende o meu amor do lugar onde tu existes? Sentirei menos em outro continente o poder irresistivel dos teus encantos! Podem os teus agrados esquecer ao feliz que chegou a merece-los!

Desde o venturoso instante em que os nossos corações se entendêrão, conheci que não erão proprios para amar duas vezes; e que da primeira paixão que sentiamos, resultaria a felicidade, ou a desgraça da nossa vida. Ah Emilia! como deixarião de ser verdadeiros estes meus sentimentos? Tú não podes ser inconstante, porque o teu virtuoso coração o não consente; e eu porque amo a melhor das creaturas. Oh triunfo sublime do amor! Os crueis sim conseguirão apartar-me da tua vista, mas nunca poderão impedir que eu te veja, e te falle dentro do

meu coração: ahi receberá sempre a tua imagem querida as minhas ternas adorações: e a pezar das injúrias dos homens, e da sorte, se não chegarmos a esposos, morreremos amantes.

CARTA VII.

Placido a Leandro.

TEndo Isido, como sabes, victima infeliz da injusta cólera de meu Pai, e vendo-me separado de todas as pessoas que amo, passava as horas, e os dias a contemplar na imprevista revolução, que desordenou meus projectos, e que me despenhou da superior altura, a que me tinha subido o amor. O Ceo porem, condoido talvez da minha mofina sorte, me dedarou aqui um Portuguez, que, além de ter com doces consolações introduzido o calor da esperança neste coração frio e desanimado, com judiciosas prátricas me diverte do fastio de tão dilatada viagem.

Não penses comtudo que outro occupa na minha alma o lugar que te compete pela excellencia das tuas qualidades: amo-te sobre todos os homens, e serás, em quanto eu viver, o meu primeiro amigo.

Differentes assumptos se tem tratado em nossas conversações: mas um delles pela

sua natureza tem merecido mais a minha attenção, e não me parece indigno da tua.

Fallando comigo, este homem estimavel, da litteratura antiga e moderna, soltou de passagem algumas expressões em descredito das sciencias, e das artes; e querendo eu sondar o fundo das suas idéas sob e este objecto, discutio-se a materia, e chegou a affirmar sem rebuço q e erão sempre viciosos os póvos que prezavão as sciencias; e virtuosos e justos os que não sahião da ignorancia.

O respeito e veneração devida aos autores distinctos, que trabalhão para o bem da humanidade, e a lembrança dos prazeres que me causa a leitura deleitosa, ou util dos bons escritos, obrigarão-me a fazer, contra os seus raciocinios, algumas observações, que resolvi ordenar, e communicar-te. Mas como seria prolixidade fastidiosa enfiar um a um todos os argumentos, fallarei sómente dos que são extrahidos da historia, e começarei por mostrar que a dos Romanos não póde provar, como se pertende, a maligna influencia das doutrinas humanas.

Gaba-se muito o caracter dos Romanos dos primeiros seculos da Republica; e p que então não tinhão sciencias, e bem poucas artes, conclue-se que ellas forão depois a causa da sua decadencia e escravidão.

Porém, ainda não havião sciencias em

Roma, e já os crédores reduzião á escravidão, e atormentavão os miseraveis devedores, que não podião pagar as exorbitantes usuras que acompanhavão os emprestimos; por cujas violencias desamparou o povo a Cidade, onde lhe pagavão com fome e miseria as victorias alcançadas contra os inimigos da patria (1).

Ainda não havião sciencias em Roma, quando dez monstros conhecidos com o nome de Decemviros, não só se mostrárão em público cercados de lictores, e d'uma multidão de Patricios licenciosos, ministros dos seus crimes, mas despojárão arbitrariamente muitos cidadãos dos seus bens, e tirárão a outros impunemente a vida. (2).

Finalmente ainda não tinhão sciencias os Romanos, e já exercitavão com os póvos vizinhos, e alliados injustiças e traições. Os que lhe confiárão o poder de decidir as suas differenças, conhecêrão, com prejuizo seu, qual era a boa fé destes conquistadores. (3) O mais frivolo pretexto servia de

(1) Frenebant, se foris pro libertate, et imperio dimicantes, domi a civibus captos et oppressos esse. *Tit. Liv.* Liv. II. *Tacit. Ann.* Liv. VI. Cap 16.

(2) Ne gratuita crudelitas esset, honorum donatio sequi domini supplicium. *Tit. Liv.* Liv. III.

(3) Por exemplo, quando os Ardeates e Ari-

motivo para a declaração d'uma guerra: violavão-se sem pejo os tratados de alliança, ou de paz; e illudia-se a fé pública com expedientes indignos, e muitas vezes ridiculos. (1)

Poderá comtudo dizer-se que organizárão o governo, quando erão ignorantes, e que não podérão conserva-lo depois da introducção das sciencias. Respondo, que não devêrão á ignorancia as suas boas instituições, e que já existião no tempo della as principaes causas das posteriores desgraças.

Expulsos os Reis, os Romanos que se julgavão livres, se acharão sujeitos á mais dura Aristocracia, porque os nobres erão tantos Tarquinios, que reputavão escravos os plebeos. Crescendo de dia em dia as violencias, e usurpações obteve o povo, por meios extraordinarios, (2) a creação dos seus Tribunos; e estes Magistrados, á força de debates com os Patricios, conseguirão que elle participasse com os nobres de todas as hon-

---

cios, disputando sobre o dominio d'hum territorio, se louvárão nos Romanos, julgarão estes bons arbitros que pertencia á Republica.

(1) Póde ver-se em *Tito-Livio* o vergonhoso procedimento do Senado, recusando ratificar tratados de paz, que salvárão milhares de Romanos, tanto no desfiladeiro das forcas-Caudinas, como na guerra de Numancia.

(2) Retirando-se para o Monte-Sagrado no anno de Roma 259.

tas, e dignidades da Republica. Porém estes mesmos debates que aperfeiçoárão a Democracia, produzírão tambem a sedição dos Grachos, e as proscripções de Sylla, que preparárão os animos para a tyrannia de Cesar. Donde se segue que esta causa da perda da sua liberdade, e por tanto dos seus costumes, precedeo muito á época em que as sciencias forão conhecidas em Roma.

He igualmente certo que os Romanos se perdêrão pela sua desmedida ambição. Depois que se construirão frotas, e se respeitou o nome Romano fóra da Italia, degenerou progressivamente a Republica. Não bastando, diz Montesquieu, os filhos de Roma para se formarem exercitos destinados a aterrar todas as Nações do mundo, concedeo-se o privilegio de Cidadão Romano aos alliados que ajudavão a vencer; e Roma perdendo assim as vantagens que resultavão da unidade do seu corpo, não foi mais que um aggregado monstruoso dos differentes póvos da Italia. As legiões, continúa elle, conservadas por longo tempo em paizes remotos, só vírão, e amárão seus Generaes: e estes pouco a pouco conhecêrão que poderosos, e amados sem risco desprezarião as ordens do Senado. Em fim, meu Leandro, a Republica, obrigada pelas conquistas a dividir-se em provincias, e dando a cada uma

um Chefe, creou no seu seio as viboras que deviáõ dilacerar-lhe as entranhas.

Por tanto, se o atrevido projecto de uma invasão universal, fez por fim cahir aquelle soberbo colosso de poder, cuja enorme grandeza o fazia abrir por todos os lados, deveremos assignar, ao menos, na primeira guerra Punica, este principio da sua ruina; tempo em que não tinha ainda apparecido Ennio, o primeiro que escreveo em verso heroico, nem existião Plautos, nem Terencios (1).

Porém, dirão alguns, havendo, assim antes, como depois da cultura das sciencias, cidadãos revoltosos, e ávidos do poder supremo, por que razão nos primeiros tempos para gloria da ignorancia sahio sempre dos conflictos victoriosa a virtude; e nos ultimos, como para opprobrio do saber, sahio sempre triunfante o crime?

Nos dias felizes da Republica castigou-se a ambição dos Cassios, e a incontinencia dos Appios, porque o povo podia tudo contra homens que não erão ajudados de for-

---

(1) No parecer de *Cicero*, *Tuscal.* I. §. 1., data-se o nascimento da Poesia Latina pelo anno 510 da fundação de Roma. No §. 3. aponta o mesmo author por primeiros Oradores Catão, Galba, Scipião, e Lelio. E na *Tuscul.* IV. §. 3. diz tambem que não conhece Filosofos antes do tempo de Scipião, e Lelio.

ças militares; mas quando o feroz Mario (inimigo declarado da literatura (1), e o implacavel Sylla entrárão em Roma com exercitos, a probidade desarmada implorou gemendo a clemencia dos Generaes. Ainda alguns illustres Romanos emprehendêrão salvar a patria como em outro tempo os Camillos, e Cincinatos: mas não se tratava já de apaziguar tumultos populares, nem de combater póvos vizinhos, e inferiores, ou no numero, ou na disciplina; era preciso destruir o poder de Cesar, e a fortuna d'Augusto: e sendo inutil a virtude heroica dos Catões, dos Brutos, e dos Cassios, acabou a liberdade com estes ultimos Romanos.

CARTA VIII.

Placido a Leandro.

JA vimos que falsamente se imputa ás sciencias o fim desgraçado dos Romanos; e se examinassemos a historia dos Gregos, Egypcios, e Persas, tambem conheceriamos que ellas não forão as causas dos desastres destes póvos. Porém, não podendo assumpto tão vasto ser tratado idoneamente em car-

(1) Veja-se a falla de Mario em *Salustio*, *Hist. da Guer. de Jugarth.* Cap. 83.

tas, só farei algumas rapidas reflexões para que se não tome o silencio por carencia de defeza.

Ninguem ignora que o ciume, começado entre Sparta e Athenas, logo depois das batalhas de Salamina e Platea, e fomentado nestas famosas Republicas por meios differentes, produzio a guerra do Peloponesso; e que nella succumbindo, e triunfando alternadamente os Spartas, e os Athenienses, ambos por fim se perdêrão. Ora, como os fundamentos (1) desta rivalidade, origem fecunda de males, erão independentes das sciencias, póde concluir-se, até pelo exemplo da Lacedemonia, que os Athenienses sempre terião a sorte que tiverão, ainda que fossem tão grosseiros como os selvagens do Canadá.

He verdade que Pericles, projectando governar Athenas, exaltou o amor das Bellas-Artas, e multiplicou os espectaculos, e as festas, para que o povo distrahido não penetrasse seus designios criminosos; mas tão

(1) Depois da derrota dos Persas, oppozerão-se os Lacedemonios á reedificação dos muros d'Athenas, allegando que os Persas, se voltavão, podião nelles fortificar-se. Themistocles enviado nessa occasião á Sparta soube artificiosamente enganar os Lacedemonios, em quanto se levantavão as muralhas. Sparta nunca pôde perdoar esta perfidia a Athenas. *Thucid.* Liv. I. Cap. 6.

franco expediente não podia eleva-lo á grandeza que desejava. Depressa conheceo quanto lhe era mais vantajoso diminuir a autorida do Areopago (1), prolongar a guerra, e deslumbrar com o explendor d'algumas acções os olhos dos Athenienses, já por extremo orgulhosos com os successos de Themistocles, de Aristides, e de Cimon. Foi desde então que o povo, indiscretamente ambicioso, começando a ter por certa a conquista da Grecia, e do mundo, lhe abandonou o governo, foi escravo, e em fim vencido, e arruinado (2).

Quanto aos Egypcios, os historiadores, que nos contão que no seu paiz se admiravão os palacios, as pyramides, os labirintos, e se davão honras divinas aos inventores das artes, tambem nos certificão que sábias instituições os formavão verdadeiros homens; que só reputavão nobre o que era util, e que julgavão crimes a falta de beneficencia, de gratidão, e de hospitalidade. Se me di-

(1) *Plutaro.* Vida de Pericles.

(2) A preponderancia d'um Cidadão tem sido sempre fatal ás Republicas. Os Athenienses forão governados por Pesistrates, e por Pericles; os Romanos por Cesar; os Lacedemonios corrompidos por Lisandro; e os Inglezes trabalhando na reforma do Governo, achárão-se escravos de Cromwel. Veja-se o que diz *Thucidides* sobre a autoridade que em Athenas gozava o Cidadão de talentos distinctos. Liv. II. Cap. 11.

zem que os autores que fallão do Egypto, se contradizem a cada passo, e que abundando em fabulas até muitas vezes ridiculas, não merecem credito, concordarei: com tanto que me concedão que tudo o que se expende em abono da opinião contraria, sendo tirado dos mesmos escriptos he, pelo menos igualmente incerto (1).

De que serve tambem dizer-se, sem fundamento, que os antigos Persas forão, nos primeiros tempos, felizes, porque então se aprendia entre elles a virtude, como entre nós se aprendem as sciencias? Como se póde formar juizo seguro dos seus costumes,

---

(1) Rousseau n'um discurso, donde certamente são tiradas as razões, que Placido combate; affirma que o Egypto era tão feliz no tempo de Sesostris, em que não havião artes, que até este Rei sahio do Egypto para conquistar o mundo. Eu direi sómente contra isto, 1.º que se não segue que um povo seja feliz porque o seu Rei quer conquistar a terra: 2.º que he incerto se Sesostris teve essa mania: 3.º que se attribuem ao mesmo Monarca Templos, e outras obras sumptuosas, o que suppoem muitas artes.

Quando o mesmo Autor aponta os Chinas para exemplo, faz tambem um perfeito paralogismo, porque o principio = Os Chinas tem sábios = he falso; salvo, se na China para ser sábio basta não cortar as unhas, e ter o nome de lesrado. Veja-se o que dizem dos seus pertendidos Doutores, *o Padre du Halde, e o Aut. das Recheich. Philos. sur les Egypt. et les Chin.*

e das causas que os pervertêrão, se os escritores até discordão no essencial da vida do famoso Cyro? He Cyro, segundo uns, valoroso heroe que, protegendo a virtude, conquista a Asia, e deixa felizes as nações subjugadas: segundo outros, sanguinario conquistador que usurpa a coroa de seu avô; e assola os largos senhorios, com que dilata o imperio.

Asseverão estes que foi derrotado pelos Scythas: escrevem aquelles que morreo no seu proprio paiz, e entre os seus intimos amigo (1).

Não, meu Leandro, com a historia embaraçada, e escura de tão desviadas idades não se prova que os póvos são tanto mais viciosos e desgraçados, quanto mais instruidos; e se o que digo não basta para destruir a opinião que não adopto, he mais que sufficiente para te fazer desconfiar dos argumentos em que se funda; deixo o resto ao teu engenho.

---

(1) *Herod.* Liv. I. Cap. 11. no fim. *Justin.* Liv. I. Cap. 8. *Xenof.* Liv. VIII. 4.

CARTA IX.

Placido a Leandro.

PArece pouco ao meu contrario, para deshonrar as artes e sciencias, estabelecer, como verdade demonstrada, que estragão os costumes dos póvos, e arruinão os governos; pertende além disto que a verdadeira córagem se enerva, e que as virtudes militares desapparecem á medida que se multiplicão os sábios e os artistas. Consultemos a historia.

Os primeiros seculos da Republica Romana apresentão sem dúvida ao amador da virtude, e da gloria um espectaculo bem digno de inflammar a sua alma. He uma serie dilatada de successos, em que as acções brilhantes se alcanção umas ás outras, e ás quaes dão novo realce os feitos singulares de heroes que não podem ser excedidos. Que modélos mais maravilhosos que Decio no meio dos batalhões inimigos votando-se pela patria: Cursio sepultando se em vida: e Camillo, esquecido da injustiça do seu desterro, arrancando a victoria das máos de Brenno! Celebremos pois a memoria de tantos varões egregios do tempo da ignorancia; mas não recusemos as homenagens devidas aos

guerreiros insignes que no tempo da cultura das sciencias sujeitárão póvos, e Reis ao Senado Romano.

Quando o discreto Polybio recordava aos Romanos as façanhas heroicas que obravão, jactava-se de o ter por amigo o destruidor de Carthago, e de Numancia (1). Cicero emulava na eloquencia com o illustre Orador d'Athenas, quando Cesar conquistava as Gallias á frente de invenciveis legiões. O terrivel Mithridates com exercitos, que se reparavão apenas erão derrotados, vio-se reduzido, pouco tempo antes, a pedir a paz, e a acceita-la de Sylla com condições vergonhosas. Pompeo triunfou então das tres partes do mundo; e Antonio assombrou o Oriente antes de sacrificar o fructo das suas victorias á vaidosa Egipcia. Tal era Roma na guerra, quando se instruia, e recreava com Poetas, Oradores, e Historiadores.

Ainda no tempo dos primeiros Imperadores, ou antes dos monstros, que succedêrão a Augusto, as legiões conservárão o seu antigo credito (2); se finalmente o perdê-

(1) Entre os mil Acheos que forão remettidos a Roma por suspeitas de terem sido favoraveis ao Rei da Macedonia, veio Polybio que em Roma, dizem, escreveo a sua historia, e contrahio estreita amizade com Fabio, e Publio adoptados por Scipião.

(2) Não se affirma o contrario sem desmentir

rão, se os que tinhão vencido os exercitos disciplinados de Pirrho, e de Hannibal, forão desbaratados por barbaros, cuja torrente os Romanos mal julgárão (1) poder reprezar á força de dinheiro, não accuzemos as artes e sciencias; elles só deixárão de vencer depois que as legiões dispozerão do Imperio, que os soldados se corrompêrão pelas gratificações extraordinarias dos Imperadores, e que estes cuidárão tão pouco da defeza das provincias, que até se authorizou por leis expressas a relaxação da disciplina (2). Passemos ás nações modernas.

Quando o temerario Luiz XIV. irritado contra a Hollanda pertendeo subjuga-la, a Europa admirada vio o famoso Ruyter resistir sobre o mar ás forças reunidas da Inglaterra, e da França; e o Principe d'Orange em terra sustentar, e animar os brios dos generosos Republicanos, que abrindo os seus diques, e vendo sem susto Amsterdão, e os campos visinhos nas aguas se dispunhão

---

a historia. Veja-se o que diz *Montesquieu* nas *Considerações sobre as causas da grandeza, e decadencia dos Romanos* Cap. 10, e 11. *Mables* nas *Observações sobre os Romanos* Liv. VI.

(1) He sempre funesta a politica de comprar a paz com dinheiro; diminuem-se as forças proprias, e augmentaõ-se as alheas.

(2) O Imperador Graciano concedeo aos soldados a liberdade de deixarem as couraças, e capacetes.

à morrer, ou viver livres, não querendo deixar ao conquistador, no caso de desgraça, como diz um author celebre (1) mais que a gloria daploravel de ter arruinado o mais singular, e o mais bello monumento de industria humana. Que mais fizera Sparta com a sua ignorancia, e pobreza! (2)

A Inglaterra tão illustre pelos seus escritores, como opulenta pelo seu commercio adquirio, e conserva orgulhosamente o imperio dos mares, a pezar dos esforços do mais atrevido, e ambicioso Tyranno. E a França produzio o maior número de sabios no tempo em que rebateo com gloria as forças combinadas das primeiras Potencias da Europa, que não podérão resistir a exercitos commandados por Condés, e por Turennes.

Finalmente Portugal (pois tambem já figurou no mundo) quando admirava a ousadia do grande Gama descobrindo o Oriente, e as acções espantosas do seu terrivel Albuquerque, contente festejava as polidas producções do illustre Barros, o genio sublime e raro de Camões, e os poemas sentenciosos de Ferreira.

---

(1) *Voltair. Sec. de Luiz XIV.* Cap. 10.

(2) Todos conhecem o commercio, e riquezas dos Hollandezes; as Academias de Leyden, de Louvain; e os seus Lipsos, Erasmos, e outros; o que prova que na Hollanda a córagem não era incompativel com a litteratura e as artes.

Reflectindo em tão claros exemplos, julgo, meu bom Leandro, que são alheias das sciencias as causas que tem abatido n' uns paizes a córagem dos póvos famosos, e em outros estabelecido o Despotismo sobre as ruinas da liberdade.

CARTA X.

Placido a Leandro.

NÃo entendas, meu fiel amigo, que defendo as artes e sciencias, porque ignoro os males de que ellas tem sido origem. Admiro os milagres do espirito humano, e só me parece justo que se clame contra os nossos funestos desvarios.

Se devessemos amar sómente as cousas de que não podessemos abusar, nada escaparia ás nossas maldições, pois até a virtude se transforma em crime se quem a pratíca lhe não conhece os verdadeiros limites.

Que amargos queixumes não fariamos contra a nossa Religião, dadiva singular do Ceo, se enganados lhe attribuissemos as atrocidades, que em seu nome se tem commettido no mundo pelos dous fataes abusos della, Superstição, e Fanatismo! Nos seculos em que a Igreja foi governada por Papas, que exigião dos Princípes Christãos a obe-

diencia de vassallos, e que reputavão o simples Sacerdote superior ao Rei, os successores de S. Pedro, accendendo por toda a parte a guerra, revoltando os póvos contra os Soberanos, levantárão tributos em muitos paizes catholicos, e chegárão a depôr os primeiros Monarcas da Europa (1). E por ventura julgaremos nociva a Religião pelas perseguições que affligírão o mundo em tempos tão desgraçados? Não, meu amigo, não se ajustão com as maximas do Evangelho as doutrinas de intolerancia e soberba, que professárão alguns chefes da Christandade.

Sei que os homens tem subtilizado inutilmente em todas as sciencias, e empregado as invenções e artes no superfluo, e prejudicial, e sei que as maiores descobertas tem desgraçadamente servido, muitas vezes, para vexação da nossa especie.

---

(1) O Imperador Henrique IV. foi deposto por Gregorio VII., e depois de muitas desgraças, seu proprio filho, por arteficios de Paschal II., o prendeo em traição, e o reduzio a morrer de miseria. Tambem (por me servir de exemplo domestico) o nosso Rei D. Sancho II. foi asperamente reprehendido por Gregorio IX., e prohibido de governar por Innocencio IV. o qual ordenou que em seu lugar regesse o Reino D. Affonso Conde de Bolonha, irmaõ d'ElRey; o que assim se fez, acabando D. Sancho em Toledo. *Monarq. Lusitan.* Part. IV. Liv. IV. Cap. 23, até 29.

Talvez querido Leandro, vou eu cortando agora as mesmas aguas, por onde ha tres seculos o attrevido Colomb, demandando um mundo novo, conduzio a escravidão e a morte á nossa desgraçada Patria. O' patria! O' infeliz America! tu foste o theatro sanguinolento onde os temerarios Hespanhoes tantas vezes revezárão os prodigios de valor com as acções mais atrozes! Tu os viste, violando o Direito das Geutes, julgar o infeliz Athualpa pelas leis civis de Hespanha: deitar Guatimozim sobre um brazido ardente, e condemnar tambem este Mouarca, digno de melhor sorte, ao ultimo supplicio.

Nunca o homem sensivel lerá sem horror a historia espantosa dos crimes desses ferozes conquistadores; mas nem por isso poderá concluir que os Hespanhoes não serião avaros, nem crueis, se fossem ignorantes.

Se a arte da navegação aperfeiçoada levou ao nosso desgraçado paiz homens barbaros, que forão o flagello das nações que os hospedárão, igualmente os podia levar de costumes doces, e amaveis, os póvos que tantos tempos não virão mais que roubos e cruezas (1), receberião lições de humanidade; por leis brandas se regerião; e a vir-

(1) Lêa-se a Relação de *Las Casas* Bispo de Chiapa.

tude teria mais moradas na terra. Não será preciso deixar a America para achar realizada a minha supposição.

Penn, o virtuoso Penn, comprando aos naturaes do paiz um territorio, que talvez nenhum outro deixaria de reputar seu (1), abre nelle hum refugio para a innocencia opprimida, onde podem gozar dos bens sociaes, os que querem habitar aquella feliz porção do mundo. Não propagou com o ferro e fogo os dictames da equidade, e da justiça, mas com exemplos de moderação, de benevolencia, e de hospitalidade, que nunca deixão de captivar o coração do homem, e de

(1) Guilherme Penn, filho d'um Almirante do mesmo nome, alcançou do Governo Britannico a grande extensaõ de terreno, que se chama *Pensilvania* em paga dos avanços que seu Pai fizera ao Estado, nas expedições que lhe confiárão; mas pouco satisfeito deste direito, comprou aos naturaes do paiz o mesmo territorio, quando a elle chegou em 1681. *Rayn. Hist. Phil. e Pol.* Liv. XVIII.

A este generoso procedimento se refere o nosso Francisco Manoel, poeta superior a todo o elogio, quando diz

Aqui nos terrões toscos
Sentados, acceitavão
Os selvagens indigenas o preço
Da terra já além dada: exemplo insigne,
Que insculpirá infamia
Nos que as plagas não suas captivárão?

Ode á liberdade.

o conduzir á prática das obrigações e deveres da sociedade.

Quando pois a tua alma se horrorizar pelos estragos, que a sede insaciavel do ouro fez soffrer aos infelizes habitantes do Mexico, e do Perú, Imperios que a insensata politica Hespanhola destruio para conservar, retira delles o teu espirito para contemplar com deleite, como, pela humanidade d'um verdadeiro Filosofo, cabanas de selvagens se mudárão em habitações de homens virtuosos e felizes.

Não imputemos, por tanto, querido amigo ás letras, e ás artes os infortunios dos póvos; nem entendamos que a ignorancia nivelando-nos com os brutos, preservaria os Corpos-Politicos das enfermidades, a que não tem escapado nem os que tiverão a felicidade de receber as suas constituições de sabios Legisladores.

A sociedade feliz he a dos homens virtuosos, e a virtude do *Cidadaõ* consiste na conformidade das suas acções com as leis do paiz em que vive; e quando a Legislação for bem formada, todos praticarão a virtude, porque todos terão interesse em pratica-la. Se os costumes de qualquer nação se alterão, se por mudança de governo se passa da escravidão para a liberdade, ou da liberdade para a escravidão, as causas destes acontecimentos descobre-as o verdadeiro Po-

litico, ou nos principios viciosos da legislação, ou no desconcerto dos que davão o movimento uniforme, e regular á máquina do Governo.

Se um Rei sábio amando a verdadeira gloria, e conhecendo os principios, e a natureza dos Governos, estabelecesse de novo, ou por meio de reforma, entre as partes daquelle a que presidisse a necessaria harmonia; se, firme observador da justiça fizesse que a Lei inflexivel, e imparcial castigasse igualmente o rico e o pobre, o grande e o pequeno; e que uma sábia distribuição de premios e de penas convidasse o homem a ser justo, e o desviasse do caminho do vicio; contentes os vassallos, e seguros dos seus bens, e da sua vida pela exacta observancia dos deveres, serião bons pais, bons maridos, bons amigos, e em fim bons cidadãos.

Pelo contrario, se o Monarca se esquece de que este titulo lhe impõe a obrigação sagrada de promóver o bem geral dos póvos que governa, se o seu capricho he a unica lei que conhece: se rodeado de ignorantes e vís aduladores, que querem fazer fortuna á custa da felicidade do maior numero, dispõe dos primeiros cargos do Estado a favor de homens, cujo merecimento consiste em saber dirigir habilmente a intriga com que se abate o cidadão virtuoso, e se eleva

o perverso: se para merecer a honra de servir a patria, he preciso ser rico, ou nobre, ou pelo menos protegido dos privados do Rei: se finalmente os vicios da administração accumulão riquezas immensas sobre um pequeno numero de familias, ao mesmo tempo que milhares dellas gemem na indigencia e miseria: então, meu querido Leandro, sem que as sciencias nem artes cooperem, os crimes de toda a especie se multiplicão; a honra e a virtude são desprezadas como inuteis, e até como prejudiciaes; os tributos crescem sem que as necessidades diminuão; esgota-se o thesouro público em despezas superfluas e desassisadas; e o Estado, para me servir dos termos d'um sábio, á semelhança do navio, que vai á discrição dos ventos e das ondas, naufragar sobre o primeiro escolho, será necessariamente, ou a conquista segura de quem tentar subjugalo, ou a victima desgraçada d'uma revolução.

Igualmente se podem deduzir os desastres, ou prosperidades das Republicas, dos vicios, ou bondade de suas instituições e governo: temo porém enfastiar-te communicando-te as minhas idéas sobre materias, talvez por ti bem conhecidas e examinadas.

Demais, diz-se que em tres dias descobrimos as costas de Portugal para onde navegamos; vou por tanto ver novas terras,

novos usos, e costumes; assumptos bem ferteis para exercitar a razão. Mas tu não existes no paiz para onde corro.... Emilia tambem lá não vive.... que será de mim no meio do mundo sem amor, nem amizade!

CARTA XI.

Placido a Emilia.

POr uma lei da sensibilidade o coração do homem desgraçado aborrece tudo o que póde distrahi-lo dos seus males: procura a solidão, porque se revolta com os prazeres dos outros: a alegria lhe parece um estado violento, e alienado pela força dos sentimentos que o affligem, quereria ver nos olhos de todos os humanos as lagrimas amargas que derrama.

Tal he, minha terna Emilia, o estado presente do teu infeliz amante. Apenas avistámos terra, foi universal a alegria. Subitamente esqueceo cada um os sustos, e os trabalhos, para se occupar por inteiro da agradavel idéa de tornar a ver a patria. Ah! este abraçará o amigo, a esposa que o espera alvoroçada; aquelle correrá a enxugar o pranto saudoso da sua fiel amada; e eu solitario no tumulto d'uma soberba Capital, chora-

rei de continuo o mal intoleravel de perder-te.

Em vão buscaria para allivio de meus tormentos os espectaculos, e passatempos da Corte; nada póde recrear meu coração, quando Emilia lhe falta. Insensato! Que juizo formei eu da minha sorte, para ceder á ordem barbara de meu Pai? Porque não corri antes a embrenhar-me nesses desertos sertões? Talvez achasse entre as féras a piedade que não encontrei nos homens; e quando tivera sido triste victima da sua ferocidade, acabando na terra onde, tu respiras, teria ao menos terminado a vida por um sacrificio digno da tua ternura. Mas, que fiz eu, Emilia? Obedeci; separeime; procedi em fim como se te não amasse. Não, tu não podes ver em mim mais que um fraco, um homem vulgar, talvez um indigno.... que profiro! Emilia injuriar-me.... aborrecerme! Ah! quando eu podesse ser criminoso, ainda a tua alma bella acharia doçura em perdoar-me. Desculpa, amante ternissima, desculpa os erros da minha razão, que duvidosa no conflicto de sentimentos oppostos não sabe a qual deva encostar-se.

Quando encantado na tua presença, nada alterava o prazer delicioso de contemplarte, julgava-me o mais feliz dos homens; agora ausente, e tão longe de ti não sinto mais que o horror da minha situação. Cui-

dados; incertezas, desconfianças me inquietão a alma, e por cúmulo de afflicções, a saudade me affigura ainda as minhas venturas passadas. O' tempo feliz! tempo unico! Gratos, e preciosos instantes docemente empregados em ternuras, em amor! Caricias delicadas mimosos agrados .... ah! tudo acabou, tudo perdi para sempre.

CARTA XII.

Placido a Leandro.

JA um mez se passou, (1) quando Leandro, depois que cheguei a esta famosa Cidade; e a despeito da sua grandeza e luxo, a ella antepõe o meu coração saudoso a simplicidade da terra onde a tua amizade, e o amor de Emilia, tantas vezes me bemaventurou.

Quizera comtudo poder participar-te quanto he digno de te ser communicado; mas no meio dos entretenimentos diversos que se me offerecem, sempre a lembrança cruel do que perdi vem assombrar, e entristecer a mi-

(1) Chegar a Lisboa, e passar-se um mez sem escrever a Emilia, he falta, que a delicadeza do bello sexo difficultosamente perdoará ao nosso amante.

nha alma; e tu sabes que não he com o coração atribulado que o espirito póde, entre os objectos que se lhe apresentão, separar dos importantes os de pouco momento, e examinar com exacção os que merecem ser averiguados. Como porém nada me deleita tanto o animo, como referir a quem amo o que vejo, e o que penso, empregarei parte do meu degredo neste agradavel exercicio.

Lisboa, meu fiel amigo, de justiça tem lugar entre as grandes Cidades da Europa. Causou-me, a principio, estranheza, e maravilha o estrepito continuo de cavallos, e carruagens, e a prodigiosa affluencia de individuos de ambos os sexos que girão as ruas e praças desta Capital; e bem que grande número concorra nos differentes bairros por causa dos seus empregos, das artes que exercitão, do commercio a que se applicão; não he pequeno o dos vadios, que dispensarião habitação, se lhes não fôra necessario dormir, e enfeitar-se; e que passão manhãs e tardes, unicamente para se mostrarem, e galantearem com ridiculos acenos e requebros, em cada rua uma louca, que tem em pouco a reputação, de tão grande valor na sociedade.

Tambem he digna de reparo a innumeravel copia de mendigos que em toda a parte se encontrão, e que implorão de continuo

com altos gritos e lamentos, á piedade dos que passão.

Em muitos paizes se evita, por sábias providencias, que estes vivos exemplos das miserias da humanidade consternem, como aqui succede, o coração do homem. Todos, em quanto podem, devem sustentar-se do proprio trabalho; mas se as enfermidades, ou os annos degradão algum para a infeliz condição da indigencia, proveja o Estado sobre as suas necessidades. Não se pratique com o homem o que de ordinario se usa com os brutos; por muito bem que nos tenhão servido, quando de cançados já nos não podem ser uteis, lanção-se á margem.

Tenho visto grandes Templos, custosos edificios; e mais tivera para admirar, se por antigo gosto se não abandonassem obras começadas, para principar outras que tambem se não acabão.

As ruas não correspondem ao luxo das casas. Sabe-se quanto a pureza do ar contribue para a conservação da saude: são evidentes os perniciosos effeitos que sobre os corpos produzem as exalações mortiferas que se levantão de ruas tão immundas; e a pezar destes justos motivos, cuida-se pouco da limpeza dellas.

Não succede assim a respeito da segurança pública. Um corpo de tropa, aquartelado em differentes sitios da Cidade, desta-

ca patrulhas volantes de noite, e de dia; que evitão os roubos, impedem as desordens, ou as atalhão apenas começadas.

D'alguns outros objectos de Policia, te fizera menção neste lugar, se não temera por extenso ser pezado; observemos sómente de passagem que a Policia he um ramo importante da Administração Pública, e que he dever sagrado do Soberano vigiar sobre o que importa tanto bem á sociedade.

Os homens, meu amigo, sacrificárão uma porção da sua liberdade, e dos seus bens, para gozarem segura, e commodamente da outra, por tanto quando se desprezão de qualquer modo os meios de conseguir este fim, zomba-se da nossa credulidade, e quebrantão-se as convenções sociaes.

CARTA XIII.

Placido a Leandro.

Os Inglezes dão o tom nesta Cidade sobre as modas dos homens: e tanto que o mesmo significa dizer-se de qualquer ⁊ vai bem vestido ⁊ ou ⁊ vai muito Inglez. ⁊ Quem não traja como elles não sabe vestir, chama-se-lhe ⁊ Jarreta. ⁊ Para merecer o nome de peralta he preciso espiar as minimas alterações do feitio das suas casacas,

calções, e coletes; e sahir sem demora com trastes semelhantes. Se além disto se póde ter hum rabão que em tróte vá n'uma hora a Cintra, e que em milagrosas carreiras chegue a escurecer a fama dos corredores Olympicos, não resta que desejar.

As senhoras mais livres no modo de ajudar com arte a natureza, adoptão indifferentemente as modas Inglezas, e Francezas. Com que agradavel simplicidade, meu bom amigo, não sahe uma bella do seu toucador! Um vestido que por lizo, e mui cingido ao corpo deixa ver as graças da figura, os braços nús, a garganta e peito descoberto, e apenas algumas flores, ou as tranças do proprio cabello compondo a cabeça, he o presente adorno, com que este sexo amavel parece querer disputar com as bellezas divinas da Grecia, que merecêrão estatuas e altares.

Não penses porém que todas se apresentão da mesma maneira adereçadas. Em certa companhia ouvi eu uma desengraçada que se agitava excessivamente declamando contra a moda actual, e asseverando que sómente podia ser recebida por pessoas que prezassem mais do que a modestia, a elegancia dos vestidos. E como nos quiz provar (sem distincção alguma) que se podião calcular os gráos da pureza da alma, pelas polegadas que apparecião do seio, conclui

que a pobre Filosofa ignorava que as mulheres se mostravão nuas em público, no paiz onde erão modélos de castidade, e onde não havia lei contra o adulterio, porque se julgava um crime impossivel.

Parece-me, segundo as minhas observações, que sómente as defeituosas se agastão tanto contra a nova maneira de trajar. Será difficultoso achar uma com os braços torneados, e o collo de alabastro, que resista, authorizada pela moda, á tentação de os offerecer aos olhos da mocidade.

Ainda respeitaria eu estas pertendidas virtuosas, se víra que o resto do procedimento condizia com a sua ostentada modestia: mas quem agasalha na alma esta virtude, não escuta com deleite, nem responde lisonjeada ás expressões ensossas de qualquer ocioso que vem prestar por tarifa a sua affectada homenagem.

De que serve pois tanto recato no vestido, e tão pouco no coração? Se não he para enganar alguns espiritos superficiaes, não sei para que seja util. Quanto a mim pouco me importára que huma filha minha trouxesse o peito descoberto, se interiormente lho escudasse a virtude (1). De ordinario po-

(1) O Author não quer justificar excessos, que, nas modas, quando não são viciosos, são pelo menos ridiculos. Julgou-se necessaria esta ad-

rém despreza-se a educação das filhas; não se lhe prepara o coração com maximas sans e uteis, contra as promessas fingidas, dissimulação, e enganos dos homens, e pertende-se depois na idade das paixões remediar tudo prohibindo a moda. Que loucura! Com taes methodos derrama-se a hypocrisia, mas não se formão corações virtuosos.

CARTA XIV.

Venancio (1) a Placido.

SEparados a nosso pezar, pela força invencivel das circunstancias, moderemos ao menos por viva correspondencia a mágoa deste forçado apartamento; illudamos assim nossos amigos corações, e cultivemos o espirito pela communicação de idéas, e observações, como usavamos no tempo feliz, em que viviamos juntos.

Mil vezes fallando do luxo, te mostraste seu apologista; hoje, por me entreter comtigo, ajuntarei alguns argumentos dos que o julgão nocivo aos Estados, desafian-

---

vertencia para os nimiamente escrupulosos nas frases.

(1) He o Portuguez, que Placido encontrou na viagem.

do-te deste modo a defende-lo com as tuas melhores razões.

A existencia do luxo suppõe sempre excessiva desigualdade nas fortunas dos particulares, isto he, a nação dividida em poucos senhores, e muitos escravos; pois o brilho do fausto, e da magnificencia do pequeno numero, não he mais que um falso explendor, que não póde occultar a miseria geral.

Depravão-se por elle os bons costumes, tão essenciaes para a duração feliz dos Imperios; porque precisamente se atropella a virtude, onde he necessario a todo o custo possuir riquezas.

Arruina-se a agricultura, e diminue-se a população, que no juizo de todos os Politicos são os mais sólidos fundamentos da verdadeira prosperidade. Arruina-se a agricultura, porque os homens desertão dos campos para se empregarem nas Cidades em occupações inuteis, e artes superfluas: diminue-se a população, porque uns se enervão pela molleza, outros se definhão pelas necessidades.

Em uma palavra a nação voluptuosa despreza sempre o util pelo frivolo, pouco a pouco se extingue entre os seus membros o amor da verdadeira gloria e da patria; e desapparecendo em fim todas as virtudes, sem poder, sem defensores, caminha de desgraça em desgraça para hum desastrado fim

Roma conservou a pureza dos seus costumes em quanto lhe bastou o necessario; e apenas o luxo, e a delicadeza da Grecia e Asia profanárão a Cidade, só o crime teve altares e adoradores.

A Persia no tempo de Cyro pobre, e grosseira sujeitou a Asia, e na época da sua grandeza foi por Alexandre subjugada.

Sparta desprezando o ouro e as riquezas teve a gloria de conservar a liberdade, quando toda a Grecia a tinha já perdido.

A China em fim dilatada, e opulenta tem succumbido ao valor d'um povo vagabundo e barbaro.

Se verdadeiros são estes factos, meu querido Placido, e justos os raciocinios; porque se não prescreve o luxo em todas as nações, e não voltamos á pressa para a feliz simplicidade dos antigos costumes?

CARTA XV.

Placido a Venancio.

SE em todos os tempos, querido amigo; se tem clamado contra as consequencias do luxo, se para extinguir este pertendido flagellos dos Estados, encarecidos Moralistas tem formado systemas impraticaveis na situação actual das sociedades, he porque sem-

pre se reputão os seus abusos necessarios e irremediaveis.

Affirmão alguns Authores que nos paizes de grande luxo se tirão da lavoura os braços, que se empregão nas artes, e que além disto se experimentão as tristes consequencias da ociosidade e preguiça: mas eu tenho para mim que são falsas estas duas asserções. A primeira, porque a agricultura está de tal modo aperfeiçoada pela experiencia, que a terra sustenta com facilidade um numero de homens muito maior do que o necessario para a cultivar; a segunda, porque aonde a industria, e as artes florecem (1), não póde ser grande o numero dos ociosos, pois até muitos homens trabalhão para contentar a vaidade d'um só rico.

Occupado deste modo o povo todo, será geral a felicidade, se o Governo o deixar grangear o necessario com moderado trabalho, se lhe não tirar por ignorancia, ou tyrannia, de mil maneiras diversas, o fructo das suas fadigas, e se não julgar por um vão e louco orgulho, que he baixo e vil o homem util á Republica. De ordinario porém commettem-se estes e outros erros con-

(1) Vê-se claramente que o Author não approva o luxo da Nação, que não promove a industria, e compra por tanto aos Estrangeiros os generos que o constituem.

tra a politica e a moral, e aos funestos effeitos delles assigna-se por causa o luxo. A discursos vãos ajuntão-se ainda exemplos que nada provão.

Não póde negar-se que os Romanos accelerárão a sua ruina, abusando do luxo; depois das conquistas da Grecia e da Asia; mas quando me lembro que um Senado que pareceo a Cyneas uma assemblea de Reis (1), o deixou tranquillamente entrar com as riquezas em Roma, sem lhe prever, nem acautelar os abusos, não formo o melhor conceito da sua politica. Empregárão-se frivolas declamações contra o luxo quando o mal ainda tinha cura, e promulgárão-se leis quando já era impossivel atalhar os progressos espantosos da corrupção. Meu Venancio, de nada servem remedios applicados ao enfermo, que já tem as entranhas gangrenadas.

Sparta, clamão tambem alguns sabios, foi feliz; porque desprezou as riquezas. Sparta, digo eu, teve optimas instituições, e em quanto as observou foi feliz; e como por uma dellas (indispensavel no systema de Licurgo) se tinhão banido as riquezas, alterou-se a constituição, apenas se transgredio

(1) Pyrro vindo á Italia soccorrer os Tarentinos contra os Romanos, enviou Cyneas, seu Ministro por Embaixador a Roma, o qual disse depois a Pyrro que cada Senhor lhe tinha parecido um Rei.

aquella lei. Isto porém não prova que os Lacedemonios degenerárão porque se introduzírão riquezas, mas sim porque fizerão uma indiscreta innovação no Governo.

Demais, porque se ha de pensar que Sparta prova muito contra o luxo, e Inglaterra nada em seu favor? Os Inglezes são livres, e em geral felizes; e se Sparta teve alta consideração na Grecia, Inglaterra tem distincto lugar entre os primeiros Estados da Europa. Se a constituição Ingleza tem defeitos, a de Sparta não era isenta delles: e talvez seja bem difficil aos que nada achão bom senão nos antigos, descobrir no governo de que fallo, e ainda em outros modernos, vicios que se possão comparar com o sacrificio barbaro que os Lacedemonios fazião dos filhos que julgavão fracos, e com a politica deshumana de condemnar uma porção de homens a trabalhar sem descanço para sustentar a outra. (1)

O exemplo de Sparta, se não me engano, sómente prova que a um habil Legis-

---

(1) Bielfeld nas *Instit. Polit.* Cap. 10. §. 4. diz que os Lacedemonios forão infelizes porque lhes faltava o luxo. E Melon no *Ensaio-Politico sobre o commercio* Cap 9. affirma que elles não forão mais bem governados do que os Athenienses. Quem emprega tão falsos argumentos prejudica a causa do luxo procurando defende-la.

lador não he impossivel fazer nascer da pobreza d'uma nação a sua felicidade; mas como tambem se mostra com exemplos, e com razões que hum povo póde ser opulento sem ser desgraçado, segue-se que só da boa, ou má legislação, depende a prosperidade, ou desgraça dos Estados.

Se para defeza da minha opinião quizesse allegar com os differentes póvos da Africa, entre os quaes a pezar da falta do luxo, naõ ha talvez um homem feliz, os meus adversarios me dirião, e com razão, que nada provava o exemplo, porque nesses paizes o Despotismo causava todos os males. E porque razão do mesmo modo não posso eu concluir que a felicidade de Sparta e Roma procedeo da bondade das constituições, e não da carencia do luxo? Se todos confessão que o governo absolutamente vicioso (qual he o dos Estados-Despoticos) produz todos os males imaginaveis, parece ser natural, quando divisarmos alguns vicios no moderado, attribuir a esses vicios as desgraças que a Nação soffrer. Porém, aonde reina o Despotismo, como tudo he infelicidade e miseria acerta-se depressa com a causa; e nos outros paizes, como se preenchem, ao menos pela maior parte, as condições do pacto social, não podemos persuadir-nos que da mesma origem dos nossos bens nasção todos os nossos males, isto he, do Gover-

não, ainda que nada haja mais certo; nem mais bem demostrado pela historia.

Que se deverá por tanto concluir pezadas a razões e analizados os factos que se allegão? Não sei se a opinião geral, ou os prejuizos do seculo me allucinão, mas eu concluo que o luxo será util, ou nocivo segundo o uso que os homens fizerem delle, e que este uso póde por sabias providencias produzir o bem geral.

Deixemos pois, meu Venancio, gozar os homens das commodidades, e prazeres que as Bellas-Artes, e o luxo inventão, em quanto se não mostra ser incompativel a opulencia com a felicidade; e não intentemos imprudentemente, com systemas de politica violenta, aggravar os males ligados necessariamente á curta existencia dos infelizes humanos.

CARTA XVI.

Emilia a Placido.

O Meu estado não se descreve, querido amante; apenas bastão todas as minhas forças para supporta-lo. Desde o momento em que chegando junto a mim proferio o teu amigo entre soluços estas fataes palavras = já partio o desgraçado = perturbadas pela

dor as faculdades da alma, sou a mim propria incomprehensivel, e já morta para todo o Universo tambem o estivera para ti sem os cuidados de minha carinhosa Mãi, que tão mal pago com um resto de ternura filial, que o amor não póde expulsar de todo deste coração que despedaça. Ah! tu mesmo me não conhecêras se me visses, ou escutasses. Não sou já aquella amante moderada, que procurava temperar com sua resignação os teus impetuosos transportes; furiosa clamo por ti; praguejo os monstros que te arrancárão da minha vista; e impia accuso o Ceo de lhes conservar a vida; e fatigada em fim por tantas dolorosas agitações, mil vezes acabo no meu delirio, pedindo até de joelhos, e banhada em lagrimas, que me sejas restituido.

Quanto te enganavas, suppondo a minha sorte mais suave que a tua! Onde estão as consolações que o amor me reservava para allivio das minhas desgraças? Como podeste esquecer que partindo me levavas todos os meus prazeres! Se visito os sitios onde ditosa te ouvia, e te fallava, proferindo involuntariamente o teu nome, as lagrimas correm, o coração começa a anciar-se, e sem causa espavorida, fujo de lugares, que outro tempo fizerão as minhas delicias, e onde se me figura, por tu me faltares, que

solitaria no meio do mundo, sobrevivo á extincção total da especie humana.

O' dia, ó instante fatal, em que pela primeira vez escutei enternecida as tuas namoradas expressões! Porque não acodi a suffocar este infeliz amor, apenas apontou no meu coração! Tu, vivirias ainda entre os teus, amado de todos pelas tuas virtudes; e eu, na minha insipida indifferença, escaparia ao remorso cruel que me accusa de te fazer desgraçado. Ah! não forão as graças da tua figura e gesto, o que accendeo este fogo, cuja violencia augmenta pelas mesmas causas que de ordinario costumão extingui-lo. Um homem cem vezes mais gentil que tu, em vão tentaria cativar-me, sem a candura da tua alma, sem a agudeza do teu espirito. Mas como e porque me negaria eu ao amor de quem tão digno he de ser amado! Que escrupulosa delicadeza nas tuas amantes confissões! Que condescendencia com os meus menores desejos! Que respeito, sobre tudo, nos teus obsequios! Tu desprezavas as maximas dos que querem ser venturosos por attrevidos; e conhecendo que a ousadia, sómente acceita ás almas corrompidas, seria da minha detestada, tanto recolhias os desejos no fundo do coração, que se me não escrevêras, ou se teus olhos não dissessem o que a boca temia proferir, muito tempo julgára ter um amigo no mais apaixonado

amante. E ouso a quexar-me d'um padecer que tem tão amavel origem! Que são todos os meus pezares a respeito da deliciosa consideração de ser por ti amada! He graça singular da sorte, poder mostrar-te que sou no meio dos trabalhos a mesma que fui no tempo das venturas, e este nobre sentimento, contra o qual nada póde a fortuna, reanima meu triste coração quando desfallece de desgosto. Aspiro ao menos; meu querido Placido, ao bem de merecer-te, em quanto me he negado o possuir-te: em quanto meus olhos não cessão de chorar a tua perda, e minha boca repete entre suspiros teu nome querido. Ah! meu terno, e digno amante! se tantas afflicções me atormentão quando revolvo no pensamento o lisongeiro designio d'uma feliz reunião, que seria, se eu devesse renunciar á doce esperança de te ver! Mas não; o vasto mar que nos separa, os perigos, a morte, não me acovardão, ao Amor me entrego ... nelle confio ... ah! uma hora, um só instante de prazer nos teus braços, remunera todos os males da minha desgraçada vida.

CARTA XVII.

Placido a Emilia.

OH terna oh verdadeira amante! origem deliciosa dos meus unicos, e primeiros prazeres! Não he a letra, nem o signal, em que imprimo mil ardentes beijos, o que me convence que he tua a carta inestimavel que recebo; conheço e pelos desusados transportes, que só tu podias sentir, e descrever: e pelos desatinos a que te quer arrastar a vehemencia da paixão que te agita. Quanto, Emilia, quanto te sou inferior a todos os respeitos! Que rara sublimidade no teu amor, e que vulgaridade no meu! Vencendo a natural brandura e temidez, tu me ensinas... que vergonha, com teu generoso exemplo, que ás extremas paixões nada se figura impossivel. Ah! eu julgava amar-te dignamente, e merecer teu coração, porque elevado pela tua escolha sobre o resto dos mortaes, me esqueci da distancia que ainda me separava de ti, e me julguei teu igual; mas hoje opprimido da grandeza dos teus sentimentos conheço quanto os meus condizem mal com a causa celeste que os inspira.

Porém, infeliz Emilia, que fantasticos bens te promettes! Como tudo ajuizas facil,

sem sentires que o teu afflicto amor se mantem de venturas impossiveis! No meio da admiração que excitas na minha alma, tremo apenas considero a quanto te expunhas; e aos que te amão, se executasses o que imaginas. Que lagrimas naõ custarias aos que te deraõ o ser, e que esperão que tu sejas a extrema consolação de seus caducos annos! Que justas imprecações não farião contra mim como causa primeira de seus crueis desgostos, convertendo talvez em seductor o doce nome de filho! De que traças usarias para escapar aos riscos communs dos dous sexos, e aos privativos do teu! Como salvarias a reputação, a honra, e talvez a vida? Ah! Emilia! se tu désses por extremo de amor tão perigoso passo, se nelle.... e não te servirião os ventos? Os mares não te respeitarião! Faltaria a Divindade a soccorrer quem tanto préza a virtude! Virias tu na verdura dos annos.... que horrores prova a minha alma com esta espantosa imagem! Treme, treme das fataes consequencias desse imaginado arrojo: pondera que não posso sobreviver-te, que a minha existencia sempre dependerá da tua, e que nenhum de nós póde dispôr livremente della sem consultar o outro; e se por infeliz te não assusta a morte, se não sentes os teus males, por piedade, não sejas insensivel aos meus; sim, Emilia, conserva-te para o meu

coração; tu não pódes apezar de tantas amarguras ser indifferente a este doce pensamento.

CARTA XVIII.

Venancio a Placido.

EM vão te assevero nas minhas cartas que as tuas me são em extremo agradaveis; a variedade e novidade dos prazeres da Corte, e os cuidados do amor podem mais que a lembrança d'um amigo ausente. Comtudo não faltarei por especiosos pretextos á obrigação de escrever-te; a amizade não se casa bem com etiquetas.

Notei, meu amigo, durante a minha demora em Lisboa, que, exceptuando algumas casas de criação antiga, tinhão os dois sexos muita communicação entre si, e vejo que no resto do Reino tem, geralmente, muito pouca. Esta educação differente deve influir diversamente no moral das mulheres; e a da Corte, menos melindrosa, he talvez a mais saudavel.

As que tem os ouvidos costumados a finezas ora insulsas, ora espirituosas, e sabem por experiencia que o amor não sentido que hoje se lhe protesta, a manhã se offerece á irmã, ou amiga, não dão credito a frazes namoradas. Pelo contrario as que num

pa escutárão expressões amorosas, e ignorão que se chama *delicadeza* dizer que se arde como um Vesuvio, quando se tirita de frio, pensão que tudo quanto ouvem são vozes do coração, e acreditão facilmente na jurada candura, e verdade de fingidos sentimentos; e o astuto namorado, tirando partido da credulidade, destroe n'um quarto d'hora a obra d'uma longa, e vigilante educação.

Além disto nos lugares onde as pessoas que se amão sómente se fallão a furto, como, de ordinario, nada se obtem sem incommodos, riscos, peitas de domesticos, todos parecem amantes verdadeiros; attribuem-se á paixão os effeitos da necessidade, e das circunstancias: e a virtude da simples requestada, combatida pelos nossos excessos, e pela Natureza, que excellentemente nos apadrinha nestes duellos, apenas oppõe uma resistencia que augmenta o valor da victoria. Em Lisboa porém como he franca a communicação, bem que se pratiquem alguns desacertos, ao menos não se confia a mulher cégamente d'um individuo, que, a maior parte das vezes, apenas tem visto entrar n'um Templo, ou passear na rua da sua morada.

He tambem innegavel que a difficuldade e prohibição irritão sempre os desejos, ao mesmo tempo que pouco apreço se faz do que sem custo se consegue; e por isso a se-

paração dos sexos longe de ser um reparo contra os assaltos do amor, só serve de excandecer esta paixão.

Em fim, meu amigo, como não somos menos inconstantes, nem menos dissimulados que as mulheres, e como o numero dos nossos ardis não he infinito, e até poucos se affastão de certos lugares communs, bom será que ellas possão conhecer, observando-nos de perto, as tramas dos nossos ataques, para tomarem contra nós os meios mais proprios de defeza; pois em quanto a mulher ignora o que somos, seguro está o nosso triunfo.

CARTA XIX.

Placido a Venancio.

SE cartas provassem amizade, estimavel amigo, nunca deixaria de te escrever; mas nós, assentando a que nos une em mais sólidos fundamentos, desprezamos tão equivocas demonstrações.

Justa me parece a preferencia que dás á educação moderna usada nesta Corte, em quanto não considerar mais que a vantagem que della tirão as mulheres conhecendo melhor o que somos; como porém outras ponderaveis consequencias resultão da nimia con-

vivencia entre os dous sexos, direi, ainda a risco de me darem os modernos o nome de antiquario, que todos os que se apartão, neste ponto, da estrada, que seguirão nossos Pais e Avôs, caminhão para a dissolução.

Estabeleço por principios, que um dos mais seguros meios de ser honesto, he fugir de congressos, em que se vê applaudida a soltura, e ludibriado o comedimento: e que o pejo, sem o tomarmos por sentimento natural, nem fallarmos da Religião que o recommenda, he huma virtude social e necessaria. Reduz-se por tanto a questão a saber qual das duas educações, por ti comparadas offerece menos occasiões de delinquir, e he mais apta para conservar o pejo.

Nas casas que tu chamas de criação antiga, a Mãi de familias cuidando solicita e contente, da economia domestica, e desprezando frivolas recreações, de que resulta quasi sempre o desgosto dos verdadeiros prazeres do sexo, dará a suas filhas a importante lição do desempenho dos deveres sagrados, de que se encarregou pelo casamento; e empregando nos discursos familiares, maximas conformes ao procedimento, insinuará facilmente as suas almas o amor do recolhimento e da modestia. Com este saudavel preparo quando a natureza, na idade das paixões, lhes faz sentir que tem mais uma doce necessidade para satisfazer, sopeado o amor

pela razão; e pelo habito constante da honestidade, exhala-se ordinariamente em suspiros, em lagrimas de ternura involuntarias, e mantem-se da consoladora esperança de ligar hum dia o prazer com a virtude.

O espirito da donzella recolhida deve achar uma distancia immensa entre a separação em que vive dos homens, e o arrojo de se lançar nos braços delles; a menor liberdade lhe parecerá um crime; e o horror do ultimo passo lhe impedirá o primeiro. Ajunta ainda a vigilancia dos Pais, o temor dos justos castigos, e da perda irreparavel da honra, que tem nos corações bons um poder invencivel, e eu duvido que tantos obstaculos te não mostrem difficultosa a seducção, que inculcas como facil. Examinemos a educação moderna.

As senhoras da moda occupadas de bailes, partidas, e theatros, quando não quebrantão a fé conjugal, são pelo menos negligentes e desordenadas. Perdendo a noite em passatempos ou ruinosos, ou pouco decentes, perdem a manhã a refazer pelo somno as forças do corpo, e a tarde a preparar adornos, que excitem pelo bom gosto, ou custo a inveja das concurrentes; e distribuidas assim as horas do dia commettem necessariamente o governo da casa e a educação dos filhos a domesticos, quasi sempre velhacos e ignorantes.

As filhas saõ conduzidas nos tenros annos ás companhias que as Máis frequentão; e bem que o amor seja sempre prematuro nas Cidades, alli ouvem fallar desta paixaõ perigosa muito antes de a sentir. Familiarizadas tão cedo com as expressões e maneiras amorosas, escutão ao depois, satisfeitas, homens sem delicadeza, que preferindo a torpe facilidade ao saboroso vencimento dos modestos repudios, procurão relaxar todas as almas; que mostrão com um tom emfatico e terminante, que sendo o amor uma paixão natural, he loucura querer fugir ao jugo de huma Lei que tudo sujeita, e que o retiro e resguardo não são mais do que arteficios suggeridos, e recommendados pela velhice, sempre invejosa dos prazeres da mocidade.

Com estas e outras práticas peiores, se entretem nas sociedades os corações das que hão de ser esposas e Máis; e de tão depravado commercio..... oxalá me enganára! não resulta mais que a falta de vergonha, de pejo, e de modestia, cujas amaveis qualidades constituem a dignidade do sexo.

Não, não he possivel que se conserve pureza de costumes, e que se resista sempre com gloria a combates incessantes, quando exemplos e discursos irritão continuamente desejos, já muito poderosos pela natureza, e justificão a satisfação delles; mos-

trando inutil, e até redicula a virtude. Respeitarei sempre como milagres os triunfos da castidade contra tantos inimigos.

Eis-aqui, meu amigo, porque admirando muitas bellezas, ainda em nenhuma noite o doce e timido olhar da minha modesta Emilia, nem a mimosa decencia de suas palavras e maneiras, dotes proprios d' uma alma candida e pura, mais prezados do meu coração do que todas as perfeições, com que a enfeitou a Natureza. Oh terna! oh virtuosa Emilia! quem milhor do que tu soube jámais unir a sisudeza com o rizo, o decóro com a affabilidade, e imprimir nas acções o santo caracter da honestidade, que confunde temerarios, e obriga todos a que te adorem, sem que aspirem a merecer-te. Quem... mas que delirio he o meu! Porque fallo com a amante escrevendo a um amigo? Ah! meu Venancio! como o amor começa a gemer, fóra indiscrição continuar.

CARTA XX.

Placido a Venancio.

PEde-me o coração que torne a escrever-te, querido Venancio, e apresso-me a fazer-lhe a vontade, ainda antes de receber resposta tua.

Não ignoras que os prejuizos tem sido repetidas vezes funesta origem de desgraças, e os factos, que o provão são tantos, e tão conhecidos, que baldada seria a enumeração dos males, que por sua causa tem dessolado o mundo. Comtudo não deixarei de fallar-te no que succedeo na minha presença, porque o julgo digno de serio reparo.

Contou-se em conversação a fugida d'um Religioso com certa louca por elle requestada e seduzida; e depois de se narrar o facto, e se julgar que a qualidade de Ministro da Igreja augmentava a enormidade da acção, tratárão-se algumas questões analogas. Assentou-se que as Religiões abundavão em descontentes, ou desesperados, que professavão sem vocação, sacrificados uns pelas ordens injustas de Pais, ou parentes, e seduzidos outros na verdura dos annos, por tristes promettidas commodidades, que não valem, sem auxilio da Graça, os prazeres que licitamente se podem gozar no mundo; e que sendo o Celibato diametralmente opposto a uma lei poderosissima da Natureza, só deverião entrar para esse estado violento os que estivessem bem seguros de suffocar as paixões, que não respeitão moradas sagradas, e até alvorotão, e amotinão o coração do homem consagrado á virtude no fundo dos desertos (1).

(1) *S. Jeron. Epist. ad Eust. de custod. vir-*

Por ultimo, fallou-se do tempo, em que na Igreja começou a ser defendido o matrimonio aos Ecclesiasticos, e examinou-se politicamente a influencia desta instituição nos Estados. Todos erão conformes nos mesmos principios, ou os que discordavão soffrião em silencio a exposição de sentimentos que não admittião. Dois porém dos que formavão o circulo, separando-se por fim, altercárão vivamente sobre os objectos referidos, e chegou um delles a soltar no calor da disputa motejos e chufas, que me descobrirão um atrevido intolerante. Felizmente o mais discreto largou o campo ao inimigo, e com a opportuna confissão de vencimento, prevenio um desafio; porque o contrario blasonou depois que não tardava a mostrar-lhe com a espada o caminho da verdade.

Não sei, meu amigo, como póde o espirito humano acceitar a extravagante idéa de persuadir maltratando. Não depende da nossa vontade receber no entendimento, como verdadeiras ou falsas as proposições, que ouvimos e lêmos; o convencimento he um acto necessario, e dependente do poder que tem, ou parecem ter as razões, que se ponderão. A força arrancará, quando muito,

---

ginit. diz: Pallebant ora jejuniis, et mens desideriis æstuabat in frigido corpore, et ante hominem suum jam carne præmortua, sola libidinum incendia bulliebant.

fingidas declarações de consentimento, mas nunca conseguirá que o espirito conceba, como verdade, o que entende por absurdo; e quem pertende auxiliar a sua opinião com violencias, mostra que tem falta de boas razões que a sustentem.

Que fructo recolhêrão os inimigos da nossa Religião atormentando alguns dos que a professavão? Que resultou das perseguições dos Judeos, de Nero, e de Domiciano? As victimas sacrificadas ao furor sanguinario de tantos tyrannos derão novo realce á fé, e multiplicárão os membros da Christandade. Pelo contrario a moral Evangelica, propagada com brandura por santos varões moderadas e humildes, introduzio-se rapidamente nos corações dos homens sem vexações, nem horrores. A verdade, por sua natureza, cedo ou tarde triunfa do erro; vilmente aprecia o seu poder quem tenta persuadi-la, opprimindo o infeliz que a desconhece.

Apezar destes e de mil outros convincentes raciocinios e exemplos, não cessão os homens de atormentar-se mutuamente para espalhar, ou sustentar as suas opiniões; combatem-se em guerra aberta, e o mais forte offerece ao mais fraco a dura alternativa de morrer ou ser hypocrita. Oh vanas hominum mentes! Oh pectora cæca!

CARTA XXI.

Venancio a Placido.

PArto desta Cidade á manhã, querido Placido, e como entre as do Reino he célebre por ser assento do Atheneo Lusitano, escreverei sobre alguns pontos essenciaes as reflexões que tenho feito.

Situada na encosta d'um grande monte, e regada pelas aguas do Mondego, que alli corre n'um valle formado por duas cordialheiras de montanhas, apresenta uma encantadora perspectiva, cuja belleza contrasta singularmente com o interior da Cidade, onde se não vem mais do que casas mal construidas, sem ordem nem symmetria, em ruas a que eu antes chamára precipicios.

He vasto mas informe o edificio da Universidade. Foi em tempos remotos Palacio de Monarcas Portuguezes, dado por D. João III. para estabelecimento das aulas, quando restituio a Universidade a Coimbra, que fundada aqui por D. Diniz, tinha sido mudada para Lisboa por D. Affonso IV.

As sciencias que se ensinão comprehendem-se em seis Faculdades: mas o que aprende não gasta o mesmo numero de annos em qualquer dellas. Forma-se o Filosofo em

tres (1): o Mathematico em quatro: o Legista e o Canonista em cinco: o Medico e o Theologo em oito.

Pareceo-me longo o praso de oito annos para se formar o Theologo; e pelos Estatutos era sómente obrigado á frequencia de cinco: porém o Legislador vendo o numero infinito de Doutores, que desacreditavão a sciencia, resolveo-se a determinar que ninguem fosse admittido a estuda-la sem ter apurado o entendimento, por tres annos, em Filosofia e Mathematica (2). Depois desta saudavel providencia ficárão quasi desertas as aulas de Theologia; effeito que justificou a Lei, e fez conhecer a esfera dos engenhos que se applicavão a esta alta sciencia (3).

Dos Formados em Leis e Canones saiem os Advogados e os Ministros: advertindo que para entrar qualquer na carreira da Magistratura he indispensavel que os Lentes todos em Congregação igualmente o julguem tão versado nos estudos que cultivou, como irreprehensivel em costumes; pois basta que um só dos Mestres não conceitue bem o es-

(1) Pre entemente em quatro.

(2) Por nova determinação saõ os Theologos obrigados, como antigamente, só aos cinco annos da Faculdade.

(3) Este enunciado he muito geral; e peza-me não poder nomear benemeritos Doutores, que formaõ uma honrosa excepção á regra.

tudante; para que este não possa habilitar-se, sem graça especial do Soberano.

Não sei, meu amigo, porque se confere a um homem o direito de annullar com a sua opinião os pareceres de muitos? Como se ignora que acções, por sua natureza indifferentes, podem ser crimes no juizo d'um Supersticioso, ou d'um Fanatico; e que se praticão muitas das reprehensiveis, na verdura dos annos, mais por estouvamento, do que por má indole, ou estragado caracter? Deveria ao menos a pluralidade de votos regular a decisão; pois aquelle que parecesse máo ao maior numero, seria seguramente, ou muito infeliz, ou pouco bom.

Causou-me tambem não pequena maravilha a confissão ingenua que alguns Legistas me fizerão da ignorancia, em que se achavão do Direito Portuguez. Affirmárão-me que sómente n'uma das tres aulas do ultimo anno se explicavão alguns titulos das Ordenações do Reino, por ser a Jurisprudencia Romana o principal objecto dos seus trabalhos (1). Assim os que poderião talvez ser consummados Jurisconsultos na antiga Roma serão perfeitos ignorantes nos auditorios, e tribunaes do Reino, se á custa de novas applicações não adquirirem as luzes que lhes faltaõ.

(1) Melhorou-se ultimamente a ordem destes estudos.

Ignoro por que se tem tratado tão negligentemente o importante estudo desta Faculdade, cuja necessaria reforma me não parece difficil, formando-se novo Codigo, ou adoptando-se um estranho com as modificações relativas ás circunstancias do paiz, e aos costumes nacionaes, e ordenando-se por elle um compendio.

Mas já cuido que te vejo rir da ousadia, com que pertendo erigir-me em Reformador; e se esta carta passasse das tuas mãos a outras, talvez me julgassem até merecedor de castigo; pois ordena a prudencia celebrada do paiz (a que alguns atrevidos chamão sandice) que ás cegas se respeitem as instituições antigos, ainda que se mostrem modernas manifestamente melhores.

CARTA XXII.

Leandro a Placido.

Baise cette lettre, et saute de joie dizia a extremosa Julia ao seu amado Saint Preux, aprazando-lhe o lugar para hum amoroso encontro. Que menos posso eu dizer-te, quando te annuncio que em breve entrarás na posse do encantador objecto, por que ha tanto tempo suspiras! Sim, querido Placido, prepara-te para a felicidade, começando

pelo prazer delicioso, e inesperado de sentir palpitar em estreito abraço o coraçaõ da tua amada.

O Pai de Emilia deve achar-se em Portugal antes do fim deste anno. Vai procurar aos pés do Monarca o desaggravo d'uma affronta, com que ultimamente o Governador lhe ultrajou a honra, joia de mais preço do que a vida.

Entre os diversos prazeres, que ha de experimentar a tua alma, naõ he o menor delles, ajudar este virtuoso velho, indicandolhe os mais seguros meios de vencer a prepotencia de seu adversario; e o público sempre recto nos seus juizos, elogia tanto o coração do Principe, que tenho por certo, que a victoria dependerá da demonstração da justica. Com tudo, meu querido amigo, ainda suppondo que felizmente triunfa, a pezar das traças subtis, com que a manhosa cabala da Corte affasta sempre a verdade para longe do Throno, que gravissimas despezas, e que incommodos não vai causar a defesa da innocencia? No fim d'uma carreira virtuosa quando pensava acabar em paz no seio da sua familia, victima de opprobrios não merecidos, abandona as terras que o sustentão, entrega a estranhos o regimen dos poucos bens que possue, e não leva para contrastar tantos males, mais que a segurança do jus-

to, fundada no testemunho irrefragavel de sua tranquilla consciencia.

Com que desvelos não devem os Reis escolher os vassallos, que encarregão do governo de tão desviadas colonias! Os clamores dos póvos chegão daqui mui fracos aos ouvidos da Magestade; e quando alguns, por ventura, lhe inquietão o coração, o partido do oppressor composto de illustres parentes, e poderosos amigos, indispõe o animo Real, calumniando os opprimidos: trata-se de rebelde o que ousou queixar-se; e de ordinario accumula-se á primeira injustiça a de castigar o offendido, porque não foi bastante vil para beijar a mão que o maltratava.

Se as vexações se multiplicão, e cresce por tanto o numero dos queixosos, atemoriza-se o coração do Soberano com a palavra *sedição*: prova-se-lhe a necessidade de ser severo, e apontão-se os exemplos dos que em perigosas circunstancias tem sido infelizes por clementes. Falsos! lhes dissera eu: por cada um que a piedade, no vosso entender, fez desgraçado, quantos vos posso mostrar assassinados por crueis! Roma, que adorou os Aurelios, Titos e Trajanos, não deixou acabar impunido um só dos monstros ferozes, que occupárão o throno desde Augusto até Vespasiano. O effeito natural da clemencia he affeiçoar os corações áquelle

que a exercita, em quanto a vista dos males causados por crueldade nos obriga a aborrecer o tyranno, até pelo temor de sermos tambem sacrificados. Mas talvez alongo eu muito esta digressão, que mais discretamente reservára para alguma das nossas proximas conversações; porque em fim depois de teres abraçado a amante, tambem has de abraçar o amigo.

CARTA XXIII.

Placido a Leandro.

DEvo-te, meu caro Leandro, os unicos puros prazeres, que o meu coração tem sentido nesta cruel ausencia. Quando julgava que a minha vida seria até ao seu termo um tecido de infortunios, tu me chamas do centro das tribulações, e me mostras a felicidade. E verei eu junto a mim, quando menos o esperava, a minha terna Emilia, seu bom Pai, e o meu unico amigo? Não será isto um sonho, uma illusão do teu coração, sempre desejoso de me fazer feliz? Ah! muito acostumado á desgraça, já todas as venturas julgo para mim impossiveis. O triste, meu Leandro, a quem a fortuna persegue, só facilmente crê o que póde augmentar suas desditas; e quando um bem se lhe

annuncía ... tal he sua miseria! fatiga o espirito até achar nesse bem males que possão de novo affligillo: encosta-se ao peior delles, e dando-lhe muitas vezes um ser que lhe não convem, ajunta quimeras a realidades, como se estas não bastassem para o fazer desgraçado.

Apenas me falla Emilia na sua carta em viagem, de repente a imagino fugida, desamparada, exposta á maldade dos homens; e a todos os caprichos da sorte. Agora me parecia ouvir os gritos, e lamentos de seus inconsolaveis Pais; agora cuidava ver a infeliz no horror d'uma tormenta; e passando assim d'umas a outras idéas dolorosas, criei desgraças, e atormentei-me com ellas. Mas acabárão-se os desgostos, querido Leandro; e minha alma transportada, esquecendo antigos pezares, já goza, como se fossem presentes, de tantas promettidas venturas. Que afortunada vida! Que delicioso futuro! Amor! Amizade! estão esgotados os teus favores, e completos os meus desejos.

CARTA XXIV.

Placido a Emilia.

JA' não sou, adorada Emilia, aquelle infeliz amante que augmentava sempre os teus males pela triste descripção dos seus. Apenas atéqui divertido de constantes amarguras, por curtas distracções, tinha quasi renunciado para sempre a todos os prazeres da vida. A memoria dolorosa de quanto tinha gozado nos rápidos instantes de felicidade que o Ceo me concedèra, irritava sem cessar minhas penas. Por uma vez que o Amor te mostrava aos meus olhos graciosa e contente, cem me apparecias pronunciando entre soluços e lagrimas o ultimo adeos que me déste; porém agora, a esperança deliciosa de te ver e possuir levanta meu coração abatido de saudade, e mistura a doce alegria com todos os meus sentimentos.

Ah! para que foste uma vez misteriosa comigo? Porque fizeste equivoca tão agradavel noticia? Não devias tu escolher bem claras expressões para dizer-me que se terminavão em fim nossas desgraças! Oh terna! oh suspirada amante! Não me engano quando creio que tornamos á doce familiaridade em que algum tempo vivemos? Chega-

rei eu a ler ainda em teus olhos e acções a contínua certeza de ser por ti amado, e a gozar do sublime amor que só tu podes inspirar a sentir! Que feliz mortal poderá medir-se em prazeres comtigo! Que honras, que riquezas igualão a ventura de ser teu? Não, Emilia, a fortuna não tem poder para elevar-me acima da dignidade de teu esposo hé o alvo de meus subidos desejos, o termo das grandezas humanas. Vem pois querida amante, tão rara na belleza, como na virtude, dar inveja nos circulos, nos passeios, ás mais distinctas formosuras: vem tornar para mim graciosos os sitios em que tantas vezes te chorei perdida: benefico influxo receberá aqui a natureza com a tua presença; e correndo em tranquillidade os dias da minha vida, serei mais feliz pelo teu amor, que todos os grandes da terra.

CARTA XXV.

Placido a Venancio.

A Cabo de ler, meu querido Venancio; um discurso onde se defende a escravidão; e como pelos meus proprios principios, e pelos argumentos sólidos de Filosofos esclarecidos, até a palavra abomino, direi o que

penso sobre esta clara violação dos direitos da humanidade.

A funesta mania de querer sustentar com sofismas engenhosos proposições vesivelmente absurdas, tem retardado sempre o progresso das Sciencias, sem exceptuar, apezar da importancia dos objectos, a Politica, e a Moral. Um pertende que o vicio he vantajoso ás Sociedades: outro tirando absolutamente a liberdade ao homem, e com ella a moralidade das acções, torna injustas as Leis, e inuteis os premios e os castigos. Esse faz consistir o supremo bem nos prazeres e deleites da vida: aquelle julga sómente sabio o homem insensivel á dor e ao prazer, isto he, o homem que não existe. Oh meu fiel amigo! que fructo podem tirar os miseros humanos de uma vã Filosofia, creadora de systemas absurdos, e frivolos, e de seitas tão ridiculas, quanto perigosas!

Confesso, e com prazer, que modernamente se tem illuminado o mundo moral com luzes mais puras; mas, ou pelo amor da celebridade, ou pelo desejo de lisongear um Soberano, adoptando as suas idéas, ou em fim por indiscreto respeito ás opiniões, e usos inveterados, ainda nos nossos tempos, escriptores que se recommendão com o titulo de Filosofos, empregão os seus talentos em theorias infructuosas e nocivas. Mostra-me agora o roteiro de que póde servir-se

o amigo da verdade para não errar o caminho da sabedoria.

Não me admiro quando leio que o Chefe dos Peripateticos sustentou erradamente que a escravidão era conforme á natureza; mas na idade, em que tão miudamente se tem discutido, e declarado os deveres e direitos do homem, não se defende esta pessima doutrina sem um coração feroz.

As Republicas Grega e Latina tiverão escravos. Os antigos pensavão, cuido eu, que se não podia formar bom Governo, sem reduzir á condição dos brutos uma porção dos membros do Estado. Os Athenienses, porque erão mais polidos que o resto dos Gregos, tratárão melhor os escravos: em Lacedemonia e Roma, de costumes barbaros, os Senhores os atormentavão, e assassinavão (1); mas ao menos para desaggravo da humanidade, Sparta foi muitas vezes castigada com as revoltas dos infelizes que maltratava, e na Italia Spartaco mostrou aos Romanos que escravos, porque o erão, não deixavão de ser homens.

Desmembrado o Imperio Romano pela irrupção dos barbaros, conservou-se o uso

(1) Augusto coarctou a jurisdicção illimitada dos senhores sobre os escravos: e legislárão depois sobre este artigo, Claudio, Adriano, e em fim Constantino, como se vê da *L. unic. Cod. de emend. servor.*

dos escravos entre as nações, de que descendem as actuaes da Europa; e pelo tyrannico systema feudal universalmente introduzido, olhou-se como bem fundado o injusto direito da escravidão. Hoje porém (e desde o Seculo XV.) a liberdade natural he sagrada, e reconhecida em quasi toda esta parte do mundo; e os homens são, ou julgão ser, unicamente escravos da Lei.

Quem não vê que repugna com a natureza da sociedade civil, que uns membros estejão debaixo do poder arbitrario de outros? Se nações inteiras estão neste caso a respeito d'um só homem, isto he, do Despota, he porque a ignorancia d'uma parte, a crueldade, e a força da outra, mantem como legitima a usurpação dos direitos sociaes. Os Governos, diz Sidney (1), e com elle todos os Politicos, não se estabelecêrão para proveito, ou gloria daquelle, ou daquelles que governão, mas para o bem, e felicidade de todos.

Apezar desta tão clara, como vulgar verdade, porque na Africa os vassallos são escravos do Soberano, julga-se que podemos, sem offender a justiça, comprar naquelle paiz os que nos servem na America: mas eu tenho por certo que assim como não adquirimos o dominio, quando compramos uma

(1) *Discurs. sobre o Governo.* Cap. 2. Sec. 3.

cousa furtada, tambem o que compra a liberdade roubada pelo Despota, nunca póde ser della legitimo Senhor.

Demais um escravo não representa de membro da Sociedade, porque só he tal o que supporta incommodos para lograr vantagens; e elle, condemnado desde que he nosso, á miseria, e ao trabalho, sómente vive para commodidade do barbaro, que dispõe, como lhe apraz, das suas forças, e da sua vida.

Alguns affirmão que se exaggera na Europa o rigor do tratamento dos negros, e o contraditão com o interesse que resulta da conservação da saude dos escravos: mas os Senhores, pela maior parte, ignorantes e crueis, esquecem-se dessa remota utilidade, quando se indignão, ou obrigão os escravos a trabalhos durissimos; e neste ultimo caso, até por necessidade são rigorosos, para que o escravo comparando o castigo com a fadiga, ache esta menos dolorosa, e se decida por ella.

Em vão se clama que a Lei declara homicida o Senhor que mata o escravo: sim, a Lei não quer que o escravo morra violentamente ás máos do Senhor, mas deixa a este a perigosa faculdade de o fazer morrer lentamente; faculdade de que se abusa tão frequentes vezes, que eu estou, ha muito, convencido que não tenho um só parente

que não seja réo de muitas mortes. A graça que a Lei faz ao escravo, he a mesma que um algoz faria ao padecente, a quem podendo d'um só golpe terminar a vida, lhe désse, depois de o ferir, alguns instantes para agonias e dores.

Em fim, meu Venancio, nem a antiguidade da escravidão, nem a utilidade produzida pelo trabalho dos nossos infelizes escravos, póde disfarçar aos meus olhos a injustiça cruel, com que nos fazemos senhores de entes, nossos iguaes por natureza. Execravel será sempre para mim a memoria do barbaro (1) que se lembrou de ordenar o plano de tão odioso commercio; pois não sei por que triste singularidade he necessario para a cultura das terras na America, o que se dispensa em todas as outras.

Sobre o pertendido direito de matar os vencidos na guerra, do qual insensatos Publicistas tem deduzido o da escravidão, nada te digo, porque essa opinião detestavel, e o seu imaginado fundamento acabárão com a barbaridade da Europa.

Tambem me não demoro a destruir alguns outros viciosos argumentos, porque peguei na penna sómente para desopprimir o

(1) O celebre *Las Casas*, que tanto clamou contra a injusta conquista do novo-mundo, foi quem imaginou reduzir á escravidão os Africanos.

coração; e porque a punivel audacia dos Escritores que se infamarão defendendo a escravidão, já foi sobejamente castigada por Montesquieu, Raynal, e Rousseau.

CARTA XXVI.

Placido a Venancio.

PRocurei, meu amigo, um dos Ministros desta Cidade para o informar da justiça d'um requerimento, de que me incumbia solicitar o despacho; e entrando na ante sala achei diversas pessoas, que igualmente o esperavão para fins semelhantes. Apenas appareceo o Magistrado, cada hum quiz ser em primeiro lugar ouvido; eu porém que em seu carregado semblante cuidei ver Minos, deixei adiantar a turba supplicante para ser por ultimo julgado.

Em quanto durou esta especie de audiencia, não sahio da sua boca resposta favoravel, pois quando a não podia dar má, não dava nenhuma. Vendo que ninguem era exceptuado, e não esperando para mim melhor fortuna, retirei-me, fulminando imprecações contra este insultador do público.

Contando depois a varias pessoas o que te relato, ríráo-se da minha admiração, e

disserão-me que Ministro affavel era um bem, de que poucas vezes se gozava.

De que principios concluem os Juizes que devem ser carrancudos? Em que se melhorão os interesses da justiça com as maximas duras, e a inchada soberba do Magistrado? Quem supplica, soffre (ao menos assim se presume) e por tanto merece agasalho, e não desabrimento; e o Ministro que recebe e escuta o presumido réo com aspereza, deixa em dúvida, quando lhe impõe a pena, se não satisfaz alguma paixão particular. Os Juizes, diz Cicero (1), devem parecer-se com as Leis, cujos castigos a equidade regula, e não a cólera. O mesmo criminoso já convencido, tem mais direito á commiseração do que á dureza. Não se deve insultar o homem desgraçado ainda quando o seja por seus proprios desvarios.

Esta muito usada aspereza dos Juizes explica a razão dos frequentes ultrajes commettidos pela infame caterva dos agarradores, ou beleguins nos miseraveis; em que empólgão estas infernaes harpias. Ninguem ignora que a prisão (a maior parte das vezes) não he mais que um meio de ter seguro o que supponemos réo, para nelle se executar a pena determinada pela Lei, se for convencido e condemnado. Todos os dias porém o Cida-

(1) *De off.* Liv. I. Cap. 25.

dão, apenas suspeitado de criminoso, he blasfemado, e injuriado por bocas, donde nunca sahe uma expressão compassiva, e se, por certo da sua innocencia, ou por outro justo motivo, recusa levemente sugeitar-se ao mandado do Juiz, lanção-se sobre elle os vís galfarros, atropellão, pisão, e arrastão o infeliz a uma das prisões da Cidade.

Ah meu amigo! e para que lugar o conduzem! O innocente lá está confundido com o culpado: o que delinquio levemente, e por inconsiderado, familiariza-se com o perverso de damnada tenção, aleivoso roubador, ou assassino; e deste escuta aquelle a venenosa doutrina que lhe inficiona o animo. O robusto e são alli se sente enfraquecer, e definhar pela falta do preciso alimento, e pelo ar mefitico, e pestilente que respira... tristes humanos! não sei se somos mais desgraçados errando nos bosques, se vivendo em Sociedade!

CARTA XXVII.

Placido a Leandro.

PErsuadido que não saies da nossa amada patria, sem que a ella chegue o navio, que para lá parte no fim deste mez, prosigo em

participarte as reflexões que faço sobre o que vejo e observo.

O jogo he aqui o entretenimento universal ; e por isso o jogador tem entrada facil e certa nas companhias de Lisboa. Que ha de fazer quem as frequenta , sendo este o gosto dominante? Não ha meio termo, meu amigo , ou jogar, ou ser insipido, e pesado nas sociedades. O nosso velho rifão , que diz que o Amor iguala as condições , bem se applica no tempo d'agora ao jogo : até o Conde e o Marquez se assentão a jogar com pessoas , que não soffrerião de pé na sua presença fóra da partida.

Tambem ha casas públicas de jogos prohibidos. Talvez te admire a contradicção da frase? Pois tambem eu não concilio a determinação da Lei , com a publicidade impunida deste facto.

Grandes males se evitavão , executandose por todos o preceito saudavel , que defende o exercicio de jogos , em que o homem impaciente e arrebatado póde perder em poucas horas quanto bastára para as necessidades da sua vida toda. Com tudo justo he que o Governo dissimule com os transgressores da Lei , nas recreações particulares do Cidadão , porque seria duro , e aggravante perturba-las com exames e pesquizas.

Ignoro porém o que póde justificar a tolerancia de casas públicas , onde com a mira

em grandes ganhos o pai de familias, e o ornaleiro jogão o sustento da esposa, e dos ilhos; e onde o mancebo perde o tempo que deveria empregar em estudo, ou traba-ho util, e adquire vicios, que, convertidos em necessidades, muitas vezes o obrigão a rou ar o amigo, ou seu proprio pai.

Eu julgo que a ignorancia dos Ministros obre a existencia local destas modernas co-vas de Cáco, as perpetúa para ruina de mui-as desgraçadas familias: ao menos procura-e corromper, com o milagroso metal, os atéllites venaes, que os rodeão, e acompa-nhão; e com estes individuos não he difícil concluir taes ajustes á satisfação de quem es-á prompto para despender dinheiro. Tão onrados são ás vezes os Officiaes de jus-iça!

CARTA XXVIII.

Placido a Leandro.

O Que hontem te escrevi, terminando a ninha carta, me suscitou a idéa de te fallar obre demandas.

Differentes Soberanos, anteriores ao que resentemente nos rege, conhecendo os má-es que causa a diuturnidade dos pleitos, le-islárão sobre a ordem do processo, deter-

minando por sábias providencias o que se julgou conveniente para inteiro conhecimento da verdade. Os práticos porém, cujos interesses não ligavão com a execução destas Leis, facilmente achárão expedientes para eternizar as demandas, sem infracção absoluta dos preceitos do Legislador; e ás formalidades que se introduzirão, como diz um sabio, para conservar a ordem pública, são agora o flagello dos particulares.

Advogados, Procuradores, Fiéis, Escrivães, se colligárão para ruina dos litigantes, e opprobrio da justiça: frequentemente nascem muitas acções no progresso de uma só, semelhando-se á Hydra de Lerna a quem se cortavão inutilmente as cabeças. Cavillações, enredos inextricaveis obrigão as partes a graves despezas, e desvião cada dia mais o termo do processo. De ordinario, findar causas de grande momento, apenas he concedido aos netos daquelles que as começárão.

Toleraveis serião tão longas demoras, se, ao menos, produzissem sempre justas decisões; mas tirão-se os bens ao verdadeiro Senhor para os dar a quem nenhum direito tem a elles: este he esbulhado violentamente d'uma posse legitima, e nunca mais a ella restituido: aquelle trabalha inutilmente até á morte para haver de seu irmão a legitima paterna.

Não penses comtudo que tantas iniquidades sejão resultas dos animos malignos, ou dobres dos Magistrados, elles são commummente victimas dos artificios do Advogado, e da confusão das Leis. Um sabio e recto Juiz póde involuntariamente offender muitas vezes a justiça, pois tem de conformar-se com o que se acha ordenado n'um Codigo defeituoso e contradictorio, formado em tempos desgraçados (1), ou com as Extravagantes promulgadas desde o Reinado de D. João IV. até ao presente, das quaes algumas ha, cuja existencia se ignora, porque não temos dellas completa collecção; e outras de que já se não executão as determinações, porque a mudança de costumes, ou de circunstancias não permittem a sua observancia.

Cuido porém que não está longe o fim de tantos males. Trabalha-se em novo Codigo; e não invejaremos os da Toscana, Russia, e França, se a bondade da obra corresponder á demora da publicação.

---

(1) O Codigo Filippino publicado por Filippe III. em 1603. Veja-se *Pasch. Jos. de Mell.* na Hist. do Dir. Civ. Port. Cap. 9.

CARTA XXIX.

Placido a Leandro.

QUando me enfado da monotonia fastidiosa, que reina nas companhias em que entro, procuro algumas vezes os Theatros.

Deixemos a d'Alembert, e Rousseau o cuidado de nos mostrar qual he, em geral, a influencia destes espectaculos sobre os costumes; e observemos sómente se os Theatros de Lisboa são vantajosos aos nossos.

No Italiano, ora uma coqueta ensina traças delicadas para entreter ao mesmo tempo dez amantes, declarando bisonhas e antiquarias as mulheres, que ainda pensão ser virtude a fidelidade: ora um bobo, cuja graça principal consiste na grandeza dos anneis da cabelleira, e nos canhões, e abas da casaca, engana o crédulo Pai de familias, e a furto lhe introduz em casa o seductor de sua filha. N'uma palavra, expõe-se aos olhos do público o quadro dos vicios, enfeitado pelas facecias dos Comicos, e pelos encantos da musica, e para o fazer detestar, ou se declamão, cantando, pedaços de moral inutil e sédiça, ou se finge querer castigar o velhaco, ou embusteiro; que

girando o Theatro uma e muitas vezes, provoca o riso com brados, e exquisitas visagens. Então em applauso soão os bravos, retinem as palmadas, e fecha-se a escola dos costumes até ao dia seguinte.

Confesso que a Opera séria não tem defeitos desta ordem, e he por tanto menos perigosa: mas acostuma-se a mocidade, como diz Voltaire (1), a preferir os prazeres do ouvido aos da alma, as cadencias da voz aos pensamentos sublimes, e a decidir do merecimento das obras pela muzica das arias.

Não posso affirmar-te qual destas duas especies de representação agrada mais aos Portuguezes. Os chamados *Tafues de Theatro* separão-se em dois partidos; um a favor da actriz Burlesca, outro da séria (2); e chegão a tal enthusiasmo que a não terem degenerado tanto as antigas raças Portuguezas, renovavão-se em Lisboa os bandos de Pilades, e Bacilo que dividirão Roma.

Nos Theatros Nacionaes se de tempos a tempos se ridiculiza um vicio, gasta-se a maior parte do anno em mágicas, transformações, dramas insipidos, mas apparato-

(1) He tão verdadeiro o juizo de Volt., que em Lisboa julga-se ter provado que huma opera he boa, mostrando que tem duas arias bellas, um dueto affectuoso, etc.

(2) Em 1805.

sos , e sempre seguidos d'um entremez que para encontrar acceitação , ha de abundar em equívocos obscenos , ter duas ou tres scenas lascivas , e um fandango , ou lumdum bem desaforado. Que santas lições ! que edificativos exemplos !

Raras vezes se representão Tragedias , que eu preferirei sempre aos outros espectaculos ; porque se vemos o intrigante , o vão ambicioso , o traidor ao Rei , ou á Patria , urdir enredos , formar criminosos projectos , tambem vemos quasi sempre punido o máo com espantosos castigos.

Procede esta falta de não poderem talvez dous actores calçar dignamente o cothurno : porém se não derramamos lagrimas vendo Tancredo expôr generosamente a vida para salvar Amenaída , quando a presume infiel ; ou a virtude , e a natureza sacrificadas ao Fanatismo , podemos rir com as scenas graciosas do avarento , ou do prodigo , pois se nos faltão Tragicos , temos alguns verdadeiramente Comicos (1) .

Que te direi das Actrizes ? Que hão de fazer Mulheres tiradas de casas vís , sem educação , sem leitura , e representando de Semiramis e Berenice ? Demais , apenas qualquer dellas desempenha a expectação do pú-

(1) Tal he o juizo que o Público fórma de João dos Santos , Diogo da Silva , etc.

blico no caracter de lacaia, ou regateira, affirmão-lhe os apaixonados que he uma perfeita Actriz, e ampliando para esse fim o systema da sciencia infusa, declarão-lhe que nasceo para o Theatro, e que não precisa dos preceitos da arte quem tem uma tal natureza; e a triste ignorante escutando como ingenuos estes mentirosos discursos, conserva toda a vida os defeitos, com que appareceo a primeira vez na scena.

Sómente representão bem, quando vão fazer no Theatro figuras pouco differentes das que tem feito no mundo; e por isso o caracter desenvolto he sempre optimamente desempenhado. Falta-lhes porém a arte quando se trata de mostrar o animo seguro no meio dos maiores perigos: a intrepidez que arrosta com a morte: os transportes das paixões furiosas: e tudo o que offerece de maravilhoso o espectaculo dos grandes crimes, ou das grandes virtudes.

Eu lhe aconselhára que se familiarizassem pela lição com as heroinas da antiguidade; que estudassem nos Poetas a lingoagem das paixões; e que até as mais habeis fossem vêr os grandes modélos aos Theatros de França, e de Inglaterra, para que voltando vivas copias de bons originaes tivessem as outras que imitar: pois faltando-lhe estes preliminares, deveremos conten-

tar-nos com *o gracioso Entremez* ou, quando muito, com *a bem acceita Comedia.*

CARTA XXX.

Placido a Venancio.

ENtre os muitos individuos de varia condição e fortuna, que das differentes partes do Reino chegão a esta Capital, atrahidos dos seus passatempos e grandeza, merecem particular attenção os chamados *Cavalheiros de Provincia.*

Habituados a passarem por grandes nas terras pequenas, entendem que tambem o serão na Corte: mas depois dos maiores esforços apenas os mais ricos hombreão com os da classe média de Lisboa; e não podendo sustentar por muito tempo este mesmo fausto mediocre, vendem a carruagem e os cavallos, com que fizerão a brilhante entrada, e chegão, antes de se recolherem para a patria, a não se distinguirem dos mecanicos senão em terem mais dividas; e menos tenção de as pagar.

Irritados então de se verem confundidos com a vil gentalha, e privados dos diarios alimentos da sua vaidade, isto he, das cortezias, Senhorias, ou Excellencias, com que os adulão os rusticos da sua terra por igno-

rancia ou villania, desabafão suas magoas na casa d'algum illustre parente ou amigo. Alli depois de compararem a fidalguia com a riqueza, e zombarem desta, como as velhas do amor, mostrão com evidencia genealogica serem Fidalgos de grande Solar: queixão-se da mudança dos tempos: e recordão-se que, ha trezentos annos, seu quinto ou sexto avô era respeitado dos Titulos, quando entrava na Corte: ajunta-se ainda a historia dos feitos heroicos dos seus antepassados, e a ingratidão da patria, com os actuaes descendentes.

Em que se fundão, meu amigo, estes homens tão pezados aos outros, para pertender que os successores dos Monarcas, que premeiárão os serviços de seus avôs, remunerem hoje a sua ociosidade! Como querem que mereção a mesma consideração, o heroe que defendeo valorosamente a patria, e o poltrão ignorante, ou quando muito, entendido em iguarias e etiquetas! (1) Sabei, para vossa vergonha, frivolos declamadores, já que tanto vos jactais de honras herdadas, e vos julgais tanto mais nobres, quanto mais desviados vos ficão os maiores benemeritos, sabei, que, em melhores idades, distinctos

(1) Não se entenda que nenhum he exceptuado: alguns conheço de mérito superior, cujos nomes declarára, se o elogio dos nomeados não desacreditára os omittidos.

Varões Portuguezes deixárão brazões antigos, e tomárão os que adquirião pelas proprias façanhas (1). Pensava-se naquelle tempo que o nascimento illustre não dava o privilegio odioso de alcançar honras, e subir a cargos por merecimentos alheios. O coração verdadeiramente grande desdenha glorias transmittidas pelo sangue, porque só servem de supprir nos fracos a falta das adquiridas.

Não duvido com tudo respeitar nelles a nobreza da familia, se as acções de valor, ou de virtude dos ascendentes forem imitadas, ou excedidas pelas proprias. He tão natural amar nos filhos o merecimento dos Pais, que os Romanos, tão austeros, e ciosos da igualdade dos direitos, não podião olhar sem veneração para os netos dos Scipiões, e dos Torquatos. Porém esta bella prerogativa se os recommenda aos nossos olhos desde o berço, tambem os liga ao desempenho das obrigações mais arduas da patria, para que deste modo já que logrão as maiores vantagens, soffrão tambem os maiores incommodos: mas esta maxima, filha da razão e da justiça, bem que seja de incontestavel proveito e verdade, he, na opí-

(1) No principio da Monarquia, o Conde Henrique, Progenitor dos Reis deste Reino; e no tempo dos nossos triunfos na Asia Duarte Pacheco Pereira.

nião dos poderosos, prejudicial, e contraria ao bem, e ordem das Sociedades Politicas.

CARTA XXXI.

Venancio a Placido.

ADmiras-te, meu amado Placido, que se julgem maiores que os outros homens, os que não podem allegar por titulo de superioridade mais que appellidos, e distincções herdadas: que dirás tu dos que, nascendo humildes, desprezão os de igual condição, apenas por feliz accidente se levantão do seu primeiro estado? Desculpo (se n'algum caso a soberba merece disfarce) desculpo com menos repugnancia esta aborrecida qualidade nos que sempre cercados de vís aduladores, virão desde o berço, multidão de domesticos disputando entre si qual ha de ser mais escravo; ricos móveis guarnecendo os apartamentos dos seus palacios, e todo o apparato e pompa, com que se acompanha a grandeza. Com os entendimentos tão deslumbrados como os olhos, julgão que he da natureza a desigualdade de convenção, e destas falsas premissas tirão as erradas consequencias, com que desgraçadamente se allucinão: mas o homem a quem tudo diz que he pequeno, merece ser o desprezo e mofa do público,

se ridiculamente se enfatua apenas recebe agazalho d'algum valído da Corte, ou por favor da fortuna póde despender mais que seus iguaes.

Sendo este o mais ôco, e fragil assento da nossa vaidade, deve suppôr-se pequeno o número de taes individuos: mas enganava-se quem o cuidasse. De quantos escarncêas, se andando junto a ti, eu te apontasse este que não falla ao companheiro das Aulas, ou Academia, porque um Decreto o subio ao primeiro degrão da Magistratura: aquelle que estranha a fysionomia do amigo que communicou familiarmente, porque entra na carruagem do grande que o sustenta, ou lhe pende no lado esquerdo a insignia que comprou, ou alcançou por baixezas!

Muitos destes conheço, caro amigo, e com elles me encontro, reprimindo sempre, a meu pezar, o vivo desejo de lhe dar no rosto com a insignificancia dos motivos, por que passeão tão inchados: mas fôra desacerto esperar das nossas reprehensões a melhora destes enfermos. Sempre no mundo foi maior o número dos nescios, que o dos discretos; e como não podemos applicar-lhes a saudavel cura dos loucos, continuemos a rir de tão ridiculos apavonados, que vivem para vergonha da razão humana.

CARTA XXXII.

Placido a Venancio.

POuco sensivel ás recreações privativas da Corte, frequentemente te asseverava que, se podesse, gostoso fugiria para sempre do estrepito da Cidade, para o socego e tranquillidade do campo. Quantas vezes me ganha o fastio nos lustrosos circulos, em que mil Narcisos achão o summo bem, revendo-se em seus proprios enfeites, e cuidando que á bandalhice do trajo se devem render os corações de todas as bellas! Quantas me rio da miseravel fatuidade, com que outros perdem no jogo grandes sommas, para na opinião de ricos alcançarem da louca, que se lhe assentou ao lado, alguma passageira distincção! Este julga merecer as preferencias pelo garbo, com que entra em sala; e pela gentileza, e variedade de comprimentos: aquelle trabalha solicito, e disfarçado por apanhar do Grande que o conhece a desdenhosa cortezia, com que se dá por honrado, e ennobrecido. Que turba de mentecaptos, meu amigo, que enfadonhas sociedades!

Nada te digo dos publicos passatempos, porque melhor do que eu conheces quanto

valem nos Theatros, representações poucas vezes toleraveis, e nas praças, combates sanguinolenos; vergonhosos restos da nossa antiga barbaridade. Enojado por fim dos prazeres da Capital, procurei o campo, suspirando por gostos desprezados de corações, que enganadamente buscão inquietos a felicidade em quimericos bens, que não podem produzi-la.

A inesgotavel variedade, que a Natureza offerece nas suas producções, satisfaz e deleita a alma do contemplador solitario, que dellas se eleva insensivelmente para correr com o espirito, n'um curto espaço de tempo, a vasta extensão do Universo. As largas campinas, a que serve de limite o horizonte, a perspectiva magestosa das serranias e montes, e o formoso painel d'um prado cortado por arroios, e matizado de flores, são objectos, cujo aspecto contínuo me modifica sempre como novo. Convidava-me ainda a persuasão bem fundada de ver familias, contentes com a mediania, adquirida pelo trabalho util da lavoura, praticarem cuidadosas as obrigações de seus differentes estados, e acharem no desempenho desses deveres a preciosa quietação da alma, sem a qual de nada valem todas as riquezas do mundo.

Nos lugares, dizia eu, onde devem conservar-se reliquias dos primitivos innocentes

costumes, onde se não ha de honrar o dinheiro, mas a virtude, não serei ao menos incommodado pelo espectaculo escandaloso dos indignos, que nas Cortes se exaltão pela riqueza, em quanto geme na ignominia o mérito desvalído e indigente. Não podendo ser feliz por mim mesmo, tentarei se-lo pelos corações dos outros; e os prazeres de que for testemunha excitarão docemente á minha sensibilidade, divertindo-me por alguns momentos das eternas amarguras, a que me condemna o amor.

Pouco durárão estas enganadoras visões, que a realidade destruio, substituindo-lhe quanto póde consternar, e atormentar um coração sensivel aos males, que aturadamente padece a miseravel humanidade, pelos vicios das instituições sociaes.

Nos campos, meu amigo, não mora a innocencia, nem a felicidade. Os homens que os habitão só são ditosos na fantazia dos authores, que em lugar da vida campestre, nos desenhão em seus escritos a imaginada idade de ouro. Só vejo por toda a parte pobres, ruinosas habitações: semblantes pállidos e desfigurados: corpos definhados, e mal vestidos; tristes evidentes sinaes da fome e miseria que flagella, e encurta a vida aos vassallos, que prestão os maiores interesses á Republica! Apenas por excessivos trabalhos se adquire pão para sustentar a vida,

refazer as forças perdidas na cultura de predios alheios. Poucos os possuem proprios, e duvido que a condição destes seja menos infeliz, que a dos mercenarios. Ah! e se raras vezes se liga a virtude com a necessidade, quaes serão os costumes de tantas victimas della! O contagio da depravação da Corte já inficiona, ha muito, os habitantes do campo: empregão-se dolosas astucias em todos os contratos da vida: affecta-se a louvada antiga simplicidade para desviar a suspeita: e entre os meios de adquirir preferem-se os mais uteis aos honestos.

Deste modo, querido Venancio, se trocárão de repente em desgostos tantos imaginados prazeres, por que o meu coração suspirava: não achando em lugar da supposta abundancia e virtude, mais que maldade, e pobreza. Ah meu amigo! assim se frustrão sempre todas as minhas esperanças, e se desconcertão até os projectos d' uma fugitiva felicidade.

CARTA XXXIII.

Venancio a Placido.

LAstimando, como tu, meu caro Placido, a incrivel indigencia dos nossos lavradores, mil vezes me tenho indignado contra

deshumanas instituições, que deixando-lhe apenas para viver, lhe arrancão o producto do seu suor, para supprimento de precisões imaginarias, e sustentação de mil individuos inuteis e pezados.

Nenhum Estado póde subsistir sem tributos, isto he, sem um fundo público, que se fórma de certas porções das fortunas particulares, e se emprega em utilidade de todos. Quando o tributo he moderado, e contribue cada um á medida das suas faculdades: quando a sua arrecadação he a menos onerosa, e feita no tempo mais opportuno para quem o paga: quando todos concorrem, e se não estabelecem excepções injustas, que fazem viver os ociosos á custa dos occupados, consegue o lavrador a recompensa do seu trabalho, e entra ainda sem custo para o Thesouro público com a porção, que lhe toca na distribuição geral.

Porém se o Governo nas suas contínuas, e varias exacções parece não ter em vista mais do que desesperar os lavradores; se estes além dos dizimos pagão ainda o quarto, e o terço a Corporações, ou Morgados; se para consolação dos males, que lhes causou um anno de esterilidade, ou alguma desgraça particular, despiedados Publicanos, surdos aos gritos das esposas e filhos, lhes sequestrão, e arrematão os unicos bens, que

possuem, então formão, como tu vês, a classe mais infeliz do Estado.

Não ignoro que alguns Economistas tem ousado avançar em seus escritos que a industria e actividade augmenta na razão dos tributos; e por este falso principio chegou a barbaridade dos homens a julgar proveitosa a oppressão dos póvos. Porém, meu fiel amigo, o trabalho com que podem as forças humanas tem limites, e quando por excesso de tributos, nem o mais laborioso se póde levantar da miseria, abandonão-se os campos; os que podião viver contentes cultivando a terra, suspirão abatidos e consternados pela ociosidade, na qual gozão muitos dos seus semelhantes todas as commodidades da vida; e passando das Provincias para a Capital vão assalariar-se nas casas dos poderosos e nobres, ou viver confundidos na multidão por traficancias indignas e criminosas.

Arruinada deste modo a agricultura, comprão-se ás Nações estranhas os generos de primeira necessidade, e não sei se com as minas mais abundantes se poderão sempre remediar os funestos effeitos deste vicio monstruoso de Economia. Que vantagens póde tirar do commercio o paiz, onde não ha pão? E a que perigos se não vê exposta a vida dos Cidadãos, e a tranquillidade pública!

Estas verdades, meu Placido, que ape-

nas aqui annuncio, me parecem incontestaveis; mas a sua clara exposição não cabe nos limites d'uma carta. Demais, os principios em que me fundo são conhecidos de todos; e quando vires que se affastão delles os Chefes dos Estados, ou seus Ministros, não os tenhas por ignorantes, mas sim por insensiveis e tyrannos..

CARTA XXXIV.

Venancio a Placido.

COnheceo-se, meu bom amigo, pela descoberta da America que justamente lastimárão alguns Historiadores a sorte desgraçada das mulheres dos póvos Nomades, ou rigorosamente selvagens deste antigo continente. He fraco o imperio do Amor, onde os homens errantes, e sempre incertos do seu destino, apenas alcanção o diario alimento á custa de gravissimas fadigas. Esta insensibilidade, que no novo mundo mostrárão os mesmos póvos mais civilisados, e que tanto se oppõe aos progressos da sociabilidade, devia, se não me engano, fazer excessivamente dolorosa a existencia do sexo fraco, apezar do aviltamento da especia humana naquelles desgraçados paizes.

Em vão se intentaria mostrar que pelo

exercicio constante e geral da crueldade as mulheres poderião habituar-se ao soffrimento, e suppor-se destinadas pela natureza para escravas dos homens; pois quando me lembro da facilidade, com que as Americanas se lançarão nos braços dos Hespanhoes, isto he, dos assassinos despiedados de seus Pais, Esposos, e Soberanos, conjecturo que o desejo de fugir a despresos, e affrontas perennes, foi, senão a unica, uma das verdadeiras causas deste incrivel procedimento. Não, meu amigo, se os homens daquelle paiz não fossem tão sobejos em indignidades, não se terião prostituido sem repugnancia as trezentas esposas do Inca Atabaliba, logo depois da batalha de Caxamalca, que sujeitou o Perú a Carlos V., nem no dia seguinte passarião ao campo inimigo cinco mil Americanas (1).

O juizo que acabo de formar adquire ainda nova solidez, comparando este, e outros factos, talvez unicos na historia das Nações, com os nobres arbitrios, tomados pelo mesmo sexo a favor do nosso em paizes, aonde não era ultrajado, ou era amado, e dorado como divino.

Um Filosofo affirma que a condição das mulheres melhora progressivamente desde o estado natural até ao da civilização apurada;

(1) *Zarate Histor. do Perú.*

e eu mesmo convenho que, nas actuaes Sociedades, as mulheres gozão de muitos bens, sem soffrerem males sempre inherentes á vida selvagem. Com tudo, se tenho observado bem, não são entre nós tão felizes, como podiamos e deviamos faze-las.

Sei que obrigando-nos ao desempenho dos officios de maior porte temos incontestaveis direitos a superiores considerações. Grangeamos a subsistencia das familias: mantemos a tranquillidade interior do Estado; e aventurâmos vida e reputação contra os inimigos que o atacão. Mas a quem pertencem honras, estimações, dignidades! A mulher, seja a de um Heroe, apenas se illustra por gloria reflectida, pouco propria para satisfazer corações generosos.

A antiga ficção das Amazonas, que modernos credulos viajantes julgárão ver realizada nas margens do Maranhão (1), foi inventada por algum amador do bello sexo, que tentou dar-lhe no quadro d'uma quimerica vingança a impossivel consolação de seus males. A idéa d'uma Republica, governada e defendida por mulheres, que expulsão do seu territorio os homens com ignominia, mostrando-nos ao mundo, ao menos uma

(1) Foi descuberta do Hespanhol Orelhana *Viag. ao rio das Amazonas* por *Mons. de la Condamine.*

vez , exemplarmente castigados , deve ser deleitosa a corações indignados contra a constante primasia , que nós arrogâmos na Sociedade.

Não sei , meu amigo , se a fatal inclinação , que em mim sinto para ama-las e adora-las , me allucina , e encarece no espirito a desgraça do seu estado : mas com o coração que tenho vejo os homens , nas minhas observações , sempre duros , arrogantes , e insensiveis. A mulher bella he o primor da natureza ; e se une ás graças a discrição não tem as lingoas vocabulo , que expresse a excellencia desta maravilha. Que estimações , que respeitos não merece este sexo tão favorecido , e tão digno de governar o nosso pela bondade , e riqueza de seus dotes ! Embora seja um exaggerado na opinião do maior numero : desprezo os votos da multidão ignorante e grosseira , se me conformo em sentimentos com os corações escolhidos , entre os quaes tu sempre terás muito distincto lugar.

CARTA XXXV.

Placido a Venancio.

Não duvides, meu Venancio, que as mulheres sejão ordinariamente assim na Europa, como na America escravas dos homens. Tambem pensei em outro tempo que terião melhor sorte em paizes mais polidos; enganei-me; e a uniformidade do proceder injusto contra entes, que do Ceo nos enviárão a suavizar com prazeres os dissabores contínuos da vida, incitou-me a reflectir com curiosidade sobre as causas desta tyrannia, e as diversas maneiras de a exercitar. Exporei em differentes cartas o que sobre este vasto assumpto tenho podido ver e meditar.

A Natureza fazendo indispensavel a união dos dois sexos, e dando a um delles a superioridade das forças, determinou a subordinação eterna do outro. Por toda a parte se vê o animal fraco, inquietado, perseguido, e até devorado pelo forte: e os homens, sempre contradictorios, dizendo-se horrorizados por acções filhas do instincto, imitão a ferocidade dos brutos atormentando a fraqueza. Se consultarmos a historia, acharemos que em todas as idades tem abusado,

em prejuizo das mulheres, d'algumas vantagens, que lhe tocárão na partilha.

N'um paiz gastão as forças e a vida, obrigadas ao duro trabalho dos campos; em outro servem captivas, e encarceradas á bruta sensualidade d'um Despota; neste tirão as Máis, por piedade, a vida as proprias filhas recem-nascidas, atterradas dos males espantosos, que as esperão; naquelle dá Romulo aos maridos o barbaro direito de dispôr da vida de suas mulheres... ah! por ventura não erão, como os homens, membros da Sociedade! Porque se lhe negava o soccorro, e indemnização, que se deve em virtude do pacto social ao offendido, ou lesado? Apezar das justas razões de abolir a Lei que o permittia, durou seculos em todo o seu vigor tão detestavel privilegio (1).

Oh meu amigo! mui longa seria a lista, se apontasse todos os lugares, em que por diversos modos os homens atormentão as que podião servir-lhes de companheiras nos trabalhos e prazeres! Não me admira com tudo que o selvagem orgulhoso, independente e feroz, sómente busque a mulher quando a natureza lho ordena: assim procu-

(1) Vê-se em *Dion d'Halicarn* que Romulo deo aos maridos extensissima jurisdicção sobre as mulheres; cujo direito parece ter-se conservado nas LL. das 12 Taboas, que se publicárão no anno 301 da fundação de Roma.

ra a caça, a pesca, e a pelle do animal, com que se cobre: maravilha-me porém que homens nascidos nas doçuras da Sociedade, em lugar de gozarem, na posse do mais bello presente do Ceo, as puras delicias d'um amor legitimo, maltratem, e até envileção as que devião ser objectos de seus carinhosos cuidados.

CARTA XXXVI.

Placido a Venancio

OS Germanos, se nos não engana Tacito, respeitavão extremamente as mulheres, e as consultavão sobre os negocios mais importantes, chegando até a suppor-lhes alguma cousa de divino (1). Das Lacedemonias, diz Plutarco (2), que se vestião d'homens quando casavão; significando-se por esta ceremonia a igualdade dos dois consortes. Entre nós aconselhára eu que levassem cadêas nos pulsos, como symbolo da escravidão, a que as reduz o hymineo, por ellas tão desejado antes, como, em geral, depois aborrecido; e porque não temo, escrevendo-te, defender a verdade, direi altamen-

(1) *Tacit. de morib. German.* Cap. 8. e 18.
(2) *Plut. vida de Licurgo.*

te que nós somos quasi sempre a origem das discordias conjugaes, bem que orgulhosos soltemos por toda a parte amargos queixumes contra as infelizes, que opprimimos.

Observa o homem em quanto aspira a possuir a sua amada. Que humildade, que condescendencia! Não tem vontade propria; o coração da amante regula todas as suas acções; nada o consola no dia, em que algum accidente o priva de passar ao seu lado ás horas do costume; sacrifica-lhe os prazeres do campo, as partidas, os bailes, o Theatro; acha em fim o Universo inteiro no objecto da sua ternura.

Talvez he este o unico tempo, em que a mulher póde julgar-se igual, e ás vezes superior ao homem: mas tem breve duração, e o casamento troca, commummente a face das cousas. Converte-se a humildade em soberba, a condescendencia em obstinação, e o que antes se dizia feliz em ser escravo, declara que he Senhor, e quer que sejão respeitados os seus caprichos, e louvadas as suas desordens.

Não se póde, meu amigo, ser mais aleivoso, nem mais injusto! Que maior aleivosia do que fingir eu sentimentos e virtudes, que não tenho para captivar o coração que me abominára, se me vira como sou? Que maior injustiça do que servir-me do poder, e de prejuizos, que o tempo mudou em

Leis, para maltratar quem, de ordinario, só com lagrimas se defende?

Com esta iniqua conducta, nada me parece tão natural como ser aborrecido: mas não pensa deste modo o geral dos homens. Entendem que a esposa, e amante são especies de natureza contraria: e por isso se emprega com esta, para ser amado o que penhora corações sensiveis, e pratica-se com aquella quanto os angustia e affronta. Transforma-se então justamente o antigo amor em odio (multiplicão-se as dissensões com os motivos que as originão, e a presumida morada do prazer muda-se n'um inferno de tribulações contínuas.

CARTA XXXVII.

Placido a Venancio.

JA' te fallei, querido amigo, das pasmosas mudanças, que produz o casamento. Cresce porém a surpreza, quando ouço dar o nome de inconstancia á merecida aversão, que as mulheres concebem contra os perversos que as enganão.

He inconstante a que deixa o homem de quem he amada, para se entregar, por leveza, nos braços de outro que em pouco tempo aborrece; mas a que amou no desti-

nado esposo bondade de coração, franqueza d' alma, brandura de palavras, e de tratamento, e encontra nelle, depois de sujeita, desabrimento, reserva, e fereza, não he mudavel, se o aborrece. O homem que ella amava desappareceo com as qualidades bellas, que o fazião digno do seu amor; e o marido he olhado, por me explicar assim, como um intruso, ou estranho, com quem nada se contratou, e a quem nada se deve. Não he pois mudavel a mulher, como pertende o nosso orgulho: o culpado he sómente o homem, que dá ainda o nome de inconstancia ao effeito que a sua maldade produz.

Usurpado pelo homem o privilegio de enganar, e de gozar do fructo dos seus enganos, cada matrimonio faz um Despota que desempenha tão aborrecido titulo com o seu procedimento. Julga-se, em geral, que os chefes das familias nunca devem mostrar em casa semblante risonho: e partindo deste principio, ainda os mais joviaes nas companhias, deixão á porta, quando se recolhem, as boas maneiras, com que agradão fóra, para fazer a sua entrada, melancolicos e severos. Usando desta arte, são necessariamente temidos das mulheres e domesticos; porém, que resulta do constrangimento, em que se acha a casa toda na presença do dono della? A felicidade d' uma

familia he o fructo da harmonia, em que vivem os seus membros; e pelo methodo exposto está o chefe em guerra perpetua com os infelizes, que governa.

Oh homem, que tão pouco o pareces! como póde ser insensivel o teu coração ao doce sentimento de te veres amar daquelles, com quem habitas! Como podes desdenhar o prazer de fazer felizes! Como ignoras que pela affabilidade ganharias os corações a quem és odioso pela aspereza! Porque segues a louca tradição, que te ensina que o rosto do pai de familias deve ser carrancudo e pezado? Desengane-te a razão, e a experiencia; préza, e exercita a virtude, porque o teu exemplo he indispensavel, e para a insinuares facilmente nos corações, emprega sem cessar a brandura. O Despotismo póde fazer-te temido, mas não amado; e em quanto não mereces sê-lo, derrama a discordia na sociedade a que presides, males de toda a especie.

Tal fôra, meu Venancio, o discurso que eu fizera a cada um dos tyrannos domesticos, se palavras podessem abrandar sua dura condição, ou curar seu espirito tomado do erro, e do engano; mas como tudo seria inutil, continuaremos antes a analyse do seu insensato systema de viver.

CARTA XXXVIII.

Placido a Venancio.

ALém do semblante triste e severo, que se julga indispensavel no cabeça da familia, merece o nosso reparo a maxima recebida e authorizada, que muito se abate o marido que consulta a mulher, ou lhe communica os seus interesses, ou recreações. Sei que em muitos casos a mulher não póde dar conselho util, e que a algumas até fôra loucura pedi-lo. Com tudo admittindo estas excepções não posso approvar a regra. Porque esconderei áquella, com quem cohabito, os successos que acrescentão, ou diminuem a nossa fortuna, os motivos que causão á minha alma prazer, ou amargura? Porque me reduzirei ao triste estado de viver só no meio d'uma familia? Se sou feliz, augmente-se o bem, fazendo-o conhecer, e sentir a quem me ama: se sou desgraçado, sirvão ao menos as consolações da esposa para lenitivo do mal, e tenha no seu coração, quando tudo me falte, um asilo onde me salve das perseguições da sorte. Por virtude singular da sensibilidade a communicação dos males affrouxa-lhe o rigor, e a dos prazeres augmenta-lhe a intensidade.

Todavia o homem parece não pensar que a mulher lhe póde servir de amigo. He um ente de inferior natureza que se compra para se encarregar dos trabalhos domesticos, e satisfazer appetites nas occasiões que lhe determinão; pois até para gozar do mais vivo prazer da vida, não se consulta a mulher: usa-se de authoridade, sacrifica-se a victima, e o homem simplesmente sensual corre parelhas com os brutos. As almas grosseiras e depravadas ignorão que os prazeres do amor tirão todo o seu preço do coração que os concede; e que o amante verdadeiro, e delicado quer antes acabar de dor aos pés do objecto amado, que lhe accende os desejos, do que tentar satisfaze-los por violencia.

Já he muito o que tenho ponderado, mas ainda não he tudo. A posse segura da infeliz, que geme em prepetua escravidão, enfastia frequentemente quem no amor só trata de satisfazer os sentidos. Pertence exclusivamente aos corações mimosos amar um só objecto, e experimentar por elle successivamente sensações sempre gratas, e sempre variadas. Aquelles de que fallo, duros, e grosseiros ignorão que a ternura da mulher amada he fonte inesgotavel de prazeres. Limitados ao gozo fysico, e enjoados das que possuem, buscão nas que são o opprobrio do sexo, a felicidade, que só póde achar-se

no amor verdadeiro, e maltratão mais que nunca as desprezadas esposas, que dão bem depressa com a nova causa das oppressões injustas que supportão. Acresce então o ciume aos outros motivos dolorosos; e a vida das tristes escravas, não he mais que um tecido de amarguras, e pezares. Nem licito lhes he o queixarem-se de tão feios ultrajes: a que se abalança a arguir o esposo dos crimes que commette a todos os instantes, he no juizo dos homens deslavada, e temeraria; e soffre de ordinario n'uma clausura o castigo do pertendido arrojo. Ah! de que servem tantas violencias? Por ventura o terror póde gerar amizade, ou fazer amar a virtude! As desgraçadas que atormentâmos, chorão, abominando-nos, a perdida liberdade: olhão com espanto para a duração eterna do laço, que ás sujeita aos authores de seus males: e indignadas se entregão á vingança, e á raiva que depressa lhe suggerem funestos meios de desaggravo. Lança-se uma nos braços do amante assiduo, e docil, e no crime se vinga, desatentada, da negligencia, e dureza do esposo. Outra escutando sómente o seu resentimento, transformada pela desesperação em furia, pragueja o flagello de seus dias, deseja-lhe a morte, e acaba por ministrar-lha. Que terriveis extremos! Aterra-me a idéa delles: mas ainda mais se me confunde a razão, quando vejo

perseverarem obstinados os homens em antigos erros, que sem os fazerem felizes, tornão miseravel a condição da adoravel metade do genero humano.

CARTA XXXIA.

Placido a Venancio.

AInda não posso deixar o bello sexo: Emilia lhe pertence, o honra, e o enfeita; e cuido, quando o defendo, que advogo a causa della.

Menos me irritarião as injustiças dos homens, se a Natureza na formação da mulher a privára de todas, ou da maior parte das qualidades, que constituem a excellencia da nossa especie. Não está provado que no homem o espirito he mais penetrante, ou mais vasto, ou mais brilhante. Em todas as sciencias contâmos mulheres illustres; e se he maior o número dos sabios, tambem he maior o dos applicados: e talvez a differença de educação nos possa dar a razão da superioridade de espirito, de que tanto nos vangloriamos.

Sei que na lista das mulheres celebres se não contão genios iguaes a Descartes, Newton, e Locke; e nem por isso me atrevo a affirmar que a falta provém de inferio-

ridade de intelligencia. Em todos os seculos, e paizes, (são raras as excepções de tempo, e de lugar) se tem dado o nosso sexo ás artes e sciencias, em quanto o outro encarcerado nas paredes da sua morada, se limita á economia interior della, sem exercitar a razão. Ignoro pois se no infinito numero das que nunca cultivárão o espirito, se não acharia uma, que meditando descobrisse as Leis do Universo; e outra as da sensibilidade, e por ella nos explicasse a origem e formação das nossas idéas, e juizos.

Quanto aos dotes da alma he indubitavel que em muitos nos igualão, e até nos excedem em outros. Tão vulgar he no sexo delicado a affabilidade, ternura, docilidade, e commiseração, como em nós a dureza, inflexibilidade, e indifferença com os males estranhos; e se pela natureza do Governo se tem multiplicado em alguns paizes os exemplos de magnanimidade e patriotismo, os homens não se tem achado sós no campo da gloria.

Quando Bruto, sacrificando o sentimento ao dever, condemnou á morte os proprios filhos, já Lucrecia não tinha podido sobreviver á sua deshonra: e se Catão dilacera as entranhas para morrer com a liberdade, Porcia affrontando a dor, merece que se lhe confie o projecto de assassinar Cesar, e mor-

re como digna esposa do mais virtuoso Romano.

Na patria dos heroes, em Lacedemonia, as Mãis e mulheres incitavão os filhos e maridos, a arrostar com os perigos, e a morte: celebrando em canticos de alegria os que gloriosamente morrião, e chorando envergonhadas os que deslustravão seu nome salvando a vida.

Concluo pois, meu estimavel amigo, que loucamente blasona o homem da bondade privativa do seu sexo, tanto por não ter negado a natureza ás mulheres nenhuma das qualidades mais uteis á humanidade, como por não estar averiguado se, quanto ás do espirito, por ella, ou sómente por nós tem sido condemnadas á mediocridade na successão dos seculos.

Resta porém ... e eis-aqui oh amavel sexo! a primeira e irremediavel origem dos vossos maiores males! resta porém aos homens a força: instrumento fatal nas mãos de orgulhosos e tyrannos, que ignorão, ou se esquecem de que se aviltão com victorias conseguidas de contrarios inhabeis para resistir. A fraqueza d'um sexo não dá ao outro, direito para o vexar a seu sabor: he pelo contrario, no meu juizo, poderoso motivo para nos esmerarmos em bem trata-lo.

Quem puderá, meu amavel amigo, introduzir nos corações dos homens, quasi

sempre duros e ingratos, a verdade do que te escrevo; e ensinar-lhe a arte simples, e natural de viver em perpetuo prazer com aquellas, que alternadamente idolatrão e atormentão. Que importante serviço não fazia eu deste modo ao sexo amavel, que a Natureza com tanto desvelo ornou de graças e belleza, destinando-o para origem das nossas maiores delicias? Mas, que forças bastarião para combater erros obstinados; e extirpar prejuizos encanecidos, e arreigados profundamente pelo tempo, e muito mais pelo nosso indomavel orgulho! Clamores, raciocinios, exemplos, não podem abrandar corações que desprezão, e chegão a deleitar-se com as lagrimas da belleza humilhada: e como he destes o maior número, existirão mui poucas, a quem a sua triste condição não obrigue a formar dos homens o conceito, que delles fazia uma discreta abandonada, *baixos em quanto desejão: altivos desde que esperão: ingratos depois que alcanção.*

CARTA XI

Venancio a Placido.

AS tuas ultimas cartas, meu querido Placido, me confirmão na idéa que já tinha da docilidade de teu coração, e da generosidade de tua alma; reconheço em fim o amante extremoso de Emilia, e o meu verdadeiro amigo.

He dado a poucos homens sentirem como tu os encantos do amor, e da amizade. Quasi todos, insolentes, se jactão de insensiveis aos prazeres do espirito, e do coração, e mofão, por nescios, dos que fazem consistir nelles a sua primeira felicidade.

Concordo comtigo na materia discutida. A mulher enviada do Ceo, como diz um elegante Poeta, para aperfeiçoar a natureza do homem, he no seu poder desgraçada: e a sujeição a que a reduzio a inferioridade de forças, tem sido precisamente fecundo principio de desditas. Com tudo este sexo tão amavel, como infeliz, bem que se queixe com justiça da Natureza, deve imputar á Sociedade o maior numero dos seus males.

O casamento he sem dúvida o contrato mais importante da vida. Por elle se ligão dois individuos pelo tempo da sua existen-

cia, e se obriga cada hum a promover constantemente a felicidade do outro. Conhecido o valor da convenção, principalmente pela insolubilidade do vinculo, todas as prevenções me parecem poucas para proceder seguro. Dão-se com tudo inconsideradamente estes nós eternos, sem que a vista continua dos males nascidos por nossas fataes imprudencias, nos assuste, e torne mais cautelosos em tão arriscados ajustes.

A primeira origem de dissenções e desastres he sem duvida a permissão de se unirem os sexos, logo que a natureza lhe não obsta. Todos sabem que se resiste com grande custo á vehemencia das primeiras impressões, e que por falta de experiencia o amor nos mostra inalteravel a felicidade nascida da posse segura da pessoa amada, e como a Lei nos não estorva, fazemos com a maior ligeireza o maior sacrificio. Segue-se tambem desta regra que se reputão proprios para contrahir a mais solemne das obrigações, aquelles que o Direito não julga capazes para administrar seus bens, e como pelo matrimonio passão effectivamente a administra-los, infiro que por condão singular extingue os verdores da mocidade, e illustra antes de tempo a razão. A estas victimas voluntarias acressem as que injustos Pais conduzem apressadamente ao altar, ou para que acceitem melhor a sua escolha arbitraria, ou por-

que temem que lhe escape alguma grande fortuna; pois cuida-se, em geral, que não se póde ser infeliz sendo rico. Ignoro, meu Placido, porque se não defendêrão estes immaturos consorcios, assim para obviar um abuso do poder paterno, como para não pagarmos tão caro as primeiros fraquezas do nosso coração.

Que diremos tambem da indifferença, com que se ligão para se amarem sempre, pessoas desconformes na educação e caracter? Passa por axioma que não póde haver amizade entre individuos de differente indole; mas os que menos analogia tem entre si, não se julgão improprios para um amor eterno; e por este estranho modo de pensar, se engrossa todos os dias a lista dos infelizes. Quantos, além destes, sacrificão a liberdade para fugirem á nimia severidade dos Pais! Quantos porque se enlevão n'uma enganosa perspectiva de grandeza, que depois he tão esteril em prazeres, como fecunda em dissabores?

Muitos outros motivos pudéra mencionar, e de tão pouco ou menor pezo, que dominando o nosso espirito com apparencias de sólidos e attendiveis, mil vezes nos determinão a buscar quem não póde fazer-nos felizes; o que mostra que neste grave negocio nenhum dos sexos tem a mira na felicidade mútua, primeiro fim do matrimonio (1)

Ambos por tanto se despenhão; mas no mitigar o mal da quéda, se conhece a desigualdade de risco que cada um delles corre, dando este perigoso passo.

Desavindos os consortes, o homem (se as luzes do espirito, e a bondade do coração lhe não mostrão melhor expediente) começa pelo sentimento da superioridade de forças, a tratar com desdem e arrogancia a infeliz, a que se acha unido; e ás vezes refinando em maldade presta-lhe em público respeitos e amor, e em segredo a mortifica por fingidos ciumes, ou por outros falsos motivos, com que pertende justificar-se; seguem-se ameaças, actos de severidade, e trata-se em fim ... tão baixa he e tão infame a condição d'alguns! trata-se em fim a mulher como os brutos, que tem a desgraça de nos serem uteis.

No meio de tantos males, quasi nenhum remedio lhe ministra a Sociedade. Por abuso da Lei que as sujeita aos preceitos avisados do esposo, ficão dependentes dos seus caprichos, e desordenado alvedrio: e se alguma tentá por meios legitimos queixar-se do quebrantamento das condições do contrato, termina-se o processo, como he natu-

(1) Sem dúvida o primeiro, porque sem ella he incerta a propagação, e talvez desprezada a educação dos filhos, que são os outros dois fins do matrimonio.

ral, a favor do mais poderoso, que se ajuda ainda com a demarcação arbitraria dos limites da sua authoridade.

Em uma palavra, meu Placido, se deixarmos subtilezas, que me não são desconhecidas, excogitadas para prova da sorte feliz, da mulher, e desmentidas pela observação, forçosamente confessaremos que ha de gemer opprimida e atribulada, ou buscar o triste abrigo da Clausura aquella, que achou em vez dos bens de amor e da amizade os males da escravidão.

Taes são as poderosas razões, por que me parece haver dito uma proposição verdadeira, quando affirmei que as mulheres se podião queixar-se da natureza pela parcial divisão de forças, muito mais da Sociedade, unicamente solicita no bem dos homens.

CARTA XLI.

Placido a Venancio.

Dezembro de 1807.

NÃo parti para o Brazil, como talvez suppões. Receei que ao tempo de chegar á patria já tivesse embarcado a minha querida Emilia (2); e se tão funesto desencontro se virificasse, largo tempo choraria a minha inconsideração. Ficando porém em Portugal cedo ou tarde me será conhecido o lugar da sua existencia, e para lá voarei; e se ella não tiver sahido da America, voltarei a vê-la, sem que meu Pai possa criminar-me, pois sirvirá a invasão dos Francezes para desculpa da minha retirada.

Tenho sido, meu Venancio, testemunha de successos, que raras vezes se repetem no mundo; e se eu deixasse agora de te escrever, com razão crimináras um silencio que te privaria do conhecimento ver-

---

(1) As cartas que tem por assumpto o Governo dos Francezes levão para sua melhor intelligencia as datas dos mezes em que forão escritas.

(2) Refere-se ao aviso que lhe fez Leandro na Carta XXII.

deiro de factos que sempre farão memoraveis os ultimos dias de Novembro.

Depois de muitas e encontradas noticias sobre a marcha do exercito Francez, e sua entrada neste territorio, julgando uns que o Principe o esperava na Corte, outros que se ausentava para a America, entrou em 22 uma fragata Ingleza neste porto, e propagou-se universalmente a opinião de que se retirava ao Brazil.

Quando por provas incontestaveis me convenci que o projecto se reduzia a facto, tremi considerando-lhe as consequencias. Suppuz-me subitamente em dias de anarquia, no meio d'uma Cidade abundante em vadios, licenciosos, e até de novos miseraveis pela ausencia do Soberano, cuja desesperação ainda que momentanea, podia ser tão terrivel como a crueldade habitual dos perversos. Persuadi-me que tratando-se de salvar a Familia Augusta, embarcarião ao menos as tropas da Capital; e que o povo sem o freio do temor dos castigos se dividiria em bandos, saltearia as casas, e commetteria por toda a parte roubos e assassinios.

Apezar de tão justos receios, e de um generoso agasalho, que se me offereceo no Além-Téjo, não sei que força desconhecida me segurava, e detinha na Cidade. Parecia-me que invejaria, se sahisse, a sorte dos que ficavão, e não podendo resistir ao appe-

petite louco de ser presente áquillo mesmo que temia, fiquei em Lisboa, onde nada houvè de extraordinario, nos primeiros momentos, senão a tranquillidade inesperada.

No dia 27, das onze horas para o meio dia, embarcou no caes de Belem o Principe, e a Familia Real em quanto o povo apinhado nos montes vizinhos do rio, e derramado pela beira delle, se entretinha socegadamente com a partida das differentes familias que se despedião, com lagrimas, dos amigos e parentes que deixavão.

He incrivel a pressa e desordem, com que se effeituou o embarque. Forão filhas sem pais, mulheres sem maridos, e pessoas da alta nobreza se achárão a bordo sem fato, sem roupa, e com pouco ou nenhum dinheiro. Não individúo estes factos, porque as circunstancias alongão em demasia a narração; e basta o que digo para formares idéa da confusão, que reinou na precipitada sahida do nosso Soberano; o qual deixando regulada a Regencia do Reino (1), que por editaes se publicou no dia 28, largou deste porto a 29, com parte da Esquadra Portugueza, e grande numero de navios mercantes. Acompanhárão o Principe além de muitos Nobres, os Titulos seguintes: o Duque de Cadaval: os Marquezes de Angeja, &p

(1) Por Decreto de 26 de Novembro de 1807.

Alegrete, de Lavradio, de Torres Novas, de Pombal, de Bellas: os Condes de Redondo, de Cavalleiros, de Belmonte, de Caparica, de Aveiras: e o Visconde de Anadia. (1)

Desemparados e expostos aos horrores da guerra, com que parecião ameaçár-nos a Inglaterra, e a França, julgavamos certa a nossa ruina, quando no dia 30 de manhã nos offereceo a protecção de Bonaparte o General Junot, que entrou no mesmo dia em Lisboa, e tomou para seu quartel a casa do Barão de Quintella. Algumas tropas se encaminhárão logo para as torres da barra, outras se alojárão nos quarteis dos nossos soldados, Conventos, e Castello; e o povo conservado na antiga fleima, vio sem inquietação a entrada dos novos hospedes.

Varios discursos se fazem sobre a nossa insensibilidade ou covardia; mas eu creio que uma nação de Filosofos não procedia com mais acerto. Se a Hespanha mais prevista se tivesse acautelado contra o astucioso politico, por quem tem loucamente sacrificado riquezas e vassallos, era bem digno do nome Portuguez unirmos as nossas forças ás suas, e disputarmos de concerto ao inimigo commum o passo dos Pyrineos. Seria porém loucura rematada querermos fra-

(1) Forão tambem D. Rodrigo de Sousa Coutinho: D. João d'Almeida de Mello e Castro: e Antonio de Araujo de Azevedo.

cos, sós; e pobres fazer rosto a dois contrarios tão poderosos, um dos quaes allicia-do por enganosas promessas, não vê que a nossa escravidão he o preludio da sua.

CARTA XLII.

Placido a Venancio.

Dezembro de 1807.

FStou assombrado, meu amigo, com a Policia e Governo dos nossos illustres *Protectores*! Espero que a tua admiração não seja menor que a minha.

Apezar de ser verdade indubitavel que o poder de legislar compete unicamente ao Soberano (1), o General Francez estabeleceo nas fronteiras deste Reino castigos contra os Portuguezes culpados de sedição, ou assassinio (2), isto he, arrogou-se insolentemente uma faculdade, que não lhe pertencendo nem sequer pelo desgraçado titulo de conquistador (3), só lhe podia ser conferida pela vontade geral.

(1) Ou seja hum só homem como na Monarquia, ou alguns como na Aristocracia; ou todos como na pura Democracia.

(2) Na Proclamação de Junot em Alcantara com dita de 17 de Novembro de 1807.

(3) Porque dizia na dita Proclamação que os Portuguezes devião recebe-lo como amigo *auxiliando as vistas pacificas do seu Principe.*

Examinemos agora as Ordenações que este legislador incompetente inserio na sua primeira proclamação, bem digna de melhor analytico. Para que possas dispensar o original, traslado as palavras formaes do texto, que divido em duas partes.

I.ª *Todo o soldado do exercito Francez, que se achar roubando será punido com o mais rigoroso castigo. Todo o individuo de qualquer ordem que seja, que tiver percebido alguma contribuição injustamente, será conduzido perante um Conselho de Guerra, para ser julgado segundo todo o rigor das Leis. Todo o individuo de Portugal, não sendo soldado de tropa de linha, que se apanhar fazendo parte de qualquer ajuntamento armado será arcabuzado. Todo o que for convencido de chefe de ajuntamento ou conspiração, tendente a armar os Cidadãos contra o exercito Francez, será arcabuzado.*

Nesta primeira parte como para nos dar uma prova da imparcial administração da sua justiça, são ameaçados os Francezes, e Portuguezes. Noto com tudo que contra aquelle não se especificão penas; diz-se vagamente que *serão punidos com o mais rigoroso castigo*; que *serão julgados com todo o rigor das Leis*: mas os Portuguezes tem logo a consoladora certeza de serem arcabuzados. Observo tambem que o Legislador sómente se propõe castigar nos Francezss o crime de la-

trocinio; e nos Portuguezes o de morte ou rebelião. Esta differença he mui acertada: prohibe-se aos soldados que furtem para não diminuirem o quinhão dos Chefes; e não se lhes prohibe que matem porque nada vale a vida d'um individuo, que não pertence á *Grande-Nação*. Pelo contrario, prohibe-se aos Portuguezes que matem, porque os soldados são necessarios para sustentar a execução das violencias projectadas; e não se lhes prohibe que roubem, porque seria loucura imaginar que podiamos roubar recovas de mendigos, descalços e rotos.

II.ª *Toda a Cidade, Villa, ou Aldêa, onde se derem tiros de espingarda contra a tropa Franceza, será queimada. Toda a Cidade, Villa, ou Aldêa, onde se assassinar um individuo que pertença ao exercito Francez, pagará uma contribuição que não poderá ser menor que tres vezes o seu rendimento annual. Os quatro habitantes principaes servirão de refens para o pagamento da somma; e para que a justiça seja exemplar, a primeira Cidade, Villa, ou Aldêa, onde se assassinar um Francez, será queimada; e arrasada inteiramente.*

Parece colligir-se destas determinações que será queimada a povoação, onde se derem tiros contra a tropa Franceza; e que pagará o triplo da renda annual aquella em que se matar um individuo do exercito. Co-

mo se comminão penas differentes nas duas hypotheses, julgo que tambem são diversos os crimes: e como na segunda se falla expressamente do caso de assassinar hum Francez, entendo que o da primeira he dar tiros baldados contra a tropa Franceza. Por tanto, se dois ou mais Portuguezes atirarem aos soldados, e não acertarem com o alvo, será queimada a terra onde o fizerem: mas se matarem algum, sómente ficará sujeita a pagar uma contribuição; donde eu concluo que não matar um Francez he peior do que matallo.

Tal seria a melhor intelligencia deste informe pedaço, se o Legislador nada mais acrescentára; mas com as tres ultimas linhas vejo difficuldades invenciveis. No principio diz que a terra, onde se matar um Francez, pagará uma contribuição; no fim diz que se arrasará; uma vez impõe este ultimo castigo a *toda* a Cidade, Villa, ou Aldêa: outra vez, sómente *á primeira*; dou as mãos, meu amigo, não sei desenredar a meada.

Dize-me agora, Venancio, qual será a sorte deste Reino, sujeito a tão bons senhores? Que se póde esperar d'um Governo, que publica Leis inintelligiveis e crueis, que a ignorancia, e o Despotismo formárão, e que a força armada protegerá atropellando os nossos sagrados Direitos? Como se ignora que a pena he sempre proporçionada ao

delicto; e que só incorre nella o culpado? Porque se confunde o Cidadão socegado com o turbulento, o justo com o perverso? Quem se julgará seguro podendo padecer pelos crimes dos outros? Fujamos, se possivel he, deste paiz: o Governo de Constantinopla, não he mais abominavel que o Francez.

CARTA XLIII.

Placido a Venancio.

Dezembro de 1807.

O Nosso *Protector* conhecendo quanto he violento para a alma humana o estado de dúvida, não quiz que fosse incerto por mais de 24 horas, se nelle, ou no Conselho de Regencia residia o Poder-Supremo; e com esta benefica tenção despachou no primeiro deste mez para Commissario do Governo Francez um certo *Herman*, que logo nomeou no dia 3 para Administrador das Finanças.

Não podia demorar-se sem grave prejuizo o segundo despacho; não só porque os negocios de maior monta para os Francezes, perteacem á repartição da Fazenda, mas tambem porque tendo-se resolvido no mesmo dia 3 tirar aos negociantes, a titulo de

emprestimo, dois milhões de cruzados (1); pedia a boa ordem que se tivesse nomeado quem vigiasse sobre a sua arrecadação.

Outros se contentarião de ter podido em quatro dias lançar mão das redeas do Governo: fazer um Ministro de Fazenda: e obrigar a Praça de Lisboa ao desembolço de dois milhões; mas a actividade Franceza ainda fez, dentro do mesmo prazo, o Chefe da Marinha (2); prohibio o uso das armas de fogo, e a caça; e ordenou a confiscação das manufacturas Inglezas, e de todos os bens móveis, e de raiz, pertencentes a vassallos da Grã-Bretanhã (3).

Sobre a ultima providencia dizem alguns que sendo já de Portuguezes grande parte das fazendas condemnadas, soffrem elles, e não os Inglezes, a confiscação dessa parte; mas provavelmente não seria attendida esta razão, quando fosse representada, dois consta que os taes guerreiros invictos trazem mais fama que dinheiro.

Estes importantes Decretos formárão o assumpto quasi universal das conversações até ao dia 9, em que houve uma pequena diversão, motivada por nova ordem do Ge-

(1) No dia 4 se creou para esse fim uma Junta de Negociantes, da qual foi Presidente o Barão de Quintella.

(2) Magendie.

(3) Por dois Decretos de 4 de Dezembro de 1807.

neral Junot, que enfreou de algum modo a desaforada liberdade, com que os Officiaes do seu exercito exigião nas casas, em que se aboletavão, não só o necessario mas o superfluo. Um escolhia os melhores quartos para seu aposento: outro desdenhando a comida que se lhe offerecia, designava (como se as pagasse) as iguarias do jantar, e da cêa: este apresentava a lista numerosa dos trastes, que não podia dispensar no seu serviço: aquelle mudava em pouco tempo de alojamento, só para conduzir ao novo os móveis de que se tinha servido no antigo.

Apenas se podem crer tantas petulancias e vilezas, praticadas por uma Nação, que ha vinte annos blasonava de polida. De nenhuma revolução nos falla a Historia, que se possa comparar em resultados com a de França. Ao amor das sciencias succedeo a ignorancia e o pedantismo: ao gosto apurado das artes, o appetite desordenado das innovações: ao trato urbano, e talvez excessivamente fino, as maneiras grosseiras e brutaes do homem simplesmente guerreiro: e ás maximas justas de humanidade e beneficencia, a sede insaciavel de sangue, e de rapina. Terminemos porém uma digressão, cujo progresso me conduziria longe desta Cidade, quando quero relatar-te os successos do dia 13, em que a gentalha de Lisboa quiz dar uma prova indubitavel de pusillanimidade e loucura.

O General Francez fez de manhã no rocio o primeiro alardo das suas tropas, e depois d'uma curta falla, que dirigio aos soldados, derão estes com elle repetidos vivas ao Imperador, em cujo tempo se arvorou bandeira Franceza no Castello com grandes salvas d'artilheria. Retiradas as tropas da praça, o povo que a ficou occupando, e que era innumeravel, começou a mostrar os primeiros signaes de descontentamento nos altos vivas que tambem deo ao Marquez d'Alorna, que por alli casualmente passava. De tarde já forão insultadas algumas sentinellas; e á noite bandos mais numerosos se formárão em diversos bairros blasfemando, e ameaçando a vida de Junot. Parece que este apezar de lhe constarem as injúrias contra elle directamente proferidas, intimou aos Commandantes dos Corpos que sahirão armados, que reprimissem sem effusão de sangue o atrevimento dos levantados (1), como quem estava seguro de que o motim da mosqueteria era bastante para pôr em fuga o inimigo; e com effeito, espavorido largou o campo, apenas começárão as descargas.

No dia seguinte de manhã ainda o povo

(1) Talvez foi esta a unica ordem boa, que deo em todo o tempo do seu governo; e ainda se foi saudavel nos effeitos, era muito ruim na tenção.

enxovalhou e ferio gravemente um Official Francez, que encontrou desgarrado no Rocio: mas cuido que esta façanha foi a ultima agonia do valor Lisbonense, pois o socego foi nesse mesmo dia restituido pela actividade e vigilancia das Guardas da Policia, e depois felizmente conservado até hoje pelo temor que inspirou a pena de morte comminada contra os cabeças de motim, e os que nelle usassem de armas (1), e talvez pela força persuasiva da Pastoral do nosso Patriarca (2), bem que publicada quatro dias antes deste pequeno reboliço.

CARTA XLIV.

Placido a Venancio.

Dezembro de 1807.

QUando vi no principio deste mez que o General Junot, em vilipendio da Authoridade Suprema, delegada ao Conselho de Regencia, promulgava Decretos, como se fôra Soberano, entendi que o escandaloso Usurpador dominava todas as Provincias do

(1) Por Decreto de 14 do mesmo mez e anno.

(2) He a Pastoral de 8 de Dezembro de 1807.

Reino: mas sei agora que o General Hespanhol Taranco, depois de imitar o Francez (1), transcrevendo quasi por inteiro as determinações insertas na Proclamação de que já te fallei (2) creou uma Junta-Provisional para administrar as rendas públicas das Provincias, Entre-Douro e Minho, e Trás-os-Montes (3): e sei que o General Solano confirmou nos empregos os Magistrados do Além-Téjo, Algarve, e Setubal (4); e como a Jurisdicção dos Ministros só emana do Principe, assim como só a elle compete o Direito de fazer e abrogar as Leis, segue-se que a Soberania, indivisivel por natureza, está em Portugal repartida entre o nosso legitimo Soberano, o Imperador dos Francezes, e o Rei de Hespanha.

Duvido, meu amigo, que dure longo tempo esta monstruosa sociedade; mas em quanto as armas não decidem a questão, fallemos do que se vai ordenando, tendente tudo (ainda que se não saiba como) ao nosso augmento e prosperidade.

---

(1) Na sua Proclamação de 13 publicada no Porto.

(2) Na carta XLII.

(3) Por Determinação de 20 publicada no Porto.

(4) Por Determinação de 31 publicada em Setubal. No mesmo dia foi D. Joaquim Maria Sotelo nomeado Juiz-Maior das ditas Provincias.

Era evidente que desde o momento, em que se declarárão confiscadas as manufacturas Inglezas, sem excepção alguma, ficára tambem prohibida a sua venda: porém os espiritos illuminados que nos regem, não virão a consequencia, senão quando lha mostrárão em differentes representações. Differindo a ellas se publicárão tres Decretos: o primeiro em 19, que dá aos donos das fazendas Inglezas a liberdade de as venderem; mas obstando-lhe com tantos estorvos, que difficultosamente lha poderião coarctar mais sem lha tirar de todo: o segundo em 21, que regula o pagamento das letras sacadas, acceitas, ou endossadas por vassallos da Inglaterra: o terceiro em 22, que ordena a fórma do desembarque das fazendas confiscadas a bordo de navios ancorados no porto de Lisboa. Fallarei sómente do primeiro, porque muitas reflexões são applicaveis aos outros.

As condições singulares, com que se permitte a venda são as seguintes: I. ter feito o vendedor a declaração, á que o obrigou o Decreto de 4 do corrente, individuando a especie, qualidade, medida, quantidade, e preço do que se quer vender. II. fazer-se a venda com authoridade do Commissario, perante quem se tiver feito a declaração: III. ficar o vendedor responsavel pelo producto da venda até se decidir a sorte da mercado-

ria: IV. dar, se lhe for pedida, uma caução que corresponda ao valor das vendas: V. lançar o vendedor no seu livro o importe de cada venda, a quantidade do que vendeo, e o nome do comprador.

Os raros engenhos, que vierão protegernos, seguem invariavelmente o baixo systema de affectar servir o público, ordenando o injusto, ou só relativo aos seus interesses e criminosos designios. Em vão se finge no preambulo do Decreto querer por elle evitar o mal, que o público soffreria, se sahissem da circulação os generos e manufacturas da Grã-Bretanha; a menor reflexão nos convence que as condições são tantas cautelas, dictadas pela cubiça que os desassocega, e unicamente imaginadas com o fim de prevenir fraudes (1), que poderião diminuir o roubo. Nada importa que nas actuaes tristes circunstancias, seja quasi impossivel depositar cauções, ou achar fiadores: e que a responsabilidade, a que a Lei vincula o vendedor, seja especialmente damnosa ao commerciante de pequenos fundos, pois não se atreverá a dispôr do producto das vendas, sabendo que lhe póde ser pedido por pessoas,

(1) Por esta palavra entende-se aqui sómente a inobservancia do preceito; porque, rigorosamente fallando, não póde chamar-se fraude ao meio de evitar uma injustiça.

a quem custão não pouco as injustiças; tudo he indifferente, com tanto que se leve avante o projecto.

O receio de lhe escapar algum covado de panno, ou alguma vara de fita, lhe suggerio sem dúvida a futil lembrança de obrigar o vendedor a lançar o nome do comprador no seu diario. Os frivolos authores desta exquisita cautela não reparárão que não sabendo os donos das fazendas os nomes de todas as pessoas, que lhas comprão, podia o comprador *Paulo* dizer que era *Francisco*, e que só por este engano inevitál dos nomes, ficava sendo perfeitamente impossivel conferir a confissão do comprador com o assento do livro, unico fim deste subtil expediente.

Tão ridiculas futilidades nem dignas são da nossa censura; mas desejára que se conservassem para mostrar aos vindouros a que homens encarregava o grande Napoleão o governo das nações, que dizia subjugadas.

CARTA XLV.

Placido a Venancio.

Janeiro de 1808.

Esperavão-se importantes mudanças com a entrada do anno novo: estamos porém no fim de Janeiro, e apenas se publicou no dia 5 um Decreto relativo aos pescadores.

Nelle reconhece o Legislador primeiramente quanto he util a pescaria para uma Cidade tão populosa como Lisboa, e affirma que deseja proteger com particularidade as classes miseraveis; mas para difficultar a communicação com a Esquadra Ingleza, obriga cada pescador a numerar a embarcação: a trazer a lista da companha: a mostrar todos os sabbados que esta completa, e se alguem falta, o por que: e a estar dentro da barra ao pôr do Sol. São condemnados os transgressores em multas, confiscações, e penas corporaes, segundo as infracções, e o numero das reincidencias.

Cuidarão por ventura os que lembrão tão absurdas providencias, que nos illudem com as palavras vagas de amparo e commiseração, sempre desmentidas por iniquos procedimentos? Se o Legislador não fôra hypo-

crita: eis-aqui o que diria, „ Não me importando com a utilidade que ao povo de „ Lisboa resulta da abundancia da pesca, e „ querendo vexar ainda mais a classe já muito desgraçada dos pescadores, eu os sujeitarei á observancia de tantos preceitos, „ e os assustarei com tantas penas, que ou „ quasi nunca se attreverão a lançar ao mar „ uma rede, ou difficultosamente escaparão „ da que lhe armo para lhe confiscar o unico bem que de ordinario possuem. „

Quanto mais felizes erão os pescadores antes de se ter piedade delles! Navegavão livremente: entravão no porto á hora mais opportuna: augmentavão, e diminuião as companhas como lhes convinha: e não receavão perder as embarcações por lhes faltar um papel (1), ou pela suspeita de alguma abordada ao inimigo. Assim vão todos os individuos sentindo successivamente a influencia da rara protecção dos nossos hospedes. Os negociantes já forão protegidos com a extorção de dois milhões de cruzados: muitos Pais de familias, e Cidadãos honrados, que sustentavão honestamente mulheres, e filhos, forão despedidos dos empregos, por um effeito da mesma protecção: e copia infinita

(1) O Decreto diz que será tomada a embarcação, cujo Patrão não trouxer a lista da sua gente.

de operarios e artistas mendigão nas ruas da Cidade o pão, que atéqui ganhavão occupados ultilmente em officios e fabricas. O verbo proteger, meu Venancio, terá desde a época presente diversa significação; ou pelo menos nos nossos Diccionarios se notará que proteger á Franceza, quer dizer *deteriorar, roubar, e destruir.*

CARTA XLVI.

Venancio a Placido.

Fevereiro de 1808.

Des biens des nations ravisseurs alterés,
Le bruit de nos tresors les a tous attirés.

Rac. Mithr. Act. III. Sc. I.

TOdos os successos, meu Venancio, que até agora me parecêrão extraordinarios, são átomos, comparados com a grandeza dos novos acontecimentos.

Portugal he huma justa adquisição dos Francezes, e só por elles ha de ser governado: o Principe do Brazil perdeo, porque se ausentou, o direito que tinha á Soberania deste Reino: e os seus habitantes devem pagar uma contribuição de quarenta milhões

de cruzados. Tal he a summa da proclamação, e das ordens, que enfeitadas com palavras de bom sonido, se publicárão no principio do presente mez de Fevereiro. (1)

Os vossos interesses, diz a Proclamação, *fixarão a attenção de Sua Magestade o Imperador, Nosso Augusto Senhor; toda a irresolução deve desapparecer; decidio-se a sorte de Portugal, e segurou-se a sua felicidade futura; pois que Napoleão o Grande o tomou debaixo da sua omnipotente protecção.*

O vil adulador não reparou que esgotava todas as lisonjas na impia applicação d'um atributo da Divindade: que se privava para sempre do prazer de exaltar mais o seu heroe: e que fazendo depender a nossa felicidade da *omnipotencia* de Napoleão, perdemos de todo as esperanças de deixarmos de ser desgraçados. Não tarda, meu amigo, uma nova Apotheose: os Francezes dos nossos tempos disputão vilezas com os escravos dos Tiberios.

---

(1) Com a data de 1 de Fevereiro tivemos a proclamação, que o Author transcreveo quasi por inteiro, e 3 Decretos. Um estabelecia a derrama da contribuição, imposta por Bonaparte em Milão aos 23 de Dezembro de 1807. Outro tratava da creação do novo Governo Francez. O terceiro dava as formulas para as Leis, Decretos, Ordens, Sentenças, &c.

O Principe do Brazil, abandonando Portugal, renunciou todos os seus direitos á Soberania deste Reino. A casa de Bragança acabou de reinar em Portugal.

Que fraudulenta conducta? Que indignos estratagemas? Obriga-se com a invasão injusta de um axercito a sahir deste Reino a Familia Real, e serve depois a mesma sahida para prova justificativa da usurpação. O Principe Regente, retirando-se ao Brazil; tomou o unico sensato expediente que lhe restava para salvar a sua propria Pessoa, e poupar os vassallos aos horrores de uma guerra, que seria então necessariamente desgraçada. A alliança pública da Hespanha com a França, e os ajustes particulares, que se suspeitárão pela ligação dos dois exercitos, desanimárão com razão o nosso Ministerio, que não só teve por baldada e funesta qualquer resistencia, mas conheceo que a França se servia do pretexto de vir fechar os portos á Inglaterra, para introduzir tropas, e arrancar o sceptro ao nosso legitimo Monarca. Vê-se claramente que se entendêrão bem suas damnadas tenções, quando se lê no Decreto de 26 de Novembro estas notaveis palavras: *as tropas Francezas dirigem-se muito particularmente contra a minha Real Pessoa.*

Com effeito, meu amigo; respeitarião por ventura o Soberano os pérfidos, que des-

de os primeiros momentos da sua entrada intimárão ordens aos Governadores do Reino, dispozerão dos bens da Coroa, e se apossárão do Thesouro Público, como se fôra proprio? Respeitarião o Soberano os que ousão dizer-nos com inaudita insolencia, pizando os direitos do povo Portuguez, e insultando a Nação, que já não compete á Casa de Bragança o Direito de reinar neste paiz? Não, meu amigo; o Principe Soberano de Portugal era uma das victimas, que a insaciavel ambição de Bonaparte designava para o sacrificio, de que depende a elevação da sua familia; por tanto, ficando no Reino, era inevitavel a sua desgraça: e retirando-se, he muito incerto o perdimento da Coroa, apezar do que blasonão com insensata arrogancia os intrusos Dominadores.

Quem, se o não vira, acreditára que o Chefe da Nação, que ha poucos annos declarou tão solemnemente os direitos dos póvos, se arrogava o poder de nos governar, ou talvez de nos dar um Soberano, desenthronizando o legitimo que nos regia, como descendente do primeiro, que os nossos maiores livremente approvárão para reinar? Qual não foi a indignação da França contra as Potencias, que no principio da revolução tentárão dar-lhe a sua antiga fórma de Governo? Demonstrárão os novos Republicanos (e bem differentes dos antigos) que a cada Nação

em particular pertencia a escolha da Authoridade-Suprema; e o povo justamente irritado pela affronta que lhe fazião os Reis, que contra elles se ligárão, vingou-se das injúrias dos seus inimigos por uma longa serie de victorias. A França pois reconhecendo modernamente a base primeira das convenções sociaes, e sustentando com as armas sua independencia; nos authorisa com lições e exemplos a não soffrermos o jugo, que aleivosamente nos prepara.

Não penses com tudo que assim equiparo o procedimento dos Reis á vil conducta do flagello da Europa; aquelles parentes e alliados do ultimo Monarca Francez, procuravão mante-lo no throno, que legitimamente occupava: este exerce sobre nós os poderes de Soberano sem consultar nossa vontade; aquelles declarárão guerra á França: este annuncia-se amigo, alliado, protector, e apossa-se do Reino com enganos, para nos sujeitar atraiçoadamente ao seu dominio. Que vingança não pede este incrivel attentado, e que não será o último, se a Europa não oppozer diques poderosos á torrente devastadora? Como se allucinão as Potencias a ponto de não verem que a preponderancia da França procede mais da indolencia e medo dos contrarios, do que das suá proprias forças? Porque se não lembrão do que Annibal pensava dos Romanos, e que exactamente se

applica aos actuaes oppressores? „ Os Ro-
„ manos são invenciveis (dizia aquelle ex-
„ cellente General) porque os seus inimi-
„ gos são medrosos e nescios: enganados
„ pelas ardilezas do Senado, succumbem
„ uns após outros, sem reflectirem que se-
„ ria bem facil alcançarem reunidos e per-
„ sistentes, o que nunca conseguirão sepa-
„ rados e inconstantes. „ Nesta desgraçada idade a Italia, Alemanha, Prussia, e Russia tem cahido no mesmo erro, e cooperado involuntariamente para os triunfos da França. Voltemos á Proclamação.

O Imperador Napoleão quer que este bello paiz seja administrado, e governado todo inteiro em seu nome, e pelo General em Chefe do seu exercito. A tarefa que me impõe este signal de benignidade, e confiança de meu Amo, he difficil de cumprir; mas eu espero preenche-la dignamente, ajudado dos trabalhos dos homens mais instruidos do Reino, e da boa vontade de todos os seus habitantes.

De que modo cuidas tu que o General vai desempenhar a *tarefa*? Lê nas suas proprias palavras, e pasma.

Eu ordeno que se abrão estradas, e rompão canaes, para facultar as communicações, e tornar florescente a Agricultura, e a Industria Nacional, dois ramos tão necessarios á prosperidade de um paiz, a qual

será facil de restabelecer com um povo espirituoso, soffredor, e intrepido.

Paro aqui para me deleitar com a imaginada perspectiva da nossa felicidade futura, e para admirar comtigo o novo creador. Quanto he grande o poder Francez! Para se executarem os projectos mais difficeis e dispendiosos basta dizer *ordeno*. Não vês tu nesta frase o *fiat lux* do Genesis! Duvido porém que chegues a ver o *facta est*.

As rendas públicas bem administradas segurarão a cada Empregado o premio do seu trabalho; a instrucção pública, esta Mãi da civilização dos póvos se derramará pelas Provincias; e o Algarve, e Beira-Alta terão tambem um dia o seu Camões. A Religião de vossos Pais, a mesma que todos professâmos, será protegida, e soccorrida pela mesma vontade que soube restaura-la no vasto imperio Francez, mas livre das superstições que a deshonrão; isto he, aliviadas as Igrejas do pezo de todos os seus ornamentos de oiro e prata: *a justiça será administrada com igualdade, e desembaraçada das delongas, e arbitrios voluntarios, que a sopeavão*; porque no Governo Militar olha-se mais para a brevidade do que para a rectidão das sentenças. *A tranquillidade pública não será mais perturbada por horriveis salteadores, resultado da ociosidade; e se acaso existirem malvados incorri-*

giveis; uma Policia activa livrará delles a Sociedade; a deforme mendicidade não arrastará mais os seus fatos immundos na soberba Capital, nem pelo interior do Reino; estabelecer-se-hão casas de trabalho para este fim; o pobre estropeado alli achará um asylo, e o preguiçoso será empregado em trabalhos necessarios á sua propria conservação

Observo que o General he particularmente affeiçoado ao Algarve, e Beira-Alta, aliàs que lhe custava dar igualmente a cada uma das outras provincias *o seu Camões*? Porque seria mesquinho em prometter fortunas, que nunca por seus cuidados hão de ter realidade?

Dizem-nos que será protegida a Religião de nossas Pais; eu o creio; será protegida como nós. Os baixos embusteiros, conhecendo a poderosa influencia da Religião sobre os homens, prestão-lhe homenagem nas expressões, e fingem respeita-la, porque temem desprezando-a, chamar sobre si a cólera dos póvos, sempre mais promptos a vingar os ultrajes feitos a Deos, do que os seus proprios. Sobre a providencia de *naõ arrastar mais a deforme mendicidade os seus fatos immundos na soberba Capital*, só digo (por não fallar da impropria e ridicula inchação das frases) que ficando Portugal reduzido a miseria extrema pela occupação dos

nossos protectores, e pelo beneficio da contribuição, será baldado o empenho de instituir casas públicas para recolher os pobres, se não tiverem capacidade para receber todos os habitantes do Reino.

Confesso-te que o meu amor proprio se offende, quando vejo que se aspira a illudir o corpo inteiro da Nação, assoalhando sabidas generalidades; que só entreterão espiritos tão superficiaes e ignorantes, que cheguem a confundir as promessas com o cumprimento dellas, e não vejão que a regeneração do Estado não póde ser a obra dos que o roubão e devastão.

De muitos conquistadores nos falla a historia, que assolárão, e exterminárão póvos para contentar caprichos, e ambições; mas invadir manhosa e violentamente um Reino: tirar sem causa as occupações aos empregados: extorquir sommas avultadas por todos os modos possiveis: denominar conquistado o paiz (em que entrou amigavelmente) para lhe impôr uma contribuição, cujo producto he incalculavel: e chamar por fim a tantas desgraças fortunas e prosperidades, he caso unico, que se não repetirá talvez na successão de muitos seculos, e que estava reservado para o feroz Bonaparte, e seus infames Satéllites.

Não renunciemos porém, meu Venancio, á esperança consoladora de ver abatido o seu

poder colossal; julguemos antes que o excesso das calamidades he a aproximação do seu termo. Precisão-se maiores forças para conservar as conquistas do que para alcançalas; os póvos gemem em afrontosa escravidão, e suspirão por liberdade; a Inglaterra, invencivel pela situação, e pela energia do Goyerno; póde, (e lhe convem) prestar soccorros ás Nações, que se resolverem a sacudir o jugo; e a vingança terrivel, que resultar da desesperação, poderá talvez derribar do throno o orgulhoso Tyranno, que tão violentamente tem disposto dos alheios.

CARTA XLVII.

Placido a Venancio.

Março de 1808.

COnquistado o Reino por manhas, e não por armas, seguia-se sustentar pelos mesmos meios a injusta adquisição; e o novo Governador, rigido observante do systema adoptado, já principiou (1), licenciando as Milicias, e recolhendo as armas, a diminuir

(1). Por Decreto de 15 de Fevereiro de 1808. Por outro se tornou a Prohibir o uso das armas de fogo.

os recursos de que poderiamos aproveitar-nos, mostrando assim que mais confia na nossa fraqueza do que no seu valor.

Se ainda ignorassemos as desgraças, que nos affligem, e que se nos preparão, só estas cautelas descobririão de sobejo o fundo das malevolas intenções de quem nos domina. A desconfiança nos Governos he symptoma infallivel de vicio; quando as suas operações tendem todas ao bem público, vive tranquillo o Chefe da Nação no meio dos vassallos, como o Pai amado no centro da sua familia. Mas quando os direitos dos póvos são sacrificados aos caprichos do Soberano, este sempre inquieto e desconfiado multiplica as guardas, escuta os delatores, e sobresaltado continuamente pelos perigos que a consciencia dos seus crimes lhe figura, vê em cada vassallo um inimigo, que espreita occasião para assassina-lo. Tal he, meu amigo, a condição dos que vierão opprimir-nos; certos de que detestamos o seu violento dominio, pertendem que soffiramos manietados o jugo, que despedaçariamos livres.

Quando medito nestas desgraçadas circunstancias, e nos funestos designios dos nossos oppressores, ora me parece que só nos resta chorar sobre tantos males, ora que a desesperação nos fornecerá meios de quebrar as cadêas que nos lanção; porém grande numero de habitantes de Lisboa não pensão,

nem sentem como eu; ás nossas presentes miserias oppõem ideadas proximas venturas, e ás vexações dos duros inimigos, que nos regem, a vingança de um Rei ha mais de dois seculos fallecido. D. Sebastião, que mal aconselhado e temerario passou na idade de 24 annos á Africa, onde se perdeo na infausta batalha de Alcacer, aos 4 d'Agosto de 1578, he o Heroe, que muitas cabeças esquentadas esperão para a restauração de Portugal. Profecias attribuidas arbitrariamente a Santos e homens virtuosos, contos e anecdotas singularmente extravagantes, pronosticos de crianças, e visões de Freiras, são os sólidos fundamentos das suas altas esperanças.

Ninguem (dizem os Sebastianistas) vio morrer D. Sebastião; e muitas pessoas affirmárão que depois o virão, e com elle conversárão neste Reino; logo não morreo na batalha.

Os sectarios de tão risivel opinião, não reparão que aviltão o Rei, que chamão sisudo e Religioso, suppondo-o capaz, se vivo fôra, de vir ao Reino, por elle desamparado só para fazer foscas, e jogar ás escondidas com os vassallos.

D. Diogo de Sousa, continuão elles, Capitão-Mór da Armada, que levou El-Rei a Africa, fez-se á véla, concluida a batalha, logo que entrárão nas náos quatro homens

rebuçados, um dos quaes devia ser D. Sebastião, que depois não quiz descobrir-se. He certo que Fr. Pantaleão o confessou em Jerusalem; em França Fr. João Craveiro; que na India foi visto por muitas pessoas, no tempo que a governava D. Duarte de Menezes; e que fallou em Veneza com altas personagens, em cujo tempo a Abbadessa da Esperança (que por este facto mostrou o seu abalizado juizo, e que só cria o que devia crer) desejando saber se D. Sebastião andava na dita Cidade, ordenou á Madre Martha que o perguntasse a Deos, a qual fez effectivamente a pergunta, e ouvio da boca de Deos um sim. Serve tambem para reforçar estes argumentos ser voz constante em Portugal 1.° que nunca um canteiro pôde acabar a pedra, que se destinava para cobertura do sepulcro do Rei; 2.° que no dia em que chegou o corpo a Belém, correo grande quantidade de sangue da sepultura do Principe D. João seu Pai; 3.° que no incendio do Hospital de Lisboa, que até fundio metaes, só ficou illeso o seu retrato. Acresce a isto o testemunho (sem réplica) da Madre Maria, que moribunda prometteo a huma sobrinha que do outro mundo tornaria a este para lhe dizer se D. Sebastião era vivo ou morto, e voltando, passados alguns dias, bateo na cabeceira do leito, em que dormia a sobrinha, e bradou *he vivo, he*

vivo. Por tanto, concluem elles, D. Sebastião viveo muitos annos depois da batalha; e só morreo nella para os corações obstinados, que resistem aos testemunhos de tantas pessoas authorizadas, e virtuosas.

Não era pouco ter provado com tão rijos raciocinios a existencia de um Rei, depois de enterrado em Belém: mas para a restauração da Monarquia serião inuteis tantas fadigas mentaes, não se mostrando a sua conservação até á idade presente. Para destruir todas as dúvidas argumentão os Sebastianistas na fórma seguinte.

Nos livros de S. Cyrillo, S. Angelo, S. Methodio, S. Isidoro, S. Gil, e outros, lêm-se profecias relativas á vinda de um Rei, que ha de dilatar a Religião Christã, e o Imperio Portuguez, as quaes só podem cumprir-se em D. Sebastião. Só nelle se verifica a promessa do famoso Ermitão do tempo de D. Affonso Henrique, que segurou áquelle Rei que a sua descendencia, na decima sexta geração, bem que apuquentada, de novo se illustraria, e mereceria auxilios divinos para propagação da Fé. Com estes pronosticos concordão .... caso maravilhoso! os que houverão no tempo dos Filippes, e depois da acclamação de D. João IV. São conformes tambem as revelações de Santa Thereza, do Irmão Pedro de Basto, e das Madres Martha, Leocadia, e Brizida; e os

discursos d'um pedreiro, por antonomazia *o Profeta dos murrões*, muito acreditado dos rapazes; e que antes quiz morrer no limoeiro, do que deixar de predizer a vinda do seu amado Rei. A estas provas infalliveis ajuntão elles as authoridades de mudos, que só fallárão para a profetizar, e de meninos, que tendo apenas um anno, claramente o mesmo affirmárão; e o prodigio, com que um rustico do nosso Seculo, por alcunha *o Botas*, confundio alguns incredulos, pois dizendo-lhe estes que era tão impossivel tornar D. Sebastião, como florecer o bordão a que se encostava, elle o cravou na terra cheio de fé, e rebentou subitamente uma amoreira. Metamarfose bem digna de ser cantada por Ovidio, e tão verdadeira, que ainda hoje existem pessoas, a quem outras o contão por certo.

Ignoro, meu amigo, qual seja a resposta destructiva de tantos factos e razões: mas se o teu sagaz engenho ainda podesse achar fio para sair do labirinto, eu te embaraçaria de novo com tres Bulas Pontificias, expedidas (dizem elles) aos Filippes para largarem este Reino por ser vivo D. Sebastião; e com mil passagens da Escritura, que torcidas e forçadas levão esta celebrada opinião ao ultimo gráo de evidencia.

Ousarás tu, depois de leres o que te escrevo, chamar fatuos aos que esperão D.

Sebastião com mais fé do que os Judeos o Messias? e louco ao povo de Lisboa, porque ha poucos dias correo alvoraçado a ver um ovo, em que estavão gravadas as letras D. S. R. P.? Não he semelhante aos antigos este facto moderno, que talvez servirá ainda para a inteira convicção de algum proselyto? Criminarás os que em dias de nevoa sobem aos montes mais elevados da Cidade para descobrirem se já vem cortando as ondas o suspirado defensor? Eu não me atrevo a tanto na sua presença; porque temo, sobre todos os homens, os Fanaticos, sejão quaes forem as idéas exaltadas que os dominem; porém, como penso que nenhum lerá o que te exponho, declaro-te que não contesto seus argumentos, porque he muito mais difficil, senão impossivel, responder adequadamente a disparates do que a raciocinios intrincados; e quando o conseguisse, seria infuctifero o meu trabalho. Se averiguasse a authenticidade das profecias, era para elles maligno e perigoso subtilizador: se não cresse nas revelações dos Beatos, e das Madres, seria, pelo menos, um insolente, que não dava justa veneração á virtude: se duvidasse dos prodigios, tinha coração de Faraó.

Dizem que um dos mais afferrados a esta famosa seita, tendo lido um pequeno bilhete que ás suas mãos chegára por ardís de certos malevolos, e creado ser de D. Sebas-

teão que o convidava a que o fosse esperar de noite em uma das praias do Téjo, correo ao sitio indicado, onde em lugar do abraço do Rei, levou dos authores da trama uma terrivel maçada, depois della infere se por indicios certos que tem affrouxado na fé.

Para a enfermidade dos Sebastianistas julgo mais efficaz este medicamento do que o Elleboro das Anticiras, tão celebrado dos antigos.

CARTA XLVIII.

Placido a Venancio.

Abril de 1808.

TEmos novo Intendente da Policia (1); e o General em Chefe he tambem Duque d'Abrantes por Graça do Imperador dos Francezes. Como os Titulos de Portugal ficão provavelmente diminuidos pela Deputação forçada, que deste Reino sahio ha pouco tempo para França, substituem-se novos para conservar o explendor da Monarquia (2).

(1) Por Decreto de 25 de Março de 1808.

(2) Tambem porque estavão extinctos os Titulos em França, se creárão novos por Decretos de Napoleão. Tal he o do 1.º de Março de 1808, que se refere ao Senatus-Consulto de 14 de Agosto de 1806.

Em turgido estilo se annunciou o segundo despacho na Gazeta de 5 do corrente; e curiosos que estranhárão o fraseado, pesquizárão, e souberão que o mesmo Intendente era agora o compilador della. Assegura-se que este homem comprára em França por avultadas sommas o cargo que hoje occupa em Lisboa; e que o Imperador sabendo quantos prodigios se tem operado no mundo pela palavra, encarregára a este Apostolo a missão de Portugal. Não sei qual será o resultado futuro dos seus trabalhos: mas o que se tem ordenado até agora em seu nome, excita por um lado a mofa, e por outro a indignação; e não me parece que estes dois sentimentos sejão muito favoraveis ás vistas do Conquistador.

Pela sua primeira Ordem de 7 deste mez, manda que as Gazetas, Cartas, ou Proclamações que nos chegarem da Esquadra Ingleza, sejão denunciadas na Intendencia; e que não communiquemos novidades suspeitas ao Governo nos lugares publicos, sob pena de prizão; além da que nos impõe, obrigando-nos a gemer e calar. Não esquece que serão recompensados os espias e delatores. (1)

(1) Deo-se esta Ordem em consequencia de um Decreto de Junot de 5 de Abril, que prohibia de novo a communicação com a Esquadra. 1808.

Por uma de 9 declara réos de morte os cães existentes em Lisboa, e para as execuções promove todos os soldados Francezes a carrascos, (cargo bem digno de taes individuos) tendo por gratificação a pelle do padecente.

Por outra de 11 dá finas providencias para se não venderem chaves sem fechaduras; nem molhos de chaves velhas; nem chaves novas a qualquer pessoa; e tantas vezes falla em chaves, que forma uma enojosa arenga de seis artigos, e de nenhuma utilidade.

Ultimamente como n'um bairro da Cidade alguns moradores castigárão em uma Taberna a petulancia de cinco soldados Francezes, ordena para exemplo, o discipulo de Robespierre, que dos moradores das ruas em que se commetteo a desordem sejão *logo* prezos doze entre os que tiverem peior conducta e fama: e que as tabernas ou casas de povo fiquem por seis mezes fechadas, e seus donos prezos, se não denunciarem alguns dos delinquentes. No resto da Ordem, que contém dez artigos, defende-se de novo o uso das armas, que tanto susto causão aos nossos inimigos. (1)

(1) A primeira Providencia sobre as armas deo-se em 4 de Dezembro de 1807, a segunda em 15 de Fevereiro, esta de que falla o Author em 29 de Abril, e a ultima em 24 de Junho de 1808.

Para prender só os doze homens que n'um bairro tenhão a peior fama, he indispensavel averiguar anteriormente o procedimento de todos; cuja diligencia não póde fazer-se *logo*, como manda a vivacidade Franceza. Conserva-los prezos, se não nomearem réos, não serve para descobrir a verdade, mas para accummular testemunhos falsos, que multiplicarão as prizões e as desgraças; e ordenar, porque houve bulha n'uma taberna, que se fechem todas as do bairro, he fazer justiça de Herodes, ou assustar miseraveis para que procurem dobrar com dinheiro o animo do Magistrado, e já dizem que não he difficil aplacar com *o metal louro, que se ri da traça*, as iras desta Divindade.

A Lei, meu amigo, só castiga o delinquente; e a humanidade ordena, e os melhores Criminalistas recommendão que se deixem antes cem culpados impunes, do que se castigue um innocente. Porém os que governão com baionetas não adoptão maximas de moderação; e se este homem fôra justo, não seria empregado por Bonaparte. Não se cuida agora de reger póvos exercitando dictames de justiça: convem fascina-los com idéas illusorias e assombrosas, faze-los escravos, e empobrece-los; e quem melhor desempenha a honrada commissão, mais lugar consegue na privança do Soberano. Com tudo, enganar uma nação, não he obra que

se incumba a nescios ; e eu começo a desconfiar do saber de Napoleão , pela escolha dos Enviados. Já conhecemos pelo dedo o gigante Junot , e vemos que Lagarde não he mais que um presumpçoso pedante , que na época em que se nos promettem reformas sábias , e extirpação de abusos , trata de chaves velhas e de cães , e mostra na punição dos delictos que ou carece das primeiras idéas de Direito criminal ; ou as despreza por cruel. (1)

(1) Nota-se em duas Gazetas do mez de Abril uma contradicção , que mostra bem quanto erão superficiaes os engenhos , que nos governavão. Na de 16 para que se formasse alta idéa da Policia , asseverou o Intendente que em Lisboa nem se ouvia fallar de delictos triviaes ; e na de 19 disse o General que tendo se multiplicado infinitamente os roubos tanto em Lisboa , como em todo o Portugal , ordenava que o Tribunal Especial (creado por Decreto de 8 do mesmo mez) conhecesse provisoriamente do crime de roubo. Duvido que se possão achar cabeças mais ôcas !

CARTA XLIX.

Placido a Venancio.

Maio de 1808.

SE eu analysasse todos os discursos do novo Gazeteiro *Lagarde*, escreveria mui longas Cartas. São contínuos os sermões indigestos que prega, e as exhortações futilissimas, com que intenta convencer-nos de que devemos esperar em tranquilidade que se convertão em bens os males, que nos affligem. Que descarado embusteiro, meu amigo! Que baixo adulador! Que vil escravo! Com tanto que prospere seu Senhor, nada lhe importa que o resto da especie humana seja desgraçada. Vendido ao Despota que aspira a reger o mundo com imperio absoluto, lida noite e dia para lhe aplanar a escabrosa estrada; inverte a ordem, e altera a verdade de factos conhecidos: compõe relações fabulosas: encarece o poder e sabedoria do Tyranno: elogia os indignos que se curvão ao Idolo, e vitupera os bons que o não acátão. Tem empenhado maiormente a sua rethorica depois que principiou a descrever a entrada das tropas Francezas em Hespanha; e a prometter resultados felizes

da *estreita e mais que nunca sincera allian-ça dos dois Governos.* As verdades, que se podem seperar das imposturas, são as seguintes: que Murat, tendo já passado os Pyrineos, e affectando não querer entrar em Madrid, sem estar de acordo com o Governo Hespanhol, entrou a 23 de Março com o protesto de marchar para Cadis, que o Rei Carlos renunciou a Coroa em seu filho Fernando (1): que o novo Monarca, constando-lhe que o Imperador vinha ás Fronteiras, nomeou o Duque de Frias, o de Medinaceli, e o Conde de Fernan-Nunes para o comprimentarem em seu nome: e que escutando depois, como verdadeiros, homens de conhecida venalidade, resolveo encontrar-se com elle em Bayona, para onde passárão tambem a Rainha, Carlos IV., e os Infantes: que o povo, menos crédulo que seus Soberanos, desconfiando da pureza das intenções do Imperador, fez no dia 2 de Maio o primeiro ensaio de vingança: e que finalmente Bonaparte tendo colhido a Familia Real, a violentou a renunciar os direitos á Coroa de Hespanha, com a qual pertende ornar a frente de seu irmão José.

O iniciado nos mysterios do novo Oraculo cuidou antecipadamente em nos preparar os animos para a grande revolução, ad-

(1) Em Aranjuez a 19 de Março de 1808.

moestando-nos a adorar Napoleão, que já na China, diz elle, lhe chamão *Raio da Luz de Tien*, em Constantinopla *Sol* e *Estrela de Jupiter*, e aconselhando-nos a que não tentemos sondar seus altos segredos, porque chegando o tempo de saber *o que o seu Genio prepara para a sorte, e felicidade dos póvos submettidos á sua influencia, elle o proclama d'uma maneira tão nobre como ingenua* (1). Fallou depois vagamente de accusações reciprocas de Carlos IV. e Fernando VII., e da anarquia inevitavel da Hespanha, se não fôra Arbitro de tão extraordinaria questão *o Principe, que trazendo, e havendo já dado e restituido tantas Coroas, exerce na Europa uma influencia irresistivel* (2).

Tal foi a marcha dos discursos do impostor, em quanto se não commetteo a traição execranda, que privou do Throno de Hespanha ao desgraçado Fernando VII.; mas quando chegou o tempo de descobrir o attentado, annunciou que o Rei Carlos declarára que só tinha abdicado para escapar as

(1) Gazeta de 6 de Maio de 1808 Se Lagarde entendia por *maneira ingenua* palavras claras, não nos enganou; porque Bonaparte quando obrigou Fernando VII. a renunciar, não usou de periphrase; *renunciar, ou morrer = bolsa, ou vida*, são modos de exprimir mui laconicos, e claros.

(2) Gazeta de 10 dito.

tramas da Corte e salvar a vida : que Fernando VII. sabendo da protestação do Pai lhe restituira a Coroa : e que então Carlos IV. a renunciára no Imperador , assim como os Infantes os seus Direitos , para que elegesse a pessoa e Dynastia , que melhor julgasse : que a Familia Real de Hespanha passava ao interior da França , em quanto serenavão as discordias : e que Murat governaria entretanto o Reino como Lugar-Tenente de Carlos IV. (1).

Não podem , meu Venancio , crescer as iniquidades ; nem póde ser mais delgado o véo , com que intentão encobri-las. Na opinião de Bonaparte a Hespanha compõe-se de mentecaptos , dispostos a acreditar que se renunciáo Estados como Beneficios , e a respeitar Decretos dictados pelos algozes , que cercavão seus Soberanos. Não , vil traidor , elevado ao Throno de Luiz XVI. para desgraça da Europa , os Hespanhoes não ignorão que ainda em completa liberdade não póde o Rei transferir a outrem a Coroa , que lhe derão seus póvos , e que seria inválida a renuncia , ainda que não fôra arrancada por violencia. Embora mande o indigno Murat (2) desarmar os Cidadãos , queimar o lu-

(1) A protestação de Carlos IV. as cartas das renuncias , &c achão-se nas Gazetas de 20 , 21 , 27 , 28 , e 30 de Maio de 1808.

(2) Ordem de 2 de Maio publicada em Madrid

gar onde for morto um Francez, responder o Amo pelo creado, o Pai pelo filho, o Prelado pelo subdito; embora clamem os assalariados de Lisboa e Madrid que o povo não póde resistir a tropas disciplinadas, e que será inevitavel a guerra civil, se a Hespanha não acceita o dominio Francez. A Hespanha se preparará, não para a guerra civil, porque não póde have-la levantando-se a Nação inteira por uma só causa, mas para a da vingança, que merece a violação escandalosa dos direitos exclusivos dos povos, e a perfidia atroz do monstro, que a Corsega lançou sobre o Continente para flagello da humanidade. Os Reis que mal aconselhados preferirão a condição abjecta de tributarios á nobre independencia, instruidos agora pelos successos de Bayona, cuidarão em reparar a sua eminente desgraça; e a liga geral da Europa contra a Nação altiva que a tem assolado, mostrará aos perturbadores da nossa felicidade que tem sempre curta duração o Imperio do terror.

CARTA L.

Placido a Venancio.

Junho de 1808.

APezar da lembrança de ajuntar em Bayona uma Deputação Geral de Hespanha, composta de 150 pessoas escolhidas do Clero, Nobreza, e Povo, *para se proporem todos os males, que o precedente systema occasionou, e as reformas e remedios mais convenientes para destrui-los* (1): a pezar da Proclamação, em que Bonaparte promette, além de felicidades infinitas, dar a Coroa de Hespanha a *outro elle mesmo* (2), consta que a fermentação cresce nas Provincias, onde se formão Juntas para representarem o Soberano, em quanto durar o impedimento do legitimo, ou não se der mais idonea providencia

(1) Gazeta do 1.º de Junho de 1808.

(2) Gazeta de 7 dito. Na de 3 nos avisou o Intendente que o primeiro beneficio de que hia gozar a Hespanha era ter estradas novas, e canaes: mas não lhe invejámos a fortuna, lembrados da brevidade, com que Junot tinha aviado obras semelhantes, promettidas no 1.º de Fevereiro.

Lagarde a quem podemos chamar immortal, porque a memoria dos seus crimes será eterna, e que serve em Portugal de Intendente, Missionario, Gazeteiro, e Inquisidor, continua na louca pertenção de nos illudir, asseverando que os bons Hespanhoes suspirão pelo Rei promettido: que os esforços dos máos serão inuteis contra a *estrella invencivel de Napoleão*: que as Juntas não passão de *Clubs*, ou associações populares, que serão tão fataes á Hespanha, como forão á França na Revolução: que desobedecer ao *Imperador seu Rei he crime tão contrario ás Leis da Monarquia, como ás da Religião*: e que não sendo Conquistador, mas Legislador, *sómente se escóra na sua missão evidentemente celeste* (1). Dos Portuguezes affirma, que á excepção d'alguns agentes do inimigo, he inteiramente bom o espirito público: *que Portugal parece um Paiz Francez*: e que até são bem poucas as povoações do Reino, onde se não encontrão *agora Bibliothecas com livros proprios para illustrar os espiritos, e homens que mostrão have-los lido bem* (2). Quanto he grande o influxo da Sabedoria Franceza! Entrárão os bons hospedes em Novembro, e já temos copioso numero de doutos! Que rapidos progressos

(1) Gazetas de 7 e 10 de Junho de 1808.
(2) Gazeta de 3 de Junho de 1808.

não faremos com tão bons principios ? Sómente a força de tempo, e de desvelos constantes se tem conseguido diffundir n'um povo o amor das Sciencias ; mas os Filosofos da Revolução dão a obra acabada em menos de seis mezes.

O nosso Governador tambem se não descuida, e prevendo que provavelmente seguiremos o exemplo dos visinhos, tentou engodar as tropas Portuguezas dando-lhes o mesmo soldo, que as suas recebem em França (1). E porque sente *quão perigoso seria para os bons habitantes da Cidade perturbar-se o socego publico, e deseja que as nossas pessoas, e os nossos bens tenhão nova garantia*, ordenou que os Nacionaes, e Estrangeiros entregassem no Arsenal as armas que tivessem, comminando aos transgressores a pena de prizão, e de muitas reguladas segundo as posses dos delinquentes (2)

Parece com tudo que as precauções são baldadas, e que os póvos querem medir-se com Exercitos Francezes, apezar de serem *os mais formidaveis, e os mais aguerridos da Europa*. Nada menos se infere dos *delirios* de que falla Junot, (3) e do procedi-

(1) Decreto de 14 de Junho de 1808.

(2) Decreto de 24 de Junho de 1808, onde se allegão como razões da Ordem as duas que o Author aponta.

(3) Na bem conhecida Proclamação de 26, que principia, *Que delirio he o vosso ?*

mento do General Hespanhol Beleta no Porto, censurado acerbamente na Proclamação, e Ordem do dia 11 deste mez. Beleta he no parecer de Junot um infame, e vil, porque abusando da confiança, que tinhão nelle os Officiaes Francezes residentes no Porto, os prendeo imprevistamente; e Bonaparte he grande e justo enganando um Monarca com repetidas protestações de alliança e sincera amizade para o despojar dos seus Estados. Segundo a Filosofia dos *reformadores do mundo*, considera-se primeiro que tudo na avaliação das acções humanas, se erão Francezes os que as praticárão: pois gozando desta singular prerogativa, são virtudes os maiores crimes, se individuos de outra raça lhe sentem os effeitos; mas se lhes não coube em sorte tão illustre dita, são muitas vezes delictos horrorosos o cuidado da propria conservação, e a defeza natural. Guiados por estes santos principios abolírão entre nós o Governo que approvavamos, introduzírão outro em que não consentimos, roubárão-nos por mil maneiras differentes, derão-nos na Contribuição um meio de chegarmos a forros, sem termos sido escravos; e querem, sob pena de castigar a nossa cegueira, que adoremos o modélo de rectidão e magnanimidade, que tantos bens derrama sobre nós.

Eu, meu Venancio, nunca dobrarei o

joelho ao idolo dos Francezes degenerados, nunca prostituirei a minha penna em vis adulações; mas como em varias Gazetas deste mez (1) nos advertem que serão punidos com inflexivel rigor os que fallarem, ou escreverem verdades, ponho termo a nossa correspondencia, pois vale mais soffrer calado as vexações e trabalhos, do que ser sacrificado por inconsideração.

CARTA LI.

Placido a Venancio.

Novembro de 1808.

COnservei-me por algum tempo na resolução de referir-te extensamente os acontecimentos do longo prazo dos nossos infortunios; porém mudei de acordo, porque os factos de maior monta succedêrão nas Provincias, e delles só temos por ora as relações mentirosas, compostas a arbitrio dos nossos antigos oppressores; e da descripção dos successos de Lisboa já se tem incumbido muitas pennas. Com tudo para que te não agastes com o meu absoluto silencio, direi succimamente, que applaudi a deserção honrosa

(1) Nas de 3, 4, e 22. * ultimos.

d'uma parte da Guarda da Policia, que partio no 1.º d'Agosto para se unir ao Exercito: que muito ri com a sahida de alguns militares, que findas as hostilidades, corrêrão animosos para a guerra: que não sei formar juizo d'um certo plano não executado, pelo qual, dizem, que se cortava infallivelmente a retirada dos inimigos: que me surprendeo ver no dia 23 d'Agosto chegar com apparencias de triunfo o celebre Duque d'Abrantes depois das derrotas de 17 e 21, e ouvir as descargas d'Artilheria, com que o Castello, e as náos surtas neste porto festejárão a sua entrada: que me indignei por ficar sujeito aos vencidos mais de 20 dias, em que os soldados, ou féras com figura humana se divertirão a tirar a vida aos infelizes que encontravão de noite solitarios: que me senti tocado de desesperação quando conheci que os infames embarcavão com tudo que tinhão tão aleivosamente extorquido e roubado: e que apezar de tantos desgostos, não deixei de ter grande parte na exultação universal dos Cidadão honrados no memoravel dia 15 de Setembro, o primeiro da nossa restaurada liberdade.

Contenta-te, meu Venancio, com este indice, pois nem para tanto tenho o espirito apto: occupado o coração com o amor, nenhum outro assumpto nos parece digno.

Por um navio, que da Terceira hontem chegou a este porto, sei que entrou naquella Ilha o navio, em que partio da America a minha adorada Emilia. Oh meu terno amigo! Se algum dia amaste, se já te arrancárão do objecto do teu amor, e depois te viste a elle restituido, pensa qual será a alegria que me inunda o coração, meus transportes, meus doces delirios, pois não sei descreve-los. Apenas me derão tão grata noticia, de subito corri a abraçar as pessoas com quem habito, e como se podessem adevinhar a causa do meu contentamento, perguntava-lhes se haveria felicidade igual á minha, e julgava divisar nos seus rostos o prazer que me não cabia na alma.

Se fôra hoje o dia da sua chegada, não podia dar-me mais pressa no adorno do quarto, que destino para santuario da belleza, e da virtude. Aqui, digo eu, ordenando os móveis que o guarnecem, aqui neste leito repouzarão seus membros delicados: alli guardará seus vestidos e enfeites: áquelle espelho se comporá com modestia, e se olhará sem vaidade. Neste lugar se entregará á leitura reflectida dos bons livros? naquelle soltará com decente affabilidade expressões medidas, e ajustadas aos objectos da sua conversação. Por que bens, meu amigo, por qúe bens reaes trocaria eu estas poderosas illúsões, que me arrancão da existencia presen-

te, e me fazem viver no futuro! Então no tarei mais namorado que nunca o gracioso volver de seus olhos, e a doçura inexplicavel. de suas palavras, e contando mutuamente os passados dissabores, cada um de nós fará seus os males que compadecer no outro: renovaremos amantes promessas, sempre gratas até aos corações leaes; e anciosos do supremo bem apressaremos o dia do nosso triunfo.

CARTA LII.

Placido a Venancio.

QUe terriveis dúvidas me dilacerão a alma! Repartido entre esperanças desanimadas, e receios espantosos, fluctuo n'um pégo de cuidados, de que talvez não poderei mais salvar-me. Oh meu amado Venancio! Que infausto agouro não he para mim tanta demora! Porque ao menos se me não escreve? Tremem dos effeitos da noticia? Que insensata piedade! Se me não he dado possuir Emilia ... se Emilia não vive, que desgraçados serviços me prestão prolongando-me esta dolorosa existencia! Ah! que indiscreta alegria não foi a minha! Erão as Ilhas por ventura Lisboa para me entregar a tão precipitado alvoroço? Debil por

natureza, e attenuáda pelo rigor d'uma paixão infeliz, como soffreria incommodos inevitaveis em dilatada viagem? A estação perigosa ... os ventos contrarios ... os máres levantados ... ah! meu terno amigo! não sei que pezo enorme me esmaga o coração, talvez já presagó das ultimas desventuras: fujo dos homens: detesto á alegria até nos corações dos outros; e busco como refrigerio cevar-me em solidão no mesmo mal que me atormenta Não, não he possivel que o restante das forças consumidas por um amor ardente e desgraçado, resista por muito tempo a tão repetidos desastres: e se neste coração amotinado se extingue em fim a fraca esperança que lhe resta, e que ainda me sustenta, chorarás sem remedio a perda do teu infeliz amigo.

CARTA LIII.

Placido a Venancio

TUdo para mim acabou. Na flor dos annos levou a morte a mais bella, a mais virtuosa creatura. Ah! eu sou o inconsiderado que excitou o amor na sua alma candida e pura, trocando-lhe em inquietações a doce tranquillidade da sua feliz existencia: eu sou o temerario que aspirou ao supremo

prazer da sua communicação, e só eu devia pagar com a vida este fatal arrojo. Mas ... celeste Emilia! o mundo não te merecia; e a virtude habita pouco sobre a terra, porque tem nos Ceos a sua verdadeira morada. Lê, meu amigo, lê esse espantoso bilhete: vê como lavrou a amizade a sentença da minha morte.

Bilhete de Leandro a Placido.

Já não vive a tua Emilia, desgraçado Placido! Nossos extremos e desvelos não poderão salva-la das violentas convulsões, a que resistio por cinco dias No ultimo delles presentindo o termo fatal, ella me chama, podendo apenas pronunciar o meu nome. A' sua voz entro na camara ... ah! aquella que poucos dias antes só me fallava na ventura de tornar a ver-te, já não queria mais que despedir-se para sempre de nós: e com a serenidade do justo, que não teme a presença do Juiz-Supremo, vinde, nos disse, vinde, meu terno Pai, meu bom Amigo: o Ceo não me nega tudo, quando morro nos vossos braços, quando posso recommendar-vos a vida preciosa do meu infeliz amante. Ajudai-o a supportar este cruelissimo golpe: não o desampareis: conheço a vehemencia da paixão, que tive a desgraça de lhe inspirar: lembro-me de seus terriveis ju-

ramentos . . . ah ! dizei-lhe que a sua Emilia lhe pedio nos ultimos momentos da vida que conservasse os seus dias . . . se eu não fui digna de possui-lo . . . . se tanta dita . . . : não posso mais . . . . Pai . . . . Amigo . . . . adeos para sempre. Dizendo estas palavras , lançou ainda uma vez os olhos sobre nós , e deo o ultimo suspiro.

Homem desgraçado ! que posso eu ajuntar á terrivel narração que acabou de fazer-te? Que posso dizer para consolar-te ? Ah ! conheço , para me não restarem esperanças , que não bastão todas as forças da amizade contra os males desesperados do amor.

Leandro.

Oh Emilia ! és tu quem me pede que viva ? Queres-me antes perjuro , que morto ? Já deliravas na hora extrema : não conhecias o teu Placido. Infeliz amada , perdoa , não he um sacrificio , he um dever : e quando por cobarde me assustasse um ferro , farião os tormentos do amor o que não podesse o meu braço.

Entre eterno , que me ouves , e que nunca acceitaste meus ardentes votos ! comprehendo teus decretos ; roubar Emilia ao meu coração he condemnar-me a morrer.

CARTA LIV.

Placido a seu Pai.

RESTÃO-me poucas horas de vida. A morte não tarda a terminar a existencia, que os vossos rigores não tem cessado de affligir, e abbreviar. Socegai o vosso animo inquieto: já vos não assustará mais a idéa de me ver esposo de Emilia. Vossas injustas violencias lhe abrirão a sepultura no meio dos máres, e me privárão daquelle generoso coração, daquella alma bella e pura, que não tinha igual sobre a terra. Ah! se vós me fizesseis morrer, e a vossa propria mão me ferisse, tranquillo me offerecêra ao golpe sem murmurar: encaro sem agitação o trance que mais aterra os humanos; mas ser sacrificada Emilia, cuja innocencia e bondade só não foi respeitada por vós? e cuja virtude devia dar á vossa descendencia a verdadeira nobreza, e ao meu coração a suprema ventura, enfurece-me, converte me n'um desesperado insensivel ás vozes da patria, do sangue, e dos amigos. Que julgaveis obter impondo-me o preceito barbaro de fugir da que occupava minha alma, e meus sentidos, e a quem já tantas vezes tinha jurado ser seu, ou morrer! Qual Lei vos dava o direito de

dispôr da minha mão a vosso arbitrio? Qual me impunha a obrigação de me fazer desgraçado, para satisfazer um capricho? Saber que uma vez ao menos não triunfava a injustiça poderosa: que os vossos projectos não vingavão, e que eu hia ser em fim o feliz esposo de Emilia, se a morte vos não tivesse servido, terminando seus bellos dias. Ah! .. e poderieis vós olhar como um favor da sorte este funesto accidente? Não vai já o remorso perturbar incessante os vossos melhores prazeres, e forçar-vos a um arrependimento inutil, e doloroso no resto da vida? Preparai-vos, se tanto podeis, para os clamores d'uma familia desgraçada, a quem roubastes o melhor bem que possuia: que vos olha como o author dos seus males, e o assassino de Emilia. Para onde fugireis que vos não siga a imagem triste da desditosa amante, que tanto vos offendeo por me ter amado? Eu mesmo, extincto o fraco alento que me resta, vos apparecerei a todos os instantes: em toda a parte perseguido por minha sombra, julgareis ouvir-me accusando-vos da minha morte, até no meu final suspiro ... mas ... que negros quadros me offerece ainda a fantazia, quando a natureza me abandona! Faltão-me as forças ... a mão apenas forma estes ultimos caracteres, e ainda se varião, e multiplicão as tribulações! Não era preciso tanto para

me tornar odiosa a vida : já me era insupportavel sem Emilia ... vou unir-me a ella na eternidade.

FIM.

INDICE.

CARTA I. PArticipa Placido a Emilia que seu Pai o constrange a passar á Europa para interromper o progresso dos amores, e que a morte lhe parece preferivel a tão dura ausencia . . . . Pag. 1.

CARTA II. Entende Emilia que o amante tem resolvido matar-se, e accusa-o de augmentar seus males em lugar de diminuilos . . . . . 3.

CARTA III. Justifica-se Placido : compara a sua sorte com a da amada, e pede ao Ceo que a faça feliz ainda a preço de ser elle sempre desgraçado . . . . . 5.

CARTA IV. Despedida do amante pouco antes de embarcar . . . . . 8.

CARTA V. Ultimo adeos . . . . . 9.

CARTA VI. A morte de um marinheiro suggere a Placido reflexões sobre a avareza : queixa-se do seu desterro : e jura de novo amar Emilia em quanto respirar 10.

CARTA VII. Conta Placido ao seu amigo Leandro, que deixou na America, como refutou os argumentos de um judicioso passageiro Portuguez, que fundando-se na historia Romana, affirmava que as ar-

tes e sciencias erão damnosas aos costumes . . . . . Pag. 13.
CARTA VIII. Prova a verdade da sua opinião pela historia dos Gregos, Egypcios, e Persas . . . . . 19.
CARTA IX. Demonstra tambem pela historia antiga, e moderna que as sciencias não são incompativeis com as virtudes militares, como pertendia o seu contrario 24.
CARTA X. Observa ultimamente que os homens tem abusado das artes e sciencias, mas que as desgraças dos povos tem origem nos vicios dos Governos e Administrações . . . . . 28.
CARTA XI. O prazer dos navegantes á vista das Costas de Portugal renova a saudade no coração de Placido . . . . 35.
CARTA XII. Communica Placido a Leandro algumas reflexões relativas á Cidade de Lisboa . . . . . 37.
CARTA XIII. Noticia succinta das modas da Corte . . . . . 40.
CARTA XIV. Venancio (o Portuguez que Placido encontrou no navio) censura o luxo, e convida Placido a defende-lo 43.
CARTA XV. Argumentos a favor do luxo . . . . . 45.
CARTA XVI. Descreve Emilia o tormento da ausencia; e pelas expressões de que usa, deixa entrever que parte para Portugal . . . . . 50.

CARTA XVII. Entende Placido que a sua amada determina fugir, e supplica-lhe que não dê tão perigoso passo . . Pag. 54.
CARTA XVIII. Compara Venancio as mulheres de Lisboa com as das Provincias, e decide-se pela educação que se lhes dá na Corte . . . . . 56.
CARTA XIX. Refuta Placido a opinião de Venancio . . . . . 58.
CARTA XX. Argumentos contra a intolerancia . . . . . 62.
CARTA XXI. Observações de Venancio sobre a Universidade de Coimbra e seus estudos . . . . . 66.
CARTA XXII. Annucia Leandro a Placido que Emilia parte com seu Pai para Portugal. Reflexões sobre a oppressão geral dos póvos sujeitos a Governadores 69.
CARTA XXIII. Agradece Placido ao amigo a preciosa nova que lhe communicou . . . . . 72.
CARTA XXIV. Placido, transportado com a esperança de tornar a ver Emilia, assevera lhe que a dignidade de seu esposo he o termo das grandezas humanas . 74.
CARTA XXV. Raciocinios de Placido sobre a escravidão . . . . . 75.
CARTA XXVI. Arrogancia geral dos Magistados; deshumanidade dos beleguins, e máo estado das cadêas . . . . 81.
CARTA XXVII. O jogo he o entreteni-

mento universal das companhias. As casas públicas de jogo são consentidas e prohibidas em Lisboa . . . . . Pag. 83.
CARTA XXVIII. As formalidades fazem eternas as demandas . . . . . 85.
CARTA XXIX. Os Theatros de Lisboa são escolhas de depravação . . . 88.
CARTA XXX. Os Cavalheiros das Provincias são de ordinario fanfarrões na Corte . . . . . 92.
CARTA XXXI. Venancio ainda julga mais ridicula a vaidade nas pessoas de humilde nascimento . . . . . 95.
CARTA XXXII. Enfastiado Placido das sociedades de Lisboa, retira-se ao campo para gozar do expectaculo variado da Natureza, e da presença de familias contentes; mas em lugar de virtude e abundancia, só encontra maldade e pobreza 97.
CARTA XXXIII. Expõe Venancio, em resposta, a condição miseravel dos nossos lavradores . . . . . 100.
CARTA XXXIV. Lamenta Venancio a sorte desgraçada das mulheres, sujeitas em toda a parte á tyrannia dos homens . 103.
CARTA XXXV. Segue Placido a opinião de Venancio, e a corrobora com exemplos . . . . . 107.
CARTA XXXVI. Os homens mudão quasi sempre de caracter passando de amantes a maridos . . . . . 109.

CARTA XXXVII. Despotismo louco dos Chefes das familias . . . Pag. 111.
CARTA XXXVIII. Continuação da mesma materia . . . . . 214.
CARTA XXXIX. Comparação das qualidades dos dois sexos. Elogio das mulheres . . . . . 117.
CARTA XL. A Sociedade he mais culpada que a Natureza nas discordias conjugaes . . . . . 121.
CARTA XLI. Embarca a Familia Real para o Brazil. Entrão os Francezes em Lisboa . . . . . 126.
CARTA XLII. Analyse da Proclamação de Junot. de 17. de Novembro de 1807 - 130.
CARTA XLIII. Reflexões sobre varias Ordens e Decretos do mesmo General. Alvoroto da plebe de Lisboa no dia 13 de Dezembro de 1807 . . . . . 134.
CARTA XLIV. Portugal governado por tres Soberanos. Reflexões sobre a licença para a venda das Fazendas Inglezas 138.
CARTA XLV. Reflexões sobre o Decreto que prohibio a pesca . . . . . 143.
CARTA XLVI. Declarão os Francezes que a Casa de Bragança não poderá reinar mais em Portugal. Analyse da Proclamação do 1. de Fevereiro de 1808 , 145.
CARTA XLVII. Delirio dos Sebastianistas. Remedio efficaz contra esta enfermidade . . . . . 154.

CARTA XLVIII. Reflexões sobre as ordens que o Intendente Lagarde publicou em Abril de 1808 . . . . Pag. 161.
CARTA XLIX. O Intendente assumindo o officio de Gazeteiro, pertende córar a traição de Bonaparte em Bayona. Exposição verdadeira do attentado. Consequencias delle . . . . . 166.
CARTA L. Novos conselhos de Lagarde. Precauções de Junot. Principios de Revolução em Hespanha e em Portugal. Termina Placido por cautela a correspondencia . . . . . 171.
CARTA LI. Aponta Placido os factos mais importantes succedidos em Lisboa nos dias da nossa restauração, e participa transportado de prazer a Venancio a nova de ter chegado á Ilha Terceira o navio em que devia partir da America a sua amada 175.
CARTA LII. A falta de cartas inquieta o espirito de Placido; julga indiscretos os seus transportes, e só vê desgraças no futuro . . . . . 178.
CARTA LIII. Remette Placido a Venancio um bilhete, em que Leandro descreve a morte de Emilia. Resolução desesperada do amante . . . . . 179.
CARTA LIV. Aproveita Placido as poucas horas que lhe restão de vida para criminar seu Pai de ser com tanta injustiça e crueldade o author dos pezares da fa-

milia virtuosa de Emilia , e da morte de duas pessoas , que honestamente se amavão . . . . . Pag. 182.

Fim do Indice.

79-226
R+D
15 Jan 1979

C820
B577c

Cr8